



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL
(PROFLETRAS)

DEGIVANE LIMA MAGALHÃES

DO DESMATAMENTO AO TURISMO: a construção de sentidos a partir da leitura de notícias sobre a Amazônia Paraense.

BELÉM-PARÁ

2020

DEGIVANE LIMA MAGALHÃES

DO DESMATAMENTO AO TURISMO: a construção de sentidos a partir da leitura de notícias sobre a Amazônia Paraense.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras (PPGL), Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito de avaliação parcial para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação do Prof. Dr. Marcos André Dantas da Cunha.

BELÉM – PA

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- M188d Magalhães, Degivane Lima.
Do desmatamento ao turismo : a construção de sentidos a partir da leitura de notícias sobre a Amazônia paraense / Degivane Lima Magalhães. — 2020.
IX, 135 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Marcos André Dantas da Cunha
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2020.
1. Discurso. 2. Leitura. 3. Notícia. 4. Sujeito. 5. Identidade.
I. Título.

CDD 418.007

DEGIVANE LIMA MAGALHÃES

DO DESMATAMENTO AO TURISMO: a construção de sentidos a partir da leitura de notícias sobre a Amazônia Paraense.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras (PPGL), Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito de avaliação parcial para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação do Prof. Dr. Marcos André Dantas da Cunha.

Data da avaliação:

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos André Dantas Cunha – Orientador
PROFLETRAS-UFPA

Prof. Dra. Márcia Andréa Almeida do Oliveira – Examinadora Interna
PROFLETRAS-UFPA

Prof. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa – Examinadora Externa
PPGL- UFPA

BELÉM- PA

2020

Aos meus alunos e alunas, paraenses e sujeitos participantes desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai todo poderoso, pela força e inspiração, pela oportunidade de participar deste curso e concluir mais esta pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Dr^o. Marcos André Cunha, os meus sinceros e eternos agradecimentos, pela preocupação com a qualidade desse trabalho, pela paciência, dedicação e carinho durante todo o nosso percurso, pelas orientações, correções e pela humildade em compartilhar seus conhecimentos e experiências.

Às Professoras Dr^a. Iaci Abdon e Dr^a. Fátima Pessoa, pelas significativas contribuições dadas a este trabalho por ocasião do Exame de Qualificação.

A minha amiga e professora, Angélica Oliveira, pela gentileza na contribuição com a produção do Abstract.

Aos professores do PROFLETRAS – UFPA, que compartilharam seus conhecimentos e contribuíram com minha formação profissional. Aos coordenadores do PROFLETRAS na UFPA, pelo compromisso e responsabilidade com a organização do curso e esclarecimentos prestados. À secretária do programa, Cláudia Mancebo Carneiro, pelo carinho e atenção com que sempre nos atendeu.

À direção da escola pública estadual do município de Igarapé-Açu, que autorizou a realização da pesquisa na instituição. Aos alunos da turma 8º ano F/2019, pela participação e contribuição na pesquisa.

Aos meus colegas do curso, por todos os conhecimentos e experiências compartilhadas, pela amizade e palavras de incentivo.

Ao amigo e companheiro de estudos Erick José, pela companhia, carinho, amizade e paciência na intensa jornada de pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Aos meus pais, Djalma e Selma, que comigo deram os primeiros passos rumo a minha formação estudantil, zelando pela minha frequência e desempenho escolar, incentivando-me sempre para alcançar meus objetivos, meus sinceros e eternos agradecimentos.

“A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”
(Foucault, 1985)

“Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”
(Certeau, 2005)

RESUMO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de se buscar por atividades educacionais que contribuíssem efetivamente na formação do sujeito leitor por meio de práticas de ensino de leitura em uma perspectiva discursiva, levando em consideração a construção de sentidos da identidade paraense pelos sujeitos alunos, a partir da leitura de notícias sobre a Amazônia paraense. Delimitamos como foco de nossa análise duas temáticas que podem ser vistas como dicotômicas, apontariam para algo positivo e algo negativo a respeito do estado do Pará-Brasil (Amazônia), quais sejam, o desmatamento e o turismo. Nesse estudo, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso- AD de tradição francesa, especialmente, nas concepções de Foucault (1996; 2004; 2007; 2009), Pêcheux (1995; 1997), Orlandi (2001; 2015), Cunha (2011), entre outros. Nesse sentido, objetivamos que os alunos sujeitos leitores pudessem vislumbrar quais são as principais referências sociais e culturais que cercam a identidade paraense e como se processam estas na realidade deles. Este estudo foi desenvolvido com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Igarapé-Açu- PA. Para viabilizar nossa pesquisa, a metodologia principal empregada foi com base na pesquisa-ação, de cunho qualitativo. O corpus foi formado a partir de recortes de enunciados dos sujeitos alunos acerca das leituras de notícias sobre a temática do desmatamento e do turismo; relacionadas ao estado do Pará.

Palavras-chave: Discurso. Leitura. Notícia. Sujeito. Identidade.

ABSTRACT

This research arose from the need to search for educational activities that effectively contribute to the formation of the reading subject through reading teaching practices in a discursive perspective, taking into account the construction of meanings of Paraense identity by the student subjects, from reading news about the paraense Amazon. Delimited as the focus of analysis, two themes that can be seen as dichotomous, they would point to something positive and something negative about Pará, which are, deforestation and tourism. In this way, we will seek in this research to work on reading and the construction of meanings based on readings of texts of this kind, especially those that bring discourses about Paraense identity (s). In this study, we used the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis - AD of French tradition, especially in the conceptions of Foucault (1996; 2004; 2007; 2009), Pêcheux (1995; 1997), Orlandi (2001; 2006; 2015), Gregolin (2007), Cunha (2011), among others. In this sense, we aim that these students can glimpse what are the main social and cultural references that surround the Paraense identity and how they are processed in their reality. This study was developed with a 8th grade of elementary school in a public school in the municipality of Igarapé-Açu-PA. To make our research feasible, the main methodology used was based on action research, of a qualitative nature. The corpus was formed from clippings of responses from student subjects about the reading of news on the theme of deforestation and tourism; related to the state of Pará.

Keywords: Discourse. Reading. News. Subject. Identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-TEMÁTICOS.....	21
1.1 O DISCURSO, O ENUNCIADO E A LEITURA DISCURSIVA	21
1.1.1 Língua e discurso	22
1.1.2 O enunciado e as produções de sentido	24
1.1.3 A leitura na perspectiva discursiva	25
1.2 ENUNCIACÃO, SUJEITO E IDENTIDADE.....	29
1.2.1 Enunciação e construção de sentidos.....	29
1.2.2 O sujeito e a identidade	31
1.3 MÍDIA E FORMAÇÃO DISCURSIVA.....	37
1.3.1 O discurso midiático	37
1.3.2 O enunciado da notícia.....	42
1.3.3 O pertencimento do sujeito: memória discursiva	43
1.3.4 As formações discursivas e a ideologia	46
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS- METODOLÓGICOS.....	46
2.1 PESQUISA QUALITATIVA: PESQUISA-AÇÃO	49
2.1.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados	49
2.1.2 Atividade diagnóstica: questionários	51
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	52
3 ANÁLISE E MEDIAÇÃO DISCURSIVA.....	53
3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....	53
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	87
4.1 LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DE NOTÍCIAS SOBRE O DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA.....	88
4.1.1 Análise de títulos de notícias sob o ponto de vista discursivo.	88
4.1.2 Análise dos sentidos produzidos nas notícias por meio da relação entre linguagem verbal e não verbal	89
4.1.3 O estudo da polifonia e polissemia nas notícias	90
4.2 DEBATES EM TORNO DA IDENTIDADE PARAENSE	92
4.2.1 Análises de letras de músicas que retratam a cultura paraense	93
4.2.2 Vídeos sobre a cultura paraense (série de reportagens do canal GNT- intitulados “Tour por Belém”)	94

4.2.3 Opinião acerca da identidade paraense (produção textual)	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE	116
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

Em nossa experiência enquanto professora da Rede Pública de Ensino durante mais de dez anos pudemos observar que uma parcela significativa dos estudantes do ensino básico apresenta dificuldades para ler e construir sentidos a partir da leitura de textos. No que se refere à construção de sentidos a partir da leitura de gêneros jornalísticos como a notícia, parece que os sujeitos-alunos apresentam uma dificuldade acentuada em reconhecer que a notícia (assim como outros gêneros midiáticos) apesar de ser um gênero considerado informativo, também se caracteriza como texto que é formador de opinião, de posicionamentos acerca daquilo que noticiam, (CUNHA, 2011). Isso demonstra a necessidade de fazermos um trabalho em sala de aula que objetive promover espaços de leitura acerca dos discursos que ocorrem em textos informativos, como é o caso do gênero discursivo notícia, refletindo e analisando acerca de sua produção de sentidos enquanto motivador de leituras opinativas, posicionamentos temáticos. Dessa forma, buscaremos nessa pesquisa trabalhar a leitura e a construção de sentidos a partir de leituras de textos desse gênero, em especial às que trouxerem discursos acerca da identidade (s) paraense. Para tanto, buscaremos subsídios teóricos na Análise do Discurso- AD de Linha Francesa, especialmente nas teorias dos autores Michael Foucault (2008) e Pêcheux (1997).

Nesse sentido, a pesquisa será relevante para subsidiar, mais sobretudo para nos possibilitar a análise de forma mais eficaz dos discursos produzidos pelos sujeitos alunos, no processo de leitura e construção dos sentidos acerca dos discursos presentes nas notícias de jornais, produzidos no estado do Pará, sobre a Amazônia paraense. Em nosso trabalho de pesquisadora docente, à perspectiva da análise do discurso, tende a proporcionar a leitura do texto para além da literalidade. Assim despertar um olhar menos ingênuo e estereotipado da realidade social da qual esses sujeitos-alunos estão inseridos.

Sabemos que os textos jornalísticos são informativos, mas essa delimitação não lhe retira o fato de veicular posicionamentos discursivos. A informação justamente por tender a não se comprometer com uma dada posição, acaba por trazer estratégias para persuadir sem parecer fazê-lo. Então, nas notícias pode haver um viés ideológico, enunciando uma formação discursiva. Sobre esse aspecto faz-se importante mencionarmos o que Cunha (2011, p. 132) destaca:

O autor do texto jornalístico não seria uma individualidade na matriz sonora ou gráfica do texto/discurso, mas sim um princípio pelo qual se agrupariam uma série de discursos, eixo que tramaria certas correspondências, coerências entre um conjunto de enunciados. Esse princípio se faria mais contundente no jornal no caso do editorial e das colunas. Estas vêm sempre assinadas por um determinado jornalista ou outro profissional que assume um espaço nesse veículo de informação. (CUNHA, 2011, p. 134).

Nesse sentido, é necessário que trabalhemos esse suporte textual em sala de aula de modo a promover essas análises juntamente aos alunos. Entender que em uma matéria jornalística, que a princípio se mostraria como “neutra”, há uma rede de discursos filiados que podem e devem ser compreendidos, à medida que refletimos acerca desses enunciados que são veiculados nas notícias.

Assim, é importante que pensemos a escola também como um lugar de reflexão, em que no contexto atual, seja ainda uma forma de desenvolvermos a criticidade juntamente aos discentes. Sobre esse aspecto, é relevante mencionar que a partir das análises realizadas, buscaremos desenvolver atividades interventivas que propiciem aos sujeitos alunos se posicionarem sobre as informações noticiadas, além de observarmos e compreendermos os discursos que são veiculados em tais gêneros.

Desse modo, não podemos deixar de observar que precisamos oportunizar aos discentes um ensino da língua mais relacionado com as práticas discursivas de linguagem por meio de gêneros diversificados. E essa compreensão é fundamental para nós professores de língua portuguesa. Daí, por meio de análises e reflexões sobre nossas práticas, poderemos explorar metodologias mais eficazes, em que possamos mediar um ensino de língua mais reflexivo, significativo e interacional. Dessa forma, acreditamos que a linguagem, suas concepções e como ela se realiza nas práticas sociais são princípios fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa. E dentro dessa perspectiva, merece relevância as teorias da Análise do Discurso de linha francesa.

Em uma sociedade letrada e que vive imersa em diversos discursos, difundidos principalmente pelo meio midiático, creio que seja bastante necessário pensar a escola comprometida com o ensino da leitura de modo discursivo, em que se analise os contextos sócio históricos nos quais esses enunciados foram produzidos, em que se possa ampliar as produções de sentidos. E considerando toda a precarização a qual vivenciamos atualmente na educação em nosso país, mais ainda se faz necessário nosso compromisso com o ensino reflexivo e produtivo da linguagem, enquanto profissionais conscientes e que exercem suas cidadanias. Nas experiências de formação continuada com educadores da área, é corriqueiro ouvirmos questionamentos sobre o que fazer para intervir de maneira efetiva para se promover um ensino de língua que favoreça a apropriação da leitura por nossos estudantes, nos mais diversos usos sociais da língua?

Nesse contexto, fizemos um estudo com tais objetivos, buscando seguir propostas metodológicas com base na pesquisa-ação, que partem do pressuposto de que os professores possam utilizar seus trabalhos de pesquisa para o aprimoramento de seu ensino, e

consequentemente, o aprendizado de seus alunos, sobretudo no que diz respeito à leitura. Desse modo, pretendemos utilizar em nossa pesquisa o gênero discursivo notícia de jornais escritos, “Diário do Pará” e “O Liberal”, como base para o ensino da língua, por acreditarmos que os textos correspondem a uma prática de linguagem sócia interacionista, na qual se podem considerar os mais diversos elementos envolvidos no discurso. Para essa delimitação de gênero, elegemos como embasamento Bakhtin (1999, 2003, 2006).

Por ser o Mestrado Profissional um momento de aprofundamento de conhecimentos acerca da linguagem, e suas implicações pedagógicas, buscamos desse modo, realizar uma pesquisa que focalize a prática profissional docente, no que se refere a mediação da linguagem no ensino fundamental maior. Então, resolvemos pesquisar as atividades que consideramos as mais relevantes para os nossos alunos da turma de 8º ano do E.F, devido às dificuldades apresentadas por eles, no que se refere à leitura enquanto construção de sentidos a partir de gêneros discursivos. Para trabalharmos com a leitura, conforme já ressaltamos, daremos ênfase ao gênero “notícia”, isto por considerarmos o jornal como um suporte textual do cotidiano, ou seja, um meio bastante presente no dia a dia de muitos dos discentes.

As notícias veiculadas nos jornais ainda que sejam consideradas “neutras”, uma espécie de testemunho da realidade, na verdade de modo eficaz buscam reproduzir certas “verdades” históricas dos sujeitos sócio-históricos que referendam certa posição discursiva das empresas midiáticas¹. A busca por elucidar as possibilidades de leitura subjacentes acerca das temáticas do desmatamento e turismo como índices da identidade paraense se faz fundamental nesse trabalho.

Isso de modo a favorecer aos discentes aprendizados em que se possam reconhecer tais visões de mundo e/ou ideologias presentes nesses textos, objetivando assim, a leitura enquanto construção de sentidos. Além do caráter social que é inerente a esses textos jornalísticos, buscaremos também, dar ênfase às temáticas relacionadas à (às) identidade (s) paraense (s). Isso por pensarmos ser relevante discutir em sala de aula os discursos que são veiculados pela mídia jornalística sobre a Amazônia paraense, principalmente verificarmos até que ponto temos nos textos posicionamentos mais ou menos homogêneos acerca da região focalizada, no que se refere às temáticas selecionadas. Daí motivar esses momentos de reflexão crítica sobre a construção de suas identidades.

¹ Os discursos veiculados pela mídia, operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes. (Gregolin, 2007, p. 18).

Nesse sentido, é inegável que a prática de leitura e construção de sentidos em um texto deve levar em consideração o discurso e sua forma de funcionamento e os modos constitutivos que uma palavra pode assumir; de modo a propiciarmos o entendimento por parte dos discentes de que um mesmo fato linguístico pode funcionar, objetivamente ou subjetivamente, de acordo com as especificidades do enunciador, ou seja, em conformidade com a caracterização social, a faixa etária, a identidade regional (aqui frisada). Também considerar as possibilidades de interlocução histórica e social dos sujeitos implicados no ato de enunciação. A notícia é um texto que se caracteriza pelo distanciamento entre locutor e interlocutor, uma vez que no momento em que o jornalista escreve, ele faz uma “imagem” mental de seus interlocutores, o que Pêcheux (1997), denomina de “leitor virtual”, que será confrontada pelo leitor real e repercute nos enunciados, numa dada formação discursiva.

Na sequência do discurso, existe um esquema de manipulação que parte do enunciador (escritor/jornalista) e se revela no enunciatário (leitor). Desse modo, o texto é uma esfera de manipulação consciente, em que o enunciador seleciona e organiza na língua os elementos expressivos disponíveis que cumprem melhor papel para veicular seu discurso, o que, na perspectiva da Análise do discurso seria um fato constitutivo, ou seja, traria uma opinião em si constituída (Foucault, 2008). Portanto, esse projeto se propõe a investigar a leitura e a construção de sentidos em uma turma de 8º ano de Ensino Fundamental, com uma análise dos aspectos discursivos que permeiam o gênero jornalístico notícia.

Vale ressaltar, ainda, que realizamos esta pesquisa na condição de professora pesquisadora, com todas as suas singularidades, uma vez que é na sala de aula que observamos os comportamentos e atitudes de nossos alunos. Ou seja, buscamos exercitar simultaneamente o papel docente sob o viés de observadora de nossa própria prática, mediação de leitura com nossos alunos. Esse deslizamento se faz essencial para que possamos compreender e observar as relações envolvidas no processo de ensino- aprendizagem dos sujeitos-alunos, reconhecendo como o processo de discursividade afeta de maneira particular a nós e aos discentes em sala de aula. Então, o exercício de sermos professores-pesquisadores objetiva entender as problemáticas referentes ao ensino da língua/linguagem da leitura/discurso envolvidos no contexto educacional.

Ademais, relacionamos como justificativa para a efetivação dessa pesquisa, nossa trajetória profissional e acadêmica, em que pautamos nossos estudos em trabalhos e pesquisas realizados na área da Análise do Discurso-AD. Objetivamos ainda, realizar uma pesquisa na AD que possa servir como referencial teórico e prático para pesquisadores, estudantes e professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, buscamos verificar na área da AD, os estudos já relacionados ao enfoque dessa pesquisa e que nos serviram de referência conceitual. Destacamos assim, quatro desses estudos: as dissertações de mestrado Profissional em Letras, do Programa de Pós- Graduação em Letras (PROFLETRAS) Costa (2016), Santos (2016) e Sousa (2017), as quais são pesquisas voltadas ao ensino de língua Portuguesa; e a tese de doutorado de Cunha (2011), uma pesquisa na Área da Análise do Discurso, em que se buscou compreender a perspectiva linguístico-discursiva daquilo que se veicula no jornal de maior representatividade na mídia nacional (localizado no estado de São Paulo) a respeito do estado do Pará. Esta também faz parte de nosso referencial teórico, pois em nossa pesquisa trabalhamos a relação da mídia jornalística e a sua importância para a construção de sentidos em torno da identidade paraense.

Costa (2016), em sua dissertação com o tema: “Ensino de Língua Portuguesa e Constituição de Identidades de Gênero: um estudo discursivo”, do Programa de Pós- Graduação em Letras- PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio grande do Norte, investigou com base na teoria da AD, como se estabelecem as relações de poder dentro de um sistema hierárquico, nas quais a supremacia do gênero masculino é quase sempre preponderante. Nesse sentido, buscou analisar os modos de representação das identidades de gênero em práticas discursivas no ensino de Língua Portuguesa, e quem é esse sujeito que produz esse discurso. Os resultados obtidos indicaram, quanto ao discurso dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, ser possível afirmar que mesmo com toda heterogeneidade da sala de aula, a parte interventiva da pesquisa cumpriu seu objetivo. Os estudantes demonstraram ter a compreensão do gênero não somente como algo relacionado aos aspectos biológicos, mas também como algo cultural e histórico

Em sua pesquisa- ação participante, Santos (2016), do Programa de Pós- Graduação em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal de Alagoas, realizou um trabalho com o título: “Sujeito, língua e discurso no trabalho com textos argumentativos”, em que se objetivou analisar discursivamente como se processam as relações entre sujeito, língua e discurso no trabalho com textos argumentativos no espaço da sala de aula. A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos demonstraram que os sujeitos alunos tomaram a argumentação na escola não como um processo em que os sentidos de enunciados podem ser construídos, mas sim como um produto pronto e estabilizado.

Souza (2017), em sua dissertação do Programa de Pós- Graduação em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina- Grande, com o tema: “Discursivização e didatização: aplicabilidades didático-pedagógicas do gênero fábulas no ensino fundamental II”, estudou a leitura numa perspectiva discursiva. A pesquisadora analisou a construção de

sentidos a partir da adoção do gênero fábula, considerando-o como um ponto de partida para a mediação da leitura em sala de aula e ao viés da Análise de Discurso. Então, foi possível observar a construção de sentidos dos textos, num jogo interlocutivo em que se presentificaram autor-leitor-autor-processo de produção. Nesse sentido, por meio do estudo, buscou-se provar que a leitura, enquanto produtora de sentidos, efetiva-se no espaço da interdiscursividade.

Em sua tese intitulada: “Tão longe, tão perto: A identidade paraense construída no discurso da mídia do Sudeste brasileiro”, Cunha (2011) propõe uma discussão sobre o discurso acerca das produções textuais e semiológicas do jornal paulista “folha de S. Paulo”. Em que se buscou analisar as produções identitárias acerca do estado do Pará/Brasil feitas por um representativo veículo midiático da imprensa escrita nacional, localizada no centro-sul (sudeste brasileiro). Este estudo foi fundamentado na Análise do Discurso Francesa, embasada em Michel Pêcheux e Michel Foucault. Verificou-se regularidades que apontam para a produção de determinadas identidades a respeito desse estado amazônico. Essa investigação buscou nos discursos da “Folha de S. Paulo”, modos de dizer referendando, reproduzindo ou resistindo a determinados saberes acerca do estado do Pará.

Consideramos os trabalhos acima citados, nossa pesquisa também se delimita a área da Análise do Discurso de linha francesa, embasada sobretudo em Foucault e Pêcheux. E esse trabalho pode de certo modo ampliar, trazer relações com os estudos citados, por enfocara temática do discurso e a relação com a identidade. Isso de modo a analisar como se processam as construções de sentido, acerca da identidade paraense realizadas por alunos do Ensino Fundamental do 8º ano, delimitando-se aos temas do turismo e do desmatamento,

Assim, a pesquisa será realizada em uma escola da Rede pública de ensino, a escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Nilo de Oliveira” que está localizada na Zona Urbana, do município de Igarapé-Açu-PA. Esta instituição é regulamentada pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Pará, possui transporte público para os alunos da Zona Rural e atende as modalidades de Ensino Regular: Fundamental maior; Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos: EJA, todas de modo presencial. Algumas outras atividades são desenvolvidas atualmente na escola: práticas esportivas com jogos de vôlei e futsal.

Então, considerando o exposto, elencamos como questões norteadoras da pesquisa:

- Como os sujeitos-alunos inscrevem suas identidades sociais e culturais a partir das leituras de notícias de jornais regionais sobre a Amazônia?
- Como as notícias veiculadas pela mídia paraense referem-se ao estado do Pará considerando as temáticas do turismo e do desmatamento?

- Os sujeitos alunos ao produzirem sentidos a respeito do turismo e desmatamento a partir das notícias produzidas pela mídia impressa regional, identificariam tais temáticas com identidades paraenses respectivamente mais ou menos positivas e ou negativas?

- Os sujeitos- alunos sabem identificar as estratégias discursivas utilizadas em textos do gênero notícia de modo a observar os recursos linguísticos empregados para a promoção de determinados sentidos identitários em títulos e /ou manchetes desses gêneros midiáticos?

Quando a mídia trata de turismo e do desmatamento/queimadas parece apontar para aspectos positivos e negativos referentes ao estado do Pará. Ressalte-se sobretudo o fato de tais temas aparecerem em notícias, ou seja, nos jornais que declamam uma neutralidade, um compromisso com uma certa verdade. Também, o modo de se referir a tais temas, irá apontar para perspectivas, posicionamentos mais ou menos delimitados, explicitados. Seria muito mais o caminho do implícito, do parcialmente dito que parece revelar o modo de dizer, de enunciar da mídia. Então, a partir dessas inquietações, trazemos a questão mais central desse projeto, qual seja:

- Como os sujeitos-alunos constroem sentidos e inscrevem suas identidades sociais e culturais a partir das leituras de notícias de jornais regionais acerca do desmatamento e turismo sobre a Amazônia?

E partindo de tais questionamentos, temos como objetivo Geral: Analisar como os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental constroem sentidos e inscrevem suas identidades sociais e culturais acerca das temáticas paraenses desmatamento/queimadas e turismo a partir das leituras de notícias de jornais regionais.

Daí, aparecem como objetivos específicos: compreender quais as leituras dos sujeitos-alunos a respeito dos discursos das notícias, isso de modo a entender se há identificação, aceitação, reafirmação ou desconstrução ou ainda inscrição das identidades de tais alunos nesses discursos; Possibilitar o debate acerca das temáticas do turismo e do desmatamento referente a Amazônia Paraense, incentivando, desse modo, as mudanças nas relações sociais de cunho preconceituoso e excludente.

Ainda contribuir para a ampliação das possibilidades de leitura/produção de sentidos dos discentes, por meio de uma proposta pedagógica de leitura e construção de sentidos a partir do gênero discursivo notícia. Também verificar por parte dos sujeitos alunos o reconhecimento das estratégias do gênero discursivo notícia, bem como dos recursos linguísticos empregados para a produção de determinados efeitos identitários, particularmente nos títulos de manchetes. Finalmente verificar se os sujeitos alunos identificam as temáticas do turismo e do

desmatamento veiculados nas notícias dos jornais regionais respectivamente com temáticas mais ou menos positivas e/ou negativas.

Para tanto, necessitamos de estudos que embasem nosso trabalho de pesquisa em alguns estudiosos. O referencial teórico desse trabalho de pesquisa será com base nos estudos de Michael Foucault (1996; 2004; 2008; 2009), Pêcheux (1995; 1997), Bakhtin (1999; 2003; 2006). Também utilizaremos as contribuições de Orlandi (2001; 2015), Cunha (2011), assim como os conceitos de Bauman (2001, 2005), Hall (2006), Certeau, (1995), entre outros.

A linguagem na concepção interacionista é a categoria básica que se encontra nas teorias dialógicas de Bakhtin. A interação verbal por meio de um processo dialógico liga os sujeitos numa relação contínua de interlocução, em que locutor se faz interligar ao interlocutor, de modo a estabelecer a enunciação. Isso é uma forma de entender que a linguagem só se realiza na relação com o outro, num processo ininterrupto. Nesse sentido, não existiria um enunciado isolado, que partisse de algo aleatório, e sim um enunciado constituído de ditos anteriores. Dessa forma, um sujeito fragmentado, constitui seu discurso no “outro”, numa ligação dialógica. “Assim, o “eu” e o “outro” se alternam no estabelecimento do processo discursivo e na construção de sentidos: “Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1999, p. 113).

Nessa perspectiva linguística todo e qualquer ato de enunciação se faz por uma interação verbal, em que o produto dessa interação não é neutro, materializa-se como um modo de relacionar-se socialmente com o outro e com o meio, no estabelecimento de relações dialógicas. Dessa forma, a enunciação permite aos sujeitos se comunicarem, se relacionarem, de tal maneira a transformar, a agir sobre aquilo ao seu redor, conforme menciona Bakhtin (2006) “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Reconhece-se tanto a importância da teoria de Bakhtin para o ensino de língua portuguesa quanto a valorização do texto como ponto de partida para um trabalho com leitura e construção de sentidos. Pelo texto se materializa o discurso. Dessa maneira, é necessário ter ciência que utilizar os gêneros do discurso não significa somente trabalhar com formas da língua, mas pensar a forma, a materialidade textual não estando desvinculada das diferentes manifestações da linguagem em uso, ou seja, para o discurso. Nesse sentido, os gêneros discursivos são propícios para os processos de ensino- aprendizagem.

Nessa perspectiva, Bakhtin explica: “Os gêneros do discurso comparados à forma da língua são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele” (BAKHTIN, 2003, p. 285). Portanto, se a existência dos gêneros é normativa e eles nos são dados, seria apropriado nós reconhecermos-lhes, aprendermos-lhes e empregarmos-lhes nas diversas situações comunicativas, e ainda oportunizar condições para que os estudantes também os conheçam e os empreguem cotidianamente. Assim, é preciso olhar para o texto/discurso como um lugar onde a linguagem se mostra em toda sua plenitude.

Dessa forma, devemos conceber a língua como uma atividade de interação social, e os gêneros discursivos como formas concretas de organização e materialização dessa interação. Assim, é imprescindível que se promovam práticas escolares que abranjam as manifestações linguísticas por meio dos diferentes textos, de forma que a oralidade, a leitura, a compreensão e produção textual sejam tomadas como fomento para o domínio discursivo de nossos alunos.

Outra teoria relevante para nosso estudo é a que se encontra nas postulações de Foucault, quando analisa os conceitos de discurso, enunciado e enunciação, na perspectiva da Análise do Discurso - AD. Foucault (1970), postula várias proposições sobre o que venha ser o discurso e suas implicações sociais e históricas. Quando trata do conceito de discurso, enfatiza de maneira contundente, que o discurso seria um “jogo da escrita no primeiro caso, e de leitura no segundo”, isso tudo mediado pelos signos.

[...]quer seja numa filosofia do sujeito fundador, numa filosofia da experiência originária ou numa filosofia da mediação universal, o discurso não passa de um jogo, jogo de escrita no primeiro caso, de leitura no segundo, de intercâmbio no terceiro caso — e este intercâmbio, esta leitura e esta escrita somente põem em acção os signos. Na sua realidade, ao ser colocado na ordem do significante, o discurso anula-se (FOUCAULT, 1970, p. 13).

A palavra e o significante podem ser vistos como um modo de redução, um ponto delimitado do que no discurso se faz amplo, múltiplo, aberto a conexões. Assim partindo de um conceito base sobre o que vem a ser discurso e suas relações com os objetos língua e linguagem, Fernandes (2007, p. 12) observa:

[...] discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos,

portanto, que o discurso não é a língua (gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real (FERNANDES 2007, p. 12).

O discurso tomado como objeto da AD não se caracteriza como língua nem texto, porém necessita de recursos linguísticos para se estabelecer. Concebido dessa forma, o discurso estaria interligado às relações que ocorrem exteriormente à língua, nos contextos sociais. Envolve aspectos ideológicos e que surgem de relações históricas e culturais entre os sujeitos.

(...) se instaura um campo de conflitos no qual diferenças sociais coexistem. Se há diferenças, há embates no social e, conseqüentemente, no lingüístico. O que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena. Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso (FERNANDES, 2007, p. 16).

Desse modo, para entender o jogo discursivo que se configura nessa exterioridade linguística, tem-se que considerar os embates que se realizam em contextos sociais diversos, já que os diferentes discursos surgem a partir de divergências de opiniões entre os sujeitos enunciativos. O que se configura em ideologias pelas quais se constituem as formações discursivas. Nesse sentido, o trabalho com gêneros discursivos em contexto escolar, deve mostrar os possíveis valores e preconceitos nos mais diversos discursos que circulam socialmente. Esse trabalho pode mostrar-se numa reflexão em torno do trabalho com o discurso como uma eficiente maneira de os alunos desenvolverem o senso crítico e posicionarem-se criticamente sobre os acontecimentos sociais de seu tempo.

Em síntese, considerando o discurso Foucault (1995, p. 31 apud FERNANDES, 2007, p. 16) destaca: “A unidade do discurso constitui-se por um conjunto de enunciados efetivamente produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como sequências formuladas, cuja compreensão é possibilitada pela indagação seguinte”. Então, sobre tal dispersão nos vem dizer Brandão (2012, p. 32): “cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação do discurso”

Dá a determinação de tais “regras”, chamadas por Foucault de “regras de formação”, nos possibilitaria entender os elementos que compõem o discurso, os diferentes tipos de enunciação que podem permeá-lo e as diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva.

Dessa forma, é relevante no contexto de ensino de Língua Portuguesa que possamos conceber a língua como atividade constitutiva, com a qual construímos sentidos, expressamos opiniões e ideologias. Portanto, a língua concebida desse modo, é uma forma de interação, de relações sociais, e conseqüentemente, possibilita a manifestarmos nos processos discursivos, no nível da enunciação concretizada nos variados usos textuais.

Koch (2014) referindo-se à noção de texto defende a posição de que este não pode ser compreendido como um produto acabado, passando a ser entendido como resultado de nossas interações. Esta atividade verbal perpassa por processos de planejamento, verbalização e construção. Assim, a autora afirma que:

[...] Trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ações e escolhas de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante em conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal (KOCH, 2014, p. 26).

Construir uma noção de texto numa perspectiva discursiva é levar em consideração as relações que se estabelecem com o outro durante o processo de interação verbal. Pela interação se efetivará a formação discursiva de que trata Foucault. Os sujeitos ao atuarem socialmente formam-se em diferentes situações sociais e históricas. As formações educacionais, familiar, religiosa, regional, etária irão estar atravessando as enunciações, ou seja, o discurso dos sujeitos. Devemos considerar a análise de formas, regras gramaticais e tipologias, mas é imprescindível analisar os princípios discursivos e enunciativos presentes em cada texto, de modo a favorecer uma aprendizagem mais ampla.

Dessa maneira, se torna importante ao priorizarmos um ensino com base nos gêneros discursivos, que possamos explorar diversificados textos e suportes para que os estudantes compreendam e relacionem as possibilidades enunciativas de cada texto, seus objetivos, funcionalidades e discursos. Sobre esse aspecto:

O gênero é fundamental na escola, visto que, é ele que é utilizado como articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. No afã de favorecer a aprendizagem da escrita de textos, a escola sempre trabalhou gêneros, mas restringe seus ensinamentos a aspectos estruturais e formais do texto (SHNEUWLY E DOLZ, 2004, p.1).

Pela importância do estudo com o gênero, trabalhamos o gênero notícia e as implicações sociais e históricas que este gênero terá em sua constituição, considerando o modo de constituição em sua formação com outros gêneros. Isto porque os gêneros não são realizações discursivas estanques, mas se processam na relação com outros que lhe fazem influenciar e por ele se influenciam.

Nesse sentido, levando em conta a temática e as condições de produção, esta pesquisa está dividida nas seguintes seções:

Na primeira seção discutiremos os pressupostos teóricos- temáticos, em que enfatizaremos os conceitos de leitura, discurso, enunciado e sentido sob a ótica da Análise do

Discurso de tradição francesa, sobretudo na teoria de Foucault. É nessa seção que trabalharemos a concepção de língua a partir do seu cruzamento com a exterioridade, de modo que possamos compreender como a materialidade linguística se constitui na construção de sentidos entre sujeito, discurso e ideologia. Versaremos ainda sobre os diversos conceitos de enunciado e enunciação sob o viés teórico de autores como Benveniste (1976), Bakhtin (1979; 1992) e Foucault (1979). Também abordaremos nessa seção como surgiu o conceito de enunciação, suas principais abordagens e a relação entre o enunciado, enunciação e a formações ideológicas e discursivas e focalizaremos em nosso estudo, a relação entre a mídia e a formação discursiva. Daí buscaremos entender como o enunciado midiático pode contribuir para a construção de sentidos e, conseqüentemente para produção de identidades. E finalizaremos discutindo que o gênero discursivo notícia pela ótica de ser um texto que não é apenas informativo, mas que pode trazer discursos subjacentes e produzir a subjetividade² em seu conteúdo, relacionando temas de notícias da Amazônia paraense e a construção de sentidos da identidade paraense veiculadas por elas.

Na segunda seção, mostraremos a metodologia que será realizada durante a pesquisa. O aporte metodológico será baseado em conformidade com a pesquisa-ação, se valerão de técnicas como questionários para serem instrumentos de coletas de dados e demonstraremos o contexto da pesquisa. Detalharemos ainda, numa terceira seção, a análise e mediação discursiva, em que faremos uma descrição e análise da atividade diagnóstica. Por fim, teremos uma quarta seção abordando a proposta de intervenção que versará sobre atividades de leitura em uma perspectiva discursiva.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-TEMÁTICOS

Nesse tópico da seção traremos a noção de língua na perspectiva discursiva da Análise do discurso, abordando como se processam as materialidades linguísticas e suas relações com as construções de sentido. Para isto analisaremos a relação entre o discurso, o enunciado e a identidade. E teremos como subseções: 1.1 O discurso, o enunciado e a leitura discursiva; 1.2- Enunciação, Sujeito e Identidade e 1.3 Mídia e Formação Discursiva

² A subjetividade considerando-se a teoria da Análise do Discurso, na visão Foucaultiana, é entendida como constituída na relação com o outro, em suas relações sócio-históricas. (FOUCAULT, 1979).

1.1 O discurso, o enunciado e a leitura discursiva

Nessa subunidade trataremos dos conceitos de língua e discurso, a relação entre o enunciado e as produções de sentido e a ainda abordaremos a leitura na concepção discursiva.

1.1.1- Língua e Discurso

Segundo Brandão (2015), para compreender o discurso, faz-se necessário que consideremos a língua por uma perspectiva enunciativa, e nesse sentido, é importante conceber a língua nos seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, a abordagem do extralinguístico não exclui o linguístico, e esses estudos visam, principalmente, descrever como funciona a linguagem no seu uso efetivo, como se processam as relações produtoras de sentidos entre os interlocutores, que nesse caso, são tidos como sujeitos histórico-sociais. Conforme Brandão (2015, p. 21), os discursos “além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção do discurso e nele se refletem”.

Orlandi (2015), afirma que para a língua fazer sentido é necessário que consideremos relacionados a ela, o social e o histórico como indissociáveis. A interpretação que se realiza entre sujeito, língua e construção de sentidos, perpassa pelas marcas de subjetivação, ao passo que o principal traço nessa relação entre língua e sujeito é o discurso.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito- afetada pela língua- com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e ao, mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2015, p. 45).

Então, a presença efetiva de um sujeito que se constrói histórico e socialmente determina os sentidos produzidos pela língua, pela linguagem em suas materialidades verbais ou não verbais. Desse modo, a língua é uma construção social e histórica que não se limita apenas a literalidade das palavras, já que estas vão além do contexto imediato, daí resultando em situações discursivas; mas ainda, envolvem os elementos históricos, culturais, sociais e ideológicos que estão na produção de sentidos que cercam os discursos.

Assim, Brandão (2015), considera que a língua é constitutiva, heterogênea, atravessada por outros dizeres e as palavras são polissêmicas, sendo o sentido formado a partir da interação entre um sujeito histórico interagindo com outro sujeito, em um determinado contexto, com base em certas ideologias.

Considerando-se este aspecto, para que exista ideologia faz-se necessário que ocorram essas relações entre sujeito, língua e história. Por meio de uma ideologia isso se torna possível,

pois são estas as responsáveis por criarem “imagens” permitindo que as palavras sejam associadas a determinados objetos. A mobilidade, a diferença entre as formações ideológicas e discursivas, irão determinar o fato de que a língua em sua materialidade discursiva não se faça transparente. Assim, “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.” (ORLANDI, 2015, p.36).

Segundo Fernandes (2007), para se definir o que é o discurso, precisamos considerar a inter-relação que há entre discurso, História, sociedade e ideologia. Assim para este autor, os discursos não são estáticos, eles estão sempre em movimento e com isso sofrem transformações, acompanhando as mudanças que acontecem em vários aspectos que envolvem a vida humana, como aqueles que se fazem ligados ao social e ao político, pensando-se numa história que não fica no passado, mas permanece no presente.

Nesse sentido, quando pretendemos analisar o discurso, temos que interpretar os sujeitos no seu momento de enunciação, mas esse momento não se isola de uma historicidade, bem como de suas atividades sociais; assim, a ideologia vista desse modo, se materializa nos discursos, que por sua vez é materializado por meio das diversas linguagens (FERNANDES, 2007).

Entender a relação existente entre língua, discurso e sentido é fundamental para compreendermos as relações disso nas enunciações dos sujeitos. Pelo fato de a ideologia se materializar nos discursos e o mesmo ser intimamente ligado aos contextos sócios históricos, as produções de sentido se dão basicamente conforme os lugares ocupados por esses sujeitos de interlocução produtores/constituídos pelo discurso. Assim, uma mesma palavra pode assumir significados distintos, dependendo de quem fala e de acordo com as concepções socioideológicas compartilhadas em suas enunciações.

Acerca do discurso observado como produto de relações sociais e históricas, Pêcheux destaca:

[...] O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]. Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1998, p. 160).

Compreendemos assim, a importância que tem o sujeito na construção de sentidos, pois o seu lugar de fala, o papel que assume enquanto enunciador é um determinante mecanismo definidor de ideologias e discursos.

Conforme tal perspectiva, a palavra assumindo essa função polissêmica e plurissignificativa, produz sentidos a partir de alguns princípios fundamentais, que são: as condições de produção, a formação discursiva e ideológica em que tal discurso se inscreve. Dessa forma, Brandão (2015) argumenta ainda que as condições de produção podem ser definidas como um conjunto de elementos que se inserem na produção de um discurso; se relacionam com a situação comunicativa que envolve a enunciação e que carrega a ideia de tempo presente, o eu, aqui e agora. Também compreendem o contexto sócio histórico no qual os interlocutores estão envolvidos; o lugar de onde enunciam e a imagem que fazem de si mesmos, dos outros e do objeto que estejam tratando.

Assim, em se tratando de formação ideológica, a autora compreende como um complexo conjunto de atitudes que se relacionam direta ou indiretamente às posições de classe social, política e econômica, de onde alguém se pronuncia. Tem ligação direta com as relações de poder que se estabelecem socialmente entre os sujeitos, assim cada formação ideológica é um entrelaçamento de diversas formações discursivas.

Entender esses conceitos é de suma importância para nosso estudo, uma vez que pretendemos desenvolver um trabalho de leitura discursiva em que possamos focar a construção de sentidos voltada para atividades nas quais os alunos possam compreender essas relações ideológicas que envolvem os lugares sócio históricos dos sujeitos no discurso.

1.1.2 - O enunciado e as produções de sentido

De acordo com a perspectiva da Análise do Discurso- AD, de linha francesa, o enunciado é entendido como um mecanismo que nos possibilita compreender certos eventos linguísticos que veiculam sentidos socialmente construídos por meio dos acontecimentos discursivos. Conforme Cunha (2011, p. 44), “Os enunciados em sua exclusividade estarão constituídos por sequências linguísticas que a ele se limitam. Essas, ainda que possam ser imutáveis, advindas de várias possibilidades de registro, serão únicas por prestarem-se efetivamente a construção de enunciados”.

Nesse sentido, enquanto a análise linguística preocupa-se em descrever as estruturas que constituem os enunciados, buscando-se os referenciais sociais, históricos e culturais. Considerando que a AD prioriza os acontecimentos discursivos, este campo de estudo focaliza as condições de existência de determinados enunciados, as quais outros dizeres estão associados

ou atravessados. Sendo assim, “Por um ou mais enunciados é que se constitui o acontecimento discursivo” (CUNHA, 2011, p. 44).

Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2008), se propôs a analisar as condições que possibilitam o aparecimento de determinados enunciados e a interdição de outros, e como isso ocorre conforme o interesse que se tem, em dado momento histórico, de silenciar ou expor certos enunciados, de modo a controlar os dizeres e acontecimentos. O que o autor destaca é a inter-relação que há entre os dizeres e os fazeres, que se relacionam às práticas discursivas materializadas nas ações dos sujeitos na história, então aponta:

A análise dessas práticas mostra que a relação entre o dizer e a produção de uma “verdade” é um fato histórico. Por isso, a análise dos discursos deve investigar “noções históricas, densas em sua materialidade, carregadas de tempo, definidoras de espaços, que nascem em algum momento e que têm efeitos práticos” (RAGO, 2002, P.265 apud GREGOLIN, 2007, P. 15).

Levando-se em consideração tal princípio, entendemos que não há enunciado livre de dizeres anteriores, tal como já apontávamos para uma história que atravessa o tempo presente. Na realidade, o enunciado não é algo aleatório, mas sim uma série de ditos anteriores que o atravessam e ditam, conforme os interesses em evidência, quais acontecimentos devem ser instaurados. Essa compreensão é fundamental em uma perspectiva de leitura em que se objetive desenvolver a construção de sentidos por base no discurso. A seguir, trataremos de aspectos que envolva a leitura nessa perspectiva.

1.1.3- A leitura na perspectiva discursiva

A leitura é sem dúvida uma das mais importantes atividades humanas e uma das formas mais contundentes de se inserir socialmente na pós-modernidade, por isso é de grande valor social. E numa perspectiva discursiva, ler vai muito além de decodificar palavras, na realidade, as palavras só têm significância se elas estiverem inseridas em um contexto sócio histórico, assim a língua não é transparente, mas sim tomada por uma opacidade que nos mostra que não há sentidos únicos, prontos; ao contrário, as palavras são sempre afetadas pelos deslizamentos que podem ocorrer principalmente pela polissemia, paráfrase e metáfora. “[...] nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (ORLANDI, 2015, p. 46).

Desse modo, compreender a leitura nessa ótica, é entender que os efeitos de sentidos são produzidos a partir de vários elementos envolvidos no processo discursivo, e que este

sentido não é a pura reprodução das ideias de um autor, é um trabalho simbólico de atribuição de sentidos diversos, a depender da posição que o sujeito leitor ocupa e de quais formações discursivas este compartilha.

Orlandi (2007) define a leitura como uma manifestação do simbólico em um espaço aberto a plurissignificação. Embora seja pelo texto que se produza o discurso, o trajeto que cada leitor possa fazer do texto é diverso, sugerindo que há muitas versões de leitura possíveis. Então, os efeitos de sentidos produzidos a partir da leitura de um texto são diversos, possibilidades que podem coexistir. Afinal, a partir da leitura de notícias veiculadas pelos setores midiáticos empresariais, se pode chegar à produção de sentidos, por exemplo, acerca do turismo e do desmatamento enquanto indicativos da identidade da Amazônia paraense.

Levando-se em consideração a concepção discursiva da leitura, devemos observar que não se pode dissociar o texto do discurso. Na realidade, o texto é tido como o resultado de enunciados que são produzidos em condições de construções específicas, a leitura acaba sendo um modo de enunciação que se constitui nas condições presentes de realização do enunciado. Na Análise do Discurso se propõe justamente esse modo de conceber o texto, pois para esta corrente teórica não interessa apenas o normativismo, relacionado, sobretudo, às normas linguísticas ou aquelas questões que abordam essencialmente uma ideia pré-estabelecida sobre o conteúdo do texto. Então, as indagações como: “o que o autor quis dizer”, não são utilizadas em um contexto em que se objetive uma leitura na perspectiva da AD.

Segundo Orlandi (2001) o sujeito não é senhor da sua língua, na realidade, é um sujeito cindido, ou seja, o seu dizer é interpelado pela ideologia dominante, o seu dizer nasce em outros, a partir das suas leituras e experiências.

Para a análise do discurso, é essa concepção de sujeito — que vai perdendo a polaridade centrada ora no eu ora no tu e se enriquecendo com uma relação dinâmica entre identidade e alteridade — que vai ocupar o centro de suas preocupações atuais. Para ela, o centro da relação não está nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o Texto (BRANDÃO, 2012, p. 76).

Ler, neste sentido, seria reconhecer que em um texto sempre haverá “outras vozes” a partir daquela, exposta em determinado enunciado. Ler é compreender que há um conjunto de ideologias sendo veiculadas a partir do que está exposto. Então, interpretar seria ir muito além de reconhecer sons e associá-los às palavras, mas ainda seria compreender o contexto sócio histórico e cultural envolvidos nesse processo de escrita.

Assim faz-se necessário entender que para a AD, os sentidos não se constroem apenas naquilo que se faz exposto pela reunião de letras que formam um significante, mas o sentido

remete ao que está fora do texto, nas condições em que ele é produzido. Dessa forma, o leitor precisa analisar as circunstâncias de produção de certos enunciados, pois numa perspectiva discursiva tudo que é externo ao texto, se faz constitutivo de seu sentido.

Para se ler de maneira discursiva tem-se que observar a constituição de sentidos. Nessa há sempre uma memória discursiva que é acionada no momento da leitura. Nas palavras de Menegassi e Angelo (2005, p.36): “As condições de produção são acionadas pela memória discursiva. Esta se refere aos sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muitos distantes, e que são reavivados para sustentar cada nova palavra e trazer novos sentidos”.

Segundo Orlandi (2000, p. 33) “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e da atualidade (formulação)”. Assim, cabe ao leitor compreender esse jogo discursivo e relacioná-lo a efeitos de sentidos. Ter noção de que o discurso é constitutivo e composto por historicidade; é entender que ao lermos precisamos relacionar o discurso a outros discursos anteriores; é observar o que é dito em certo enunciado que se repete em outro; mas também o que é dito de um modo e o que é dito de outra forma. São as possibilidades que um texto pode propiciar de leituras, observando aquilo que não está posto de maneira clara, mas que requer o olhar atento e “investigativo” por parte dos leitores.

É notório que a leitura concebida deste modo é sempre uma construção, em que o leitor tem que analisar o contexto extralinguístico para poder construir sentidos, assim, o leitor, o texto e o contexto sócio cultural se relacionam. Para Coracini (2005, p. 30):

[...] todo discurso já traz em si a definição- mais, ou menos, precisa- de lugares ou de posições subjetivas a serem ocupadas por este ou aquele indivíduo, segundo as relações políticas e sociais e, portanto, ideológicas admitidas e construídas num dado momento histórico-social, num dado discurso-sempre em formação-, determinantes da (s) verdade (s) a ser (em) assumida (s). É claro que essas posições podem sofrer modificações, mas jamais repentinas: muitas vezes, passam imperceptíveis, até que algum acontecimento as evidencie.

Conforme Pêcheux (1990, p. 83), esses lugares sociais não são simplesmente reproduzidos no interior dos processos discursivos, mas o que aconteceria era uma espécie de jogo de imagens, de lugares sociais, que ocorre em um dado discurso. Haveria uma série de formações imaginárias, antecipações que o emissor supõe a respeito do seu receptor. Seriam estas as imagens que o emissor faz de seu receptor e sobre elas se fundam as estratégias discursivas.

Essas formações imaginárias designam: a) a imagem que o locutor tem de si mesmo (Quem sou eu para lhe falar assim?); b) a imagem que o locutor tem de seu interlocutor

(Quem é ele para que eu lhe fale assim?); c) a imagem que o locutor julga que o interlocutor tenha do locutor (Quem é ele para que me fale assim?); d) a imagem que o locutor faz do referente (De que eu lhe falo?) (PÊCHEUX, 1990, p.83).

Sobre esse aspecto Orlandi, (2015, p. 38), ressalta que “na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições”, e isso significa que o sujeito- autor se projeta no lugar de seu interlocutor, orientado pelo mecanismo de antecipação, o que acarreta na textualidade. Desse modo, temos um leitor que não existe de fato, mas que é fruto de uma imagem estabelecida pelo sujeito- autor no momento de sua enunciação. Dessa forma, o texto construído pelo leitor real pode não corresponder ao texto produzido por determinado autor, pois há desse modo, uma série de construções de sentido, por parte de um leitor, em um dado contexto sócio ideológico social.

Nesse sentido, autor e leitor inseridos em um contexto sócio histórico, são, portanto, produtores de sentido e essa produção de significações ocorrem sempre de acordo com novas circunstâncias, por isso, não é o texto que determina as leituras, mas sim a posição da qual fala o sujeito. Desse modo, lê-se a partir de formações discursivas, e a leitura está atrelada a isso. Quantas forem às formações discursivas, haverá leituras diversas. Daí se tem essa possibilidade de ressignificar as leituras a partir das imagens de lugares sociais, que se propõe em uma leitura pela ótica da Análise discursiva.

Assim, tendo em vista que o processo de construção das habilidades leitoras é lento e contínuo, e que muitas vezes, pode levar uma vida inteira para compreendermos as “entrelinhas” que circunscrevem uma leitura em nível discursivo; temos que ter bastante atenção com as relações estabelecidas entre o leitor, o texto e o contexto sócio cultural. Portanto, essa atividade escolar focada no processo de leitura discursiva, requer estratégias e planejamento para que os sujeitos alunos possam ler com autonomia e de modo a construir uma variedade de sentidos. Daí o processo de mediação do professor leitor se faz muito importante.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também apontam a importância que tem o texto para o ensino da língua, sendo objeto fundamental e de suma importância no processo de aquisição da leitura. Assim, os PCNS destacam a relevância da instituição escolar como propulsora desse trabalho com a leitura em sala de aula. Isso de modo a favorecer a formação do leitor nos seus variados aspectos. Dentro desses pontos, é importante destacarmos os conceitos de *enunciação, sujeito e identidade*, principalmente porque trabalhamos em nosso projeto, as relações que se estabelecem entre a construção de identidades, a partir da leitura de notícias e como a mídia impressa pode contribuir para essa formação. Ou seja, os dizeres se definem pelos que dizem e quem diz se faz uma cisão de fragmentações.

1.2- Enunciação, Sujeito e Identidade

Nessa subunidade trataremos dos conceitos de enunciação, partindo da abordagem de Benveniste, precursor da teoria enunciativa, e de autores que teceram considerações posteriores como Bakhtin e Foucault. Abordaremos também a relação estabelecida entre a enunciação, o sujeito constitutivo e a construção de identidade.

1.2.1 Enunciação e construção do sentido

A vertente da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) surgiu na década de 1960, na França. Inicialmente, esta se debruçou na análise dos discursos políticos e para discorrer sobre tais discursos, a AD foi definida, primeiramente, como o estudo linguístico das produções de um enunciado. Assim, sob essa perspectiva o estudo não se centrava especificamente no linguístico, na estrutura gramatical da língua, mas, sobretudo, como já destacamos, nos fatores externos à língua, os quais compreendem os fatores históricos, sociais, culturais, ideológicos, envolvidos na situação comunicativa.

Assim, esta vertente da AD está intimamente ligada à questão da enunciação, por esse motivo é relevante abordarmos alguns autores clássicos com relação aos estudos enunciativos, os quais são basilares para compreendermos o processo discursivo e a quem os analistas do discurso recorrem para entender melhor seu objeto de análise que é o discurso.

Desse modo, o francês Benveniste foi o primeiro linguista, a partir dos modelos saussurianos, a desenvolver um quadro de análises da língua voltado, especialmente, à enunciação. Considerado o principal representante da teoria que levou esse nome – Teoria da Enunciação (FLORES, 2005; FLORES; TEIXEIRA, 2005). Para este autor, “a enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Entra em destaque a figura do *locutor* pelo fato deste mobilizar a língua ao seu modo. A escolha dos caracteres linguísticos é determinada por tal locutor, tomando a língua por instrumento.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Nesse sentido, o locutor é o centro, sendo necessário para a enunciação efetivar-se. Pelo locutor se efetiva o que Benveniste denominou de “aparelho Formal da Enunciação” para

propor a descrição da língua enquanto discurso. A língua é uma possibilidade, que no ato da enunciação promove um jogo de formas distintas, cujo principal objetivo é pôr o discurso em evidência, mantendo-o em uma relação constante e necessária com a sua enunciação, unindo-o ao ouvinte, numa terminologia da teoria da enunciação. Assim, a linguagem, vista nessa função, manifesta-se não como um instrumento de reflexão, mas como modo de ação.

Benveniste considera desse modo, a enunciação como as marcas do locutor naquilo que fala. Suas pesquisas trouxeram para o estudo das estruturas linguísticas, sem desconsiderar as proposições anteriores, o sujeito-locutor, personagem considerado como secundário por Saussure. Desse modo, a perspectiva de entendimento de língua de Benveniste se diferencia da saussuriana, uma vez que, a compreende, essencialmente como social, concebida no consenso coletivo. Assim, nesta concepção, a língua é entendida enquanto manifestação de sujeitos sociais; entretanto, as marcas mais amplas, sociais e históricas, dessa externalidade não são privilegiadas pela descrição linguística de Benveniste. Para este autor “(...) somente a língua torna possível à sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p.84). Na língua estariam as marcas do social. No entanto, este sujeito-locutor em Benveniste representaria ainda uma unidade, não uma fragmentação. Os analistas do discurso, tanto Bakhtin quanto Pêcheux e Foucault irão ressaltar a visão da enunciação atravessada pelo coletivo, pelo social, pelo outro que constitui a subjetividade do sujeito.

De outro modo, Saussure, considerado o fundador da linguística moderna, concebia a língua como uma relação de termos que corresponderiam a elementos de outra lista de coisas, o que pressupõe as ideias em um nível anterior às palavras, uma vez que estas servem apenas para nomear conceitos prontos, fixos. Assim, a língua seria um código estruturado por signos linguísticos, embora determinado socialmente.

Também é importante ressaltar que a enunciação se apresenta de duas formas diferentes de expressão linguística: então, podemos apontar para uma perspectiva primeira em que o locutor expressaria aquilo que necessita diante de uma situação qualquer, num ato espontâneo, natural, na qual se utiliza de uma unidade de comunicação da língua.

Numa segunda possibilidade, em que a enunciação se amplia, podemos buscar, por exemplo em Bakhtin. Para este autor, a enunciação é um evento linguístico pautado, sobretudo, no social. Desse modo, a interação é o ponto central na sua concepção de linguagem, pois para este autor não há enunciação sem dialogismo. Assim, para além de estar ou não marcada por determinadas unidades linguísticas, a enunciação seria inerente à realização da língua, enquanto materialidade do discurso.

Brandão 2015, p. 32) ressalta que Bakhtin recusa a ideia de um “eu” individualizado, cuja atividade mental seria uma realização individualizada, uma perda de seu modelo ideológico, e propõe um “sujeito social”, marcado por uma atividade diferenciada, no sentido ideológico e social. “Esse nós, sujeito social, unidade que se constitui na multiplicidade, fruto da interação conflitual entre o “eu e o outro”, é o sujeito inserido na memória e na história, diferente do sujeito transcendental, abstrato, fora de qualquer orientação histórica, social e política” (BRANDÃO, 2015, p. 33).

Na teoria de Bakhtin, a palavra não é considerada individual e monológica, mas polivalente, multifacetada e constitutiva. E sua concepção de interação verbal, corresponde ao entendimento de que qualquer interação verbal faz parte de uma conexão de comunicação que é contínua, em que há sempre um “outro” que está constantemente pressuposto de forma ativa, orientando à construção do discurso.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosos e substanciais forem, mais profunda e real é nossa compreensão. [...] A compreensão é uma forma de diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra [...] (BRANDÃO apud BAKHTIN e VOLOSHINOV, 1979, p. 117, 118).

Diante do exposto, Brandão (2015, p. 28) ressalta que estes estudos enunciativos são importantes porque todas essas teorias reconhecem no ato enunciativo um modo heterogêneo de manifestação linguística, além de fornecerem ao analista do discurso instrumentos produtivos para exploração de um *modus operandi* que proporcione trabalhar de maneira a interligar a materialidade linguística ao processar discursivo.

Trazendo Foucault, para entendermos a enunciação, devemos pensar no sujeito que a realiza. Quem seria este sujeito, seria marcado pelo outro. Em Foucault (2008), essa noção de sujeito não se reduziria em categorias gramaticais, até porque esse “sujeito” é concebido não como uma entidade, indivíduo autônomo, mas, sobretudo, como um ser constituído na inter-relação.

O sujeito por essa ótica não seria um precursor de um pensamento, que se realiza sem rupturas. Ele se constituiria no vazio, em que diferentes vozes preencheriam esse espaço, conforme forem as posições sociais atravessadas por esse sujeito. Assim, de acordo com Fernandes, (2007, p. 20): “Sujeito discursivo é: constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos”.

Sendo o sujeito constituído por diferentes vozes sociais e inserido numa conjuntura sócio-histórica- ideológica, seus dizeres seriam atravessados por outros, e nesse caso, o sujeito não é uno, mas sim resultado do entrecruzamento de diversos discursos, que ora se coadunam, ora se confrontam, seria o “sujeito falando”. Ainda conforme Foucault (2008, p.105)

[...] o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos até certo ponto diferentes, quando chegam a formular o enunciado e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT 2008, p.105).

Considerando o que foi citado, o sujeito discursivo é aquele que ao se posicionar perante uma circunstância discursiva, obedece a certos preceitos de ação e corresponde a determinadas exigências, ou seja, o sujeito do enunciado não é um indivíduo, nem um sintagma, mas sim um sujeito social, constituído em relações sociais. Então, se o sujeito é social, a enunciação desse sujeito é marcada por diferentes perspectivas, simultâneas visões que se realizam.

Em comparação figurativa sobre esse sujeito do enunciado, entenderemos melhor sua função. Assim o discurso pode ser visto como um palco teatral em que os atores se utilizam de diferentes personagens, com suas personalidades específicas, com suas caracterizações cênicas e papéis sociais, e em certos momentos cada um desses personagens ocupa esse teatro, em outros momentos, há outros papéis ocupando essas funções. Do mesmo modo, o sujeito do discurso é entrelaçado por diversas posições sociais, e cada papel assumido se relaciona com outros lugares discursivos a partir de determinada posição ideológica.

Fernandes (2011), citando Bakhtin afirma que o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diversas esferas sociais. O autor menciona que o sujeito se engana ao conceber-se como o centro do seu dizer, acreditando assim ter o controle dos sentidos de suas palavras. Porém o sujeito desconhece essa exterioridade do discurso, desconhece que em seu dizer está o “outro”, depreendido como exterioridade social.

Tratando da relação entre discurso e enunciação, merece relevância a abordagem realizada por Brandão (2015, p. 19) “Significa que trabalhar no nível do discurso é atuar nesses dois níveis: no nível linguístico (fonológico, sintático, lexical) e no extralinguístico”. Assim, percebe-se que a autora compreende o trabalho no nível discursivo baseado em dois eixos: no linguístico, que são os aspectos fonológico, lexical e sintático; e no nível extralinguístico, que são fatores relacionados ao contexto de produção de enunciados.

Nesse sentido, o discurso se constitui em enunciados concretos, ou seriam do ponto de vista estritamente linguístico, frases realmente produzidas em contextos reais de enunciação e não meramente ilustrativos como ocorre nas gramáticas normativas, com frases soltas, abstratas. O funcionamento da língua em uso é objeto de estudo. “(...) os estudos na perspectiva discursiva visam descrever como funciona a língua no seu uso efetivo, como se dá a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, sujeitos situados social e historicamente.” (BRANDÃO, 2015, p. 20).

Levando-se em consideração a concepção da AD, a linguagem é constitutiva/heterogênea. Ela é atravessada pelo dizer do outro, assim uma enunciação nunca será resultado apenas de um enunciador, já que a palavra é “atravessada” por vários significados, pela polissemia. O sentido se forma levando-se em conta o contexto no qual é produzido. Um sujeito histórico que interage com outro sujeito histórico e produz linguagem. Pêcheux (1997, p. 56), discute a relação do discurso e sua exterioridade, assim, o autor compreende que o discurso não seria algo “fechado”, mas sim marcado pelas relações sócio-históricas que se estabelecem por meio das materialidades linguísticas.

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1997 p. 56).

Conforme Brandão, 2015, p. 22, “[...] uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas”. Por esse viés, percebe-se que a linguagem não é transparente, tal como nos referimos, não é límpida, mas marcada por uma opacidade em que se escondem vários sentidos de ideias, valores, concepções que se relacionam as respectivas formações discursivas de cada sujeito. Desse modo, Brandão, 2012, p. 11, destaca:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte do pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia (BRANDÃO, 2012, p.11).

Foucault (2008), em *A Arqueologia do Saber*, trabalhou o conceito de discurso em que o autor propõe a compreensão deste como “um conjunto de enunciados na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2008, p.135). Discute ainda, o discurso

como sendo o espaço em que saber e poder se articulam. Para o pesquisador francês, o discurso veicula saber, e conseqüentemente, gera poder.

1.2.2 O sujeito e a identidade

Nesta dissertação estudaremos o discurso sobre o estado do Pará/Brasil, nas construções de sentidos dos sujeitos alunos, a partir de leituras de notícias dos dois principais jornais impressos e online do estado do Pará, a saber, o “Diário do Pará” e o “O Liberal”. Perceber como esses alunos constroem sua (s) identidade (s) a partir da leitura dos enunciados do gênero notícias referentes a essas citadas temáticas; mostra-se como preocupação desta pesquisa. Enquanto participante do Grupo de Estudos das Identidades e Subjetividades da Amazônia- GEDISPA e mestranda do PROFLETRAS, pensamos ser pertinente também trabalhar em nosso estudo, a questão da identidade paraense por meio dos temas *desmatamento e turismo*, duas temáticas antagônicas referentes ao estado do Pará.

O tema da identidade paraense, numa perspectiva de construção externa foi discutido em Cunha (2011), quando o pesquisador trabalhou em sua tese: “Tão longe, tão perto: a identidade paraense construída no discurso da mídia do sudeste brasileiro”. Nessa pesquisa de doutoramento discutiu-se de modo amplo e num recorte prolongado de tempo, o modo como a mídia nacional, de maior visibilidade apresenta a identidade paraense para o Brasil. Esse estudo apontou que essa identidade é construída, principalmente, pela *repetição e dispersão*, repetição que geralmente está ligada a temáticas que são consideradas negativas, como por exemplo o desmatamento, trabalho escravo e infantil, conflito agrário. Enquanto que a dispersão liga-se a temas que a princípio são considerados positivos, como o grande acontecimento cultural, o Círio de Nazaré, a produção acadêmica e o turismo.

Porém, a pesquisa revelou que pouco se fala sobre o turismo, e as notícias que tratavam do estado do Pará, quando remetiam ao turismo, geralmente enfatizavam algum aspecto negativo, estereotipado. Daí, a nossa motivação também em se verificar se haveria essas regularidades em tais produções da mídia paraense que pudessem apontar determinadas identidades a respeito do estado do Pará e do paraense e como os sujeitos alunos construiriam sentidos a partir dessas notícias. Assim, a nossa investigação fundamenta-se na Análise do Discurso Francesa, embasada em Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Nesse sentido, considera-se que o discurso se inscreve fundamentalmente na dispersão das enunciações produzidas por sujeitos que estão inseridos em um contexto sócio- histórico-ideológico, o qual está diretamente ligado à produção de sentidos. Assim, torna-se importante determinar a materialidade linguística das enunciações dos alunos. Daí verificar até que ponto

esses sujeitos alunos reproduzem os discursos midiáticos em foco, assim referendando os discursos veiculados pelos jornais de nossa região, ou, até que ponto resistem ao que é construído como saberes sobre o estado amazônico paraense. Para tanto, é de suma importância se discutir sobre o conceito de identidade.

As reflexões acerca do conceito de identidade há muito se constituem como objeto de investigação de vários filósofos e sociólogos, como Foucault, Bauman, Hall, entre outros. E segundo tais autores, a identidade ocorre pela pluralidade social, e também cultural. Então, se pode dizer que a identidade decorre de uma construção de subjetividade. Esta, que tem como peculiaridade sua essência “sociocoletiva”, resultaria de uma exterioridade do sujeito, que assim como a subjetividade estão em constante produção.

É importante compreender que a forma como os sujeitos históricos vivem e se relacionam socialmente com os demais grupos, é determinante para a posição social ocupada, e, conseqüentemente, para uma identidade que lhe é atribuída como própria. Assim, a identidade é tida como um produto das novas relações sociopolíticas que ocorrem na sociedade. A identidade é móvel, já que é marcada por transformações sociais e o sujeito está num constante processo de subjetivação. Desse modo, a identidade tem como característica principal a transitoriedade, pois o sujeito acaba por ser descentrado e constituído pelas relações discursivas (FERNANDES e JUNIOR, 2008, p. 102).

Campilongo (1999 apud Fernandes; Junior, 2008, p. 102) assevera que existe um aglomerado de saberes que abarcam desde as relações com o corpo até as éticas, ou seja, uma variedade de relações de poder, em que o sujeito se constitui socialmente pela inter-relação com o outro. Assim, esse jogo de poder é determinante para as produções de subjetividades, bem como de identidades. Estas, por sua vez seriam compostas por uma pluralidade constitutiva, pois surgem a partir de diferentes relações em diversas instâncias sócio históricas e traços ideológicos, marcados pela movência e pelos deslocamentos.

Baumam (2005) destaca que para apreender os sujeitos socialmente é preciso concebê-los a partir de identidades móveis, já que a formação desta é sempre compreendida como movente e sujeita às transformações. Conforme os acontecimentos discursivos tratam-se de uma identidade cambiante, não fixa, em uma “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005, p. 55).

Ao trazermos o conceito de identidade para a nossa pesquisa, buscaremos investigar como a identidade paraense é construída nos discursos dos sujeitos alunos, a partir de leituras mediadas nos suportes midiáticos, no caso os jornais escritos, sobre a Amazônia paraense, Conforme já ressaltamos. Com esse foco indagamos, qual seria a importância de se tratar de uma noção de identidade paraense a partir de leituras de notícias?

Segundo Hall (2006) na modernidade, as culturas nacionais na qual estamos inseridos desde o nosso nascimento se configuram como uma das mais importantes fontes de formação da identidade cultural. E dentre essas fontes de formação das identidades culturais, os textos cotidianos que circulam socialmente são grandes difusores.

Assim, é relevante discutir de que modo os enunciados jornalísticos, particularmente das notícias, revelam ou não particularidades paraenses. Assim, analisar a questão da identidade cultural, revela-se como uma atividade importante, embora ao mesmo tempo, seja árdua, uma vez que na atualidade este tema se encontra numa posição de reflexões e indagações constantes na era pós-moderna (BAUMAN, 2005).

O estudo da construção de identidade é complexo, pois a sociedade atual vive na era da tecnologia, em que os limites de espaço e tempo não podem ser mensurados, e isto influencia o modo como às pessoas se relacionam. Sabe-se que na sociedade pós-moderna líquida, tanto o individual quanto o social, tanto o privado quanto o público, tanto o antigo quanto o moderno, se mesclam de maneira bem complexa. Isso tende a gerar tensões, ainda que estas permaneçam obscuras, e muitas vezes, ‘mascaradas’ em relações harmoniosas.

Tratando da cultura na relação com a identidade, Cunha (2011, p. 108) ressalta que a identidade é definida a partir de um sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade. Quem pertence a certa comunidade marcada pela cultura grafocêntrica tende a se colocar como centro em relação aos que menos seriam marcados por essa cultura. Dessa maneira, para Foucault (2008), haveriam espaços que se configurariam como “centros” e outros como “margem”.

Então, os sujeitos que representam lugares historicamente reconhecidos como “centro” produzem discursos etnocêntricos com relação aos sujeitos/lugares/espaços ditos como “margens” (CUNHA, 2011). Determinados saberes produziram relações de poder entre os espaços regionais. A mídia seria um dispositivo de confirmação e visibilidade para hierarquização dos espaços, no continental espaço político, geográfico, cultural brasileiro. A seguir, veremos como se processam as relações envolvendo mídia e a formação discursiva.

Assim, segundo Cunha (2011), nos discursos difundidos nas notícias sobre o estado do Pará pelos jornais sulistas, muitas dessas relações de poder foram evidenciadas, em que se baseando nas noções foucaultianas de dispersão e repetição, se pôde chegar a algumas conclusões acerca da identidade paraense produzida nessa mídia. Desse modo, “pela violência ao homem (chacinas/trabalho escravo infantil) e ao meio ambiente (queimadas e desmatamento), enfatiza-se a mais visível das identidades paraenses” (CUNHA, 2011, p. 156). Ainda tratando das temáticas veiculadas nas notícias sobre o estado do Pará, Cunha (2011)

ressalta que há pouca frequência de notícias que abordem a temática do turismo, e mesmo quando se enuncia sobre o turismo paraense, não se deixa de mencionar sobre as distâncias físicas e ausência de condições estruturais e tecnológicas.

Desse modo, também buscaremos por temáticas semelhantes para analisarmos em nosso corpus, para compreendermos se tais enunciações também se configuram nos jornais regionais produzidos no próprio estado do Pará, replicando as identidades construídas pelos veículos midiáticos de maior poder. Mas para além de buscarmos verificar o modo de constituição e maior ou menor replicação de certas identidades referentes ao amazônico estado do Pará, buscaremos analisar a maneira como os sujeitos alunos paraenses se identificariam ou não com tais discursos. Verificar em que medida se aproximariam ou se distanciariam de tais enunciações e quais seriam as materialidades linguísticas que nos permitiriam perceber tais indícios discursivos.

1.3 Mídia e Formação Discursiva

Nesse tópico da seção, versaremos sobre a relação entre mídia, formação discursiva e identidade. Desse modo, abordaremos como o enunciado midiático pode propiciar a formação discursiva, e conseqüentemente, a produção de identidade. Para tanto, analisaremos como esses processos discursivos se realizam na mídia e de que maneira isso afeta a propagação e manutenção de discursos. Destacaremos ainda o gênero notícia em suas especificidades discursivas. Assim teremos como subunidades os seguintes tópicos: O discurso midiático; o enunciado da notícia; o pertencimento do sujeito: memória discursiva; e as formações discursivas e a ideologia.

1.3.1 O discurso midiático

As práticas culturais constituem modos de promoção dos discursos que se materializam por meio das linguagens, sejam essas verbais, visuais ou mistas. A mídia com sua linguagem geralmente mista é um dos modos pelos quais mais se propagam os discursos. Assim, importante se faz observar que a produção de sentidos midiáticos é realizada por sujeitos históricos que representam determinadas condições de poder. Isto propicia aos estudos na área da Análise do Discurso, significativas possibilidades de investigações, principalmente a fim de compreendermos os movimentos envolvidos na produção de identidade e circulação de identidades as quais são promovidas pelos meios midiáticos.

Gregolin (2007) argumenta que a análise do discurso (AD) é uma vertente teórica que propicia ferramentas conceituais para analisarmos o discurso que é veiculado na mídia, bem

como verificarmos qual a relação que se estabelece entre tais acontecimentos discursivos e a produção de identidades sociais. A leitura da mídia, no caso dos jornais, promove a produção de efeitos de sentido realizada por sujeitos inseridos em um período histórico e que usam determinada linguagem para materializar tais discursos.

Desse modo, ao se pensar a mídia como prática discursiva, produto de linguagem, se faz necessário concebê-la como resultado de práticas sócio históricas que interferem na circulação de seus enunciados, bem como nas posições do sujeito enunciator e também nos sentidos possíveis de serem construídos pelos sujeitos leitores. Estes podem se mostrar por meio das reproduções discursivas e a relação destas com a história e a memória. Trata-se dessa maneira de acompanhar os percursos de produção de sentidos, os quais são materializados nos discursos difundidos na mídia.

Foucault enfatiza as relações entre linguagem, sujeito, discurso e história. Assim, o discurso é uma prática que se relaciona com a formação dos saberes, estes por sua vez inserem-se em formações discursivas, as quais são regidas por certas regras de formação, uma vez que o discurso é uma espécie de jogo de estratégias, por meio do qual os saberes são construídos em um dado contexto histórico.

[...]que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Desse modo, a mídia também é um espaço de comunicação em que saber e poder se articulam, pois sempre há na figura do sujeito enunciator, um lugar de onde se fala baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como produto da formação de saberes, ele é ainda, um jogo polêmico e estratégico por meio do qual os saberes constituem-se e se relacionam a um dado momento sócio histórico. É relevante ressaltar que essa produção discursiva de saberes, é usada como controle social, em que se organiza, seleciona-se e distribui-se aquilo que pode e deve ser dito em certo momento histórico. Dessa maneira, é óbvio que a mídia é em certo grau, “detentora” desse controle social, visto que é por meio desta que são veiculadas as principais ideologias em nossa sociedade. Isso significa conforme Foucault (1987) que em dados momentos, certos discursos são silenciados, enquanto que outros são expostos justamente para controlar os sentidos e aquilo que é tido como “verdade” em dado momento histórico.

Portanto, as condições de produção de enunciados se dão conforme os discursos dominantes permitem. Assim, “o analista do discurso tem que buscar compreender como as

verdades são produzidas e enunciadas”, (GREGOLIN, 2007, P. 15). Logo, os discursos e as verdades que se estabelecem dependem do sujeito enunciador conforme suas formações discursivas e ideológicas. Então a mediação estabelecida pela mídia e seus leitores, é uma forma de controle social, já que por meio de enunciados controlados e mediados por essa, é que ocorre a divulgação de realidades, as quais influenciam os sujeitos leitores. As práticas culturais constituem modos de promoção dos discursos que se materializam por meio das linguagens, sejam essas verbais, visuais ou mistas.

A mídia como um dos grandes dispositivos ideológicos que circulam socialmente, desenvolve um papel importante na propagação de discursos, assim como a escola é um relevante instrumento de manifestação de poder. Foucault (1980, p.131) entende que a verdade (organizada e convencionada por instituições) é estreitamente ligada à formação de sujeitos, bem como à sua linguagem. O saber é constituído de um conjunto de práticas discursivas, pressupõe relações que dizem respeito às instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos, como determinantes das práticas discursivas.

Assim, observar que a produção de sentidos é realizada por sujeitos históricos e estão relacionadas às materialidades linguísticas que circulam socialmente, propicia aos estudos na área da Análise do Discurso, significativas possibilidades de investigações, principalmente a fim de compreendermos os movimentos envolvidos na produção de identidade que é promovida pelos meios midiáticos.

Gregolin (2007) argumenta que a análise do discurso (AD) é uma vertente teórica propiciadora de ferramentas conceituais para analisarmos o discurso. Esse é veiculado na mídia, estabelecendo a relação entre tais acontecimentos discursivos e a produção de identidades sociais. Isso promove a produção de efeitos de sentido realizado por sujeitos que estão inseridos em um período histórico e que usam determinada linguagem para materializar tais discursos.

Desse modo, para pensar a mídia como prática discursiva, produto de linguagem, é necessário concebê-la como resultado de práticas sócio históricas que interferem na circulação de seus enunciados, também pensar as posições do sujeito enunciador que se mostram por meio das materialidades linguísticas e ainda na relação destas com a história e a memória. Trata-se dessa maneira, de acompanhar os percursos construtores de sentidos, os quais são materializados nos discursos difundidos na mídia.

O discurso é uma prática que se relaciona com a formação dos saberes, estes por sua vez inserem-se em formações discursivas, as quais são regidas por certas regras de formação, uma vez que o discurso é uma espécie de jogo de estratégias, por meio do qual os saberes são construídos em um dado contexto histórico.

[...]que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Desse modo, a mídia também é um espaço de comunicação em que saber e poder se articulam, pois sempre há na figura do sujeito enunciador, um lugar de onde se fala baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como produto da formação de saberes, ele é ainda, um jogo polêmico e estratégico por meio do qual os saberes constituem-se e se relacionam a um dado momento sócio histórico. É relevante ressaltar que essa produção discursiva de saberes, é usada como controle social, em que se organiza, seleciona-se e distribui-se aquilo que pode e deve ser dito em certo momento histórico. Dessa maneira, é óbvio que a mídia é em certo grau, “detentora” desse controle social, visto que é por meio desta que são veiculadas as principais ideologias em nossa sociedade. Isso significa conforme Foucault (1987) que em dados momentos, certos discursos são silenciados, enquanto que outros são expostos justamente para controlar os sentidos e aquilo que é tido como “verdade”.

Portanto, as condições de produção de enunciados se dão conforme os discursos dominantes permitem. Assim, “o analista do discurso tem que buscar compreender como as verdades são produzidas e enunciadas”, (GREGOLIN, 2007, P. 15). Logo, os discursos e as verdades que se estabelecem dependem do sujeito enunciador conforme suas formações discursivas e ideológicas. Então a mediação estabelecida pela mídia e seus leitores, é uma forma de controle social, já que por meio de enunciados controlados e mediados por essa, é que ocorre a divulgação de realidades, as quais influenciam os sujeitos leitores. As práticas culturais constituem modos de promoção dos discursos que se materializam por meio das linguagens, sejam essas verbais, visuais ou mistas.

A mídia assim como a escola é um relevante instrumento de manifestação de poder. As duas como grandes dispositivos ideológicos desenvolvem um papel importante respectivamente na manutenção, reprodução e propagação dos discursos. Nesse sentido, Foucault (1980, p.131) entende que a verdade (organizada e convencionada por instituições) é estreitamente ligada à formação de sujeitos, bem como à sua linguagem. O saber é constituído de um conjunto de práticas discursivas, pressupõe relações que dizem respeito às instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos, como determinantes das práticas discursivas.

Assim, observar que a produção de sentidos é realizada por sujeitos históricos e estão relacionadas às materialidades linguísticas que circulam socialmente, propicia aos estudos na

área da Análise do Discurso, significativas possibilidades de investigações, principalmente a fim de compreendermos os movimentos envolvidos na produção de identidade que é promovida pelos meios midiáticos.

Gregolin (2007) argumenta que a análise do discurso (AD) é uma vertente teórica propiciadora de ferramentas conceituais para analisarmos o discurso. Esse ao ser veiculado na mídia acaba por produzir efeitos de sentido e daí a produção de identidades sociais. Os sujeitos agentes da mídia representam uma ordem de poder, estando inseridos em um período histórico e que usam determinada linguagem para materializar tais discursos.

Desse modo, para pensar a mídia como prática discursiva, produto de linguagem, é necessário concebê-la como resultado de práticas sócio históricas que interferem na circulação de seus enunciados. Também se deve pensar as posições do sujeito enunciativo que se mostram por meio das materialidades linguísticas e ainda na relação destas com a história e a memória. Trata-se dessa maneira, de acompanhar os percursos construtores de sentidos, os quais são materializados nos discursos difundidos na mídia.

Gregolin (2007) citando Foucault sistematiza uma série de conceitos fundamentais para a abordagem discursiva, enfatiza as relações entre linguagem, sujeito, discurso e história. Assim, o discurso é uma prática que se relaciona com a formação dos saberes, estes por sua vez inserem-se em formações discursivas, as quais são regidas por certas regras de formação, uma vez que o discurso é uma espécie de jogo de estratégias, por meio do qual, saberes são construídos em um dado contexto histórico. Desse modo, a mídia também é um espaço de comunicação em que saber e poder se articulam, pois sempre há na figura do sujeito enunciativo, um lugar de onde se fala baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como produto da formação de saberes, ele é ainda, um jogo polêmico e estratégico por meio do qual os saberes constituem-se e se relacionam a um dado momento sócio histórico. Desse modo, É relevante ressaltar que essa produção discursiva de saberes, é usada como controle social, em que se organiza, seleciona-se e distribui-se aquilo que pode e deve ser dito em certo momento histórico. Dessa forma, é obvio que a mídia é, em certo grau, “detentora” desse controle social, visto que é por meio desta que são veiculadas as principais ideologias em nossa sociedade. Isso significa conforme Foucault (1987) que, em dados momentos, certos discursos são silenciados, enquanto que outros são expostos justamente para controlar os sentidos. Assim, aquilo que interessa ao poder atravessado nos discursos midiáticos passa a ser tido como “verdade” em dado momento histórico.

Portanto, as condições de produção de enunciados se dão conforme os discursos dominantes permitem. Assim, “o analista do discurso tem que buscar compreender como as verdades são produzidas e enunciadas”, (GREGOLIN, 2007, P. 15). Logo, os discursos e as verdades que se estabelecem dependem do sujeito enunciativo, conforme suas formações discursivas e ideológicas. Então, na mediação estabelecida pela mídia e seus leitores, se verifica uma forma de controle social. Por meio de enunciados controlados e mediados pela mídia é que ocorre a produção e a circulação de realidades, as quais influenciam os sujeitos leitores. Vejamos então, como se efetivam os enunciados das notícias.

1.3.2 O enunciado da notícia

De acordo com Pereira, (2010), o gênero notícia mesmo que seja caracterizado, usualmente, por uma linguagem objetiva, possui marcas de subjetividade; o que é entendido nessa pesquisa como sendo um modo constitutivo de linguagem. Levando em consideração as concepções teóricas da Análise do Discurso, acreditamos que não exista enunciado livre de outros dizeres. Isso porque as escolhas enunciativas, de algum modo, remetem às marcas discursivas, uma vez que cada palavra escolhida traz consigo propósitos comunicativos, por quem produz um texto.

Nesse caso em particular, a notícia, nesse projeto deve ser trabalhada no ambiente escolar como uma maneira de incentivarmos os nossos alunos a lerem. Um modo dos sujeitos alunos realizarem a leitura como modo de interpretar e analisar minuciosamente os acontecimentos discursivos divulgados em uma dada notícia, explorando ainda a subjetividade, do ponto de vista discursivo, presente nesse gênero.

O trabalho em sala de aula com os diversos gêneros textuais, especificamente a notícia, permite ao educando desenvolver, por meio da compreensão e reflexão dos aspectos linguísticos utilizados nesse gênero, a própria crítica a partir do que se analisou o discurso. Ao fazermos uma breve análise sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, no que cerne ao processo de ensino de língua materna, observamos um foco na perspectiva de diversidade textual, em que se deve ler e interpretar em sala de aula uma série de gêneros discursivos presentes no campo social.

Essa indicação dos PCNS tem como objetivo principal a formação de um leitor que consiga compreender variadas linguagens e que construa sentidos a partir dos textos diversos com o qual interaja. Dentre estes, certamente podemos destacar A notícia, que deve ser lida, interpretada e analisada nas aulas de língua portuguesa. Isto pensando a notícia não como um gênero meramente informativo, até porque embora possa a notícia ser considerada de cunho

mais eminentemente informativo, numa perspectiva discursiva, tal gênero de modo não transparente traz uma posição daquele que a narra, ou seja, o modo de notícia aponta um posicionamento discursivo de quem enuncia. Seria um texto que pode discutir posições ideológicas a partir de seus enunciados.

Conforme Benassi (2007), a notícia pode ser determinada como um gênero discursivo que discorre sobre fatos de variados estilos temáticos – sociedade, política, economia, celebridades, esportes, saúde, informática, meio ambiente, etc. – que ocorreram há pouco tempo na esfera social. No sentido discursivo o fato pode se construir em acontecimento, deixa de ser somente um fato, passa a determinar e ser determinada pelos dizeres, pelas enunciações que circulam a respeito. Como a notícia faz parte das práticas cotidianas; conseqüentemente, está intimamente relacionada à formação da opinião do leitor. Portanto, parece evidente que muito além de informar o leitor, esse texto midiático busca de certo modo, repetir discursos ou dispersá-los, dependendo de qual formação discursiva se compartilhe.

De acordo com Cunha (2011, p. 135) “O discurso jornalístico, no sentido de informar e opinar acerca da realidade, passa por uma série de procedimentos de controle do discurso”. Daí, se ressalta a fala de Foucault (2005, p. 135), apud Cunha (p.135, 2011) o discurso “[...] têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Os meios midiáticos controlam o que deve e não deve ser dito. Nesse sentido, ainda com Foucault (2008, apud cunha, 2011, p.135) podemos ver as várias formas de se controlar o discurso:

(...) o comentário, o autor e a disciplina. Pelo comentário, entre tudo o que seria dito numa sociedade haveria aquilo que seria portador de algo, a ser comentado, repetido. Nesse caso, teríamos duas ordens do discurso, “os que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os [...] que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, [...] são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer”

Essa ordem referida anteriormente, não seria “engessada”, constante, mas haveria, nesse caso, um movimento por entre os discursos, “ora podem- se fazer comentários ora podem comentar outros”. (CUNHA, 2011, p. 135). Assim, pelo percurso dos acontecimentos, um texto considerado como grande enunciado pode torna-se o correntemente aceitável, enquanto que o inverso pode ocorrer também, e este mesmo texto pode emudecer e ficar a sombra dos acontecimentos. De outro modo, aquilo que se mostrava como comentário pode alcançar o

estado de discurso a ser comentado, ainda movido por um acontecimento faz-se de um discurso precípua, o novo.

Considerando esses conceitos propostos por Foucault (2008), o autor do texto jornalístico não seria uma singularidade basilar, originária nas vozes que circulam nos textos/discursos, mas sim uma base, um certo agrupamento de posições pelas quais estariam agrupados uma série de discursos, em que se enredariam determinadas similaridades, coerentes entre uma sequência de enunciados. Esse princípio seria mais evidente nas colunas e editoriais dos jornais, pois são textos que vêm assinados por determinado jornalista que se responsabiliza por um espaço nesse meio informativo.

Levando-se em consideração o entendimento do que seria o autor, podemos acionar as noções de rarefação e ritual. Assim, conforme Cunha (2011) a rarefação dos sujeitos, seria uma terceira ordem de delimitação do discurso. Desse tipo de controle discursivo destaca-se o ritual. Assim, Cunha (2011, p.136 apud Foucault, 2008, p. 37), diz: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis”. Ademais, é importante mencionar que nem todos poderão se apoderar de certos conjuntos enunciativos, isso dependendo de quem seja esse sujeito, poderá ou não ter seu acesso permitido a determinados discursos.

Esse ritual seria um determinador da qualificação profissional, em que os sujeitos deveriam ter certas habilidades para proferirem um dado discurso, até mesmo por delimitarem-se a certas qualificações profissionais. Por exemplo, as atividades de averiguar e noticiar certos eventos/ fatos, de fazer uma sequência de perguntas durante uma entrevista, serão atribuições de um jornalista.

Desse modo, na “voz” desse profissional, certas práticas discursivas terão validade, assim o discurso pode ser ritualizado e pode se estabilizar em uma sociedade do discurso, em que uma determinada profissão contribuirá para a efetivação de um dado ritual. Ainda de acordo com Cunha (2011, p. 136), determinado profissional “impreterivelmente pertencerá a um grupo doutrinário, uma nacionalidade /regionalidade, por exemplo, e ainda fará parte de um grupo com a função de conservar e divulgar um conjunto discursivo, uma sociedade do discurso”.

Desse modo, compreendemos que há dispositivos de controle do discurso que se realizam de maneira inerente ao propô-los em relação às práticas discursivas.

A seguir, trataremos sobre os conceitos acerca de memória discursiva e suas implicações para a produção do discurso.

1.3.3 O pertencimento do sujeito: memória discursiva

Ancorada no princípio do dialogismo da linguagem, uma reflexão sobre discurso e memória discursiva não pode desconsiderar uma especificidade de suma importância: a sua heterogeneidade. É essa característica que liga de forma constitutiva o mesmo discurso a outros com os quais mantém relação de vinculação a sua exterioridade.

Segundo Baccega (2015, p.120), “a linguagem constitui o humano e o sentido se constitui no social, na narrativa; se não houver narrativa, a palavra não terá sentido, pois ela não vive sozinha.” Dessa forma, o sentido aparece como ponto principal da narrativa, em oposição ou em complementariedade com os elementos narrados, que vêm carregados de História.

Para Orlandi (2015), a memória também faz parte do discurso, ou seja, pela memória se interfere nas condições de produção discursiva. Desse modo, é considerada “interdiscurso”. E a interdiscursividade é o “conversar entre os discursos”. Em que um age como resposta ou se refere ao outro. É o que Bakhtin, em sua teoria/ análise dialógica do discurso, define como uma das características principais do texto. Para esse estudioso, todo discurso é atravessado por outro, ou outros anteriores, ou seja, um texto sempre expõe algo que já foi falado anteriormente. E assim, nenhum discurso teria total originalidade.

Ainda conforme Baccega (2015), a autora discorre que diversos discursos interpelam o sujeito no cotidiano, os quais podem libertar ou oprimir, ditar comportamentos, regras, em que atuam no sentido da mudança ou da permanência. O discurso não pode ser definido como algo “pronto”, mas sim por uma constante instituição de sentidos. Desse modo, o sentido é construído, constituído no âmbito das relações, a partir das práticas sociais, das vivências.

Nessa perspectiva, merece relevância a concepção de que os signos linguísticos assumem sentidos diferentes dependendo do domínio ao qual estejam relacionados. Para Baccega (2015, p. 121), “[...] em cada domínio, o signo assumirá o sentido adequado a ele. E o sentido que ele assume traz os traços semânticos dos vários por onde ele circula”.

Nesse sentido, o discurso da História, da Literatura, da Comunicação e tantos outros dão sentidos próprios às mesmas palavras. Assim, as questões sociais, as condições de produção e

as diferenças ideológicas são elementos fundamentais na delimitação do sentido que os signos tanto verbais como não verbais terão no discurso. Desse modo, o lugar que o sujeito ocupa na produção discursiva é fator importante na instituição do sentido. Nas palavras de Pêcheux:

As palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

O pertencimento do sujeito, o lugar que ele ocupa no contexto de produção e domínio social será determinante para que a palavra assuma sentidos diferenciados. Somando-se a isso, se enfatiza o que Baccega (2015, p. 122) destaca: “[...] toda palavra é uma palavra *dada*, isto quer dizer, é uma palavra que está pronta. Mas ela é ao mesmo tempo uma palavra *dando-se*, ou seja, é uma palavra em construção”.

Por esse conceito proposto pela autora, compreendemos que essa palavra “*dada*” é aquela que já existe mesmo antes de nossa existência e carrega consigo sentidos diversos constituídos por valores contextuais, históricos e sociais. Entretanto, a essa mesma palavra outras significações podem ser atribuídas ou mesmo pode-se repetir sentidos já fixados. Assim, por meio da memória discursiva e pelo contexto social do sujeito falante, significações diversas podem surgir, dependendo de quem esteja falando, com quem se fale e em qual contexto. Desse modo, pretendemos entender como se processam esses sentidos na leitura dos sujeitos alunos participantes da pesquisa, como eles constroem sentidos tendo por base suas memórias discursivas e a interpretação das leituras dos jornais regionais.

A seguir abordamos de maneira mais específica as noções de formações discursivas e a ideologia e como isso implica para o entendimento das relações envolvidas na leitura em uma perspectiva discursiva.

1.3.4 As formações discursivas e a ideologia

Ao conceber o discurso como formado por uma série de elementos que não estão ligados por nenhum princípio específico de unidade, necessitamos, primeiramente, compreender o sentido da dispersão, conforme proposto por Foucault (2008). Então, cabe à análise do discurso estabelecer as regras que regem as formações discursivas. Segundo Brandão (2012, p. 32), tais regras são determinantes no estabelecimento dos elementos constitutivos do discurso, os “objetos que aparecem coexistem e se transformam num espaço comum; os diferentes tipos de enunciação que podem permear um discurso; os conceitos e suas formas de aparecimento e transformação [...]”.

Nesse sentido, as formações discursivas ocorrem por meio de enunciados que estão dispersos em um tempo e em um espaço. As formações discursivas retratam um dado objeto, elas obedeceriam a uma ordem, em um feixe enunciativo constituindo formações discursivas. (FOUCAULT, 2008). Assim, para Foucault, o discurso é definido como um conjunto de enunciados que tem seus fundamentos de regularidade em uma mesma formação discursiva.

Para se analisar esta formação devem-se descrever os enunciados que a compõem “Uma formação discursiva caracteriza-se pela semelhança de objetos enunciados que descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que a engendram derivam de um mesmo jogo de relações. (FERNANDES, 2011, p. 41)”. Para entender como acontece esse processo, faz-se necessário investigar aquilo que há de mais próximo entre enunciados descritos, de explicitar como cada objeto tem sua regra particular de aparecer e como esse jogo de relações ocorre em dada formação discursiva.

Essa particularidade discursiva é muito usual no discurso jornalístico. A notícia é um gênero dessa esfera sendo relevante podermos lê-la observando essas regularidades enunciativas, aquilo que parece aproximar enunciados nesse texto, o que é recorrente e demonstra uma mesma formação discursiva.

Foucault (2008), entretanto, argumenta que para entender esse jogo de similaridade discursiva, tem-se que observar justamente em que consistiria a dispersão desses objetos, buscando analisar todos os espaços entre um e outro enunciado, ou seja, perceber o que os aproxima, e ao mesmo tempo, o que os distancia. “De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles - em outras palavras, formular sua lei de repartição”. (FOUCAULT, 2008, p. 42).

Assim, conforme Foucault, uma formação discursiva revelará outros enunciados que a antecedem e o sucedem, integrantes de outros discursos; cabe mencionar também que estas formações discursivas manifestam formações ideológicas que as integram.

Como já foi exposto anteriormente, a linguagem não é neutra nem tampouco transparente, é por meio dela que os sujeitos atuam socialmente e enfrentam as situações do cotidiano. Orlandi (2015) ressalta que para a linguagem fazer sentido, ela tem que estar inserida em um contexto sócio-histórico-cultural. Desse modo, o sujeito fala de um espaço social, determinado por um contexto histórico que se relaciona com vários discursos. Estes por sua vez, carregam consigo marcas históricas, sociais e ideológicas. Nesse sentido, em suas formações discursivas subjazem formações ideológicas que para serem entendidas requerem

interpretações, e segundo a autora, seria “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI 2015, p.46).

De acordo com Fernandes (2011), toda formação discursiva demonstra, em seu intrínseco, a existência de discursos distintos, ao que, segundo o autor, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso. Destaca ainda o autor, que tal formação discursiva aponta formações ideológicas que a constituem. E numa perspectiva de prática social, estes discursos ao serem reproduzidos e interpretados, revelariam uma ação social, em um contexto específico, com função ideológica marcada.

Compreendemos, desse modo, que uma formação discursiva nunca é uniforme, ao contrário, será sempre constitutiva, composta por diferentes discursos. Um mesmo assunto, ao ser posto em discussão, certamente será objeto de debates, conflitos, tensões, mediante as diversas posições sociais ocupadas por sujeitos que se confrontam, contestam-se. Nas palavras de Foucault: “Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligadas, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (FOUCAULT, 1995, p. 31)

Ao fazermos uma reflexão sobre a Análise do Discurso de linha francesa, observamos que os estudos de alguns conceitos são fundamentais para o seu entendimento, como o de formação discursiva. Assim, percebemos que esse conceito se vincula a outros tão importantes quanto, como é o caso da ideologia. Nesse sentido, evidenciamos que todo sujeito ao expor determinado posicionamento, de maneira subjacente, se liga a jogos ideológicos que determinarão seu posicionamento, e revelam a que ideias esse sujeito se aproxima, bem como com quais ele se distancia. De acordo com Fernandes (2011), o discurso necessita da materialidade linguística para se realizar; já a ideologia se faz concernente ao discurso.

Tendo em vista o que foi mencionado, compreendemos que os discursos não são meras formas de dizer, nem tampouco uma reunião de enunciados regulares apenas, mas, sobretudo, um poderoso instrumento de combate no jogo discursivo, em que se almeja sempre o poder. Assim, nesse movimento, a formação ideológica vem a ser o centro dessa discussão, sendo a principal engrenagem dentro desse processo chamada discurso.

É pela ideologia que se pode observar a posição de um sujeito, analisando-se quais são seus papéis sociais e históricos, a quais ditos se relaciona. E isso gera uma sequência de transformações discursivas, em que seus discursos obedecem a linhas sócio-histórica-ideológicas particulares. Por essas movências discursivas, as palavras adquirem sentidos diferentes, definindo-se o que pode e deve ser dito em determinado contexto social.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS- METODOLÓGICOS

Nesta parte, apresentaremos os percursos metodológicos que foram percorridos nesse estudo. Em primeiro lugar, justificamos a escolha pela pesquisa-ação e pelo método qualitativo para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, demonstramos os instrumentos de coleta e análise de dados, os sujeitos participantes, e expomos em linhas gerais o percurso da pesquisa e finalizamos com uma breve exposição com relação ao contexto pesquisado. Destacamos como subunidades os seguintes tópicos: 2.1 Pesquisa Qualitativa: pesquisa-ação e o 2.2 Contexto da Pesquisa.

2.1 Pesquisa Qualitativa: pesquisa-ação.

Para a coleta de dados da diagnose foi constituído o corpus a partir da leitura de duas notícias sobre a Amazônia paraense, uma do jornal O liberal e outra do Diário do Pará. Os títulos dos textos que serviram de apoio são: “Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia: Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia” e “Turismo em Belém vai ficando para trás”. Com relação à seleção e organização do corpus, dois conceitos foram utilizados: o recorte (ORLANDI, 2015) e o enunciado (FOUCAULT, 2008).

Segundo Orlandi (2015, p. 64), o trabalho da análise do discurso se inicia pela delimitação de recortes, excertos de corpus providos de sentidos, ou seja, o recorte é um fragmento de certa situação discursiva, o qual se relaciona com outros fragmentos de linguagem formando uma unidade discursiva.

Nesse sentido, o pesquisador deve considerar os objetivos de sua pesquisa e selecionar os recortes do seu corpus com o propósito de analisá-los. É a partir destes excertos que ele passa a trabalhar com a noção de enunciado. De acordo com a concepção de Foucault (2008, p. 114), o enunciado seria o “elemento suscetível de ser isolado e capaz de entrar em jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele”.

Conforme o autor francês, não existe enunciado independente, que possua neutralidade, pois há sempre uma rede de regularidades unindo-o a outros, ou seja, o enunciado, mesmo sendo singular, estaria para além de qualquer polivalência de sentidos. Ainda que único, o

enunciado poderá ser retomado, e, assim sendo dito, se fará repetido, modificado. Então, poderá novamente funcionar, envolto em outro propósito comunicativo.

Desse modo, o pesquisador que busca uma análise discursiva pelo viés da AD de linha francesa, ao analisar seus enunciados, deve observar a relação de um determinado enunciado com outros, procurando determinar e compreender as condições de produção de tais enunciados, bem como relacioná-los com os contextos sócio- históricos. Isso sem desconsiderar que não existem sentidos estáticos, uma que temos que considerar a opacidade e heterogeneidade discursivas.

Na presente pesquisa, como se objetivou diagnosticar as construções de sentidos dos sujeitos alunos, a partir de leituras de notícias sobre a Amazônia Paraense; o corpus foi obtido a partir da aplicação de um questionário com questões abertas sobre essas notícias citadas anteriormente. E após os resultados da diagnose, será proposta uma série de atividades que possibilitarão o desenvolvimento dessas habilidades de leituras com o viés discursivo, embora entendamos que esse momento de diagnose, não pode ser considerado como uma etapa conclusiva, pois conforme a visão da análise do discurso, não há um estado original; assim como final. Mas sim, uma constante construção. A seguir, explicitamos como ocorreu esta fase:

2.1.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados da diagnose foi constituído o *corpus* a partir da leitura de duas notícias sobre a Amazônia paraense, uma do jornal O Liberal e outra do Diário do Pará. Os títulos dos textos que serviram de apoio são: “Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia: Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia” e “Turismo em Belém vai ficando para trás”. Com relação à seleção e organização do *corpus*, dois conceitos foram utilizados: o recorte (ORLANDI, 2015) e o enunciado (FOUCAULT, 2008).

Segundo Orlandi (2015, p. 64), o trabalho da análise do discurso se inicia pela delimitação de recortes, excertos de corpus providos de sentidos, ou seja, o recorte é um fragmento de certa situação discursiva, o qual se relaciona com outros fragmentos de linguagem formando uma unidade discursiva.

Nesse sentido, o pesquisador deve considerar os objetivos de sua pesquisa e selecionar os recortes do seu corpus com o propósito de analisá-los. É a partir destes excertos que ele passa a trabalhar com a noção de enunciado. De acordo com a concepção de Foucault (2008, p. 114), o enunciado seria o “elemento suscetível de ser isolado e capaz de entrar em jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele”.

Conforme o autor francês, não existe enunciado independente, que possua neutralidade, pois há sempre uma rede de regularidades unindo-o a outros, ou seja, o enunciado, mesmo sendo singular, estaria para além apontando para uma polivalência de sentidos, chegando inclusive a uma exterioridade. Ainda que único, o enunciado poderá ser retomado, e, assim sendo dito, se fará repetido, modificado. Então, poderá novamente funcionar, envolto em outro propósito comunicativo.

Desse modo, o pesquisador que busca uma análise discursiva pelo viés da AD de linha francesa, ao analisar seus enunciados, deve observar a relação de um determinado enunciado com outros, procurando determinar e compreender as condições de produção de tais enunciados, bem como relacioná-los com os contextos sócio- históricos. Isso sem desconsiderar que não existem sentidos estáticos, ou seja, os sentidos são mobilizados pelas condições de leitura, pela formação do leitor. Dessa maneira, a linguagem será sempre opaca relativa ao sentido, daí sempre as heterogeneidades discursivas.

Na presente pesquisa, como se objetivou diagnosticar as construções de sentidos dos sujeitos alunos, a partir de leituras de notícias sobre a Amazônia Paraense; o corpus foi obtido a partir da aplicação de um questionário com questões abertas sobre essas notícias citadas anteriormente. E após os resultados da diagnose, será proposta uma série de atividades que, considerando a maior ou menor possibilidade de estabelecimento de conexões discursivas por parte dos sujeitos alunos, apontarão para uma leitura polissêmica, daí possibilitado uma leitura que atravesse a palavra para além do dito, do linguisticamente, literalmente dito. Ou seja, propõe-se leituras com o viés discursivo. Registramos, porém que esse momento de diagnose, não pode ser considerado como uma etapa conclusiva, nem tampouco marcada pela constatação de um estado, pois conforme a visão da análise do discurso, não há um estado original; assim como final. Mas sim, uma constante construção. A seguir, explicitamos como ocorreu esta fase:

2.1.2 Atividade diagnóstica: questionários

Para realizarmos nossa atividade de sondagem, optamos pelo questionário, este, enquanto instrumento de técnica de análise de dados, foi aplicado em quatro aulas de 45 minutos cada. Duas aulas com um questionário sobre uma primeira temática: “O turismo” e outras duas com outro tema: “O desmatamento”. A escolha pelo uso desse instrumento se deu por acreditarmos que esse procedimento seria o mais adequado para obtermos informações que, apesar de iniciais, seriam ao mesmo tempo, indispensáveis para a efetivação de nossa pesquisa.

De acordo com Gil (2008, p. 122) essa técnica é vantajosa porque possibilita ao pesquisador atingir grande número de pessoas, nesse caso, porque permitiu que nós

aplicássemos com todos os 25 alunos da turma. Além de garantir que tais discentes respondessem de maneira mais espontânea e sem a influência das opiniões e do aspecto pessoal dos outros alunos, ou seja, respondessem de modo mais autônomo.

Ainda segundo Gil (2008) a técnica pode ser entendida como “conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (GIL, 2008, p. 121). Desse modo, por tais características, consideramos que este seria o procedimento mais adequado aos objetivos de nossa pesquisa, já que trabalharemos com questionamentos que buscam traçar um perfil identitário desses sujeitos que participaram da pesquisa.

Optamos por questionários com perguntas abertas³ pelo fato de buscarmos informações pessoais sobre os alunos participantes da pesquisa, em que tais sujeitos exponham suas opiniões de modo a demonstrarem seus valores, crenças, conhecimentos, etc. e também por praticamente não haver influência do pesquisador, já que os sujeitos informantes escrevem o que lhes convém e pensam (GIL, 1999, p.129).

2.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa ocorreu em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, da zona urbana, em Igarapé-Açu, localizada na região nordeste do estado do Pará. A escola atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, além do seguimento da EJA. É uma das maiores escolas do município e atualmente conta com aproximadamente 750 alunos matriculados, divididos em dois turnos: matutino e vespertino. Recebe alunos da zona urbana e também da zona rural do município e fica localizada na parte central da cidade.

Relativamente, com relação às dependências da escola há uma infraestrutura de 18 ambientes, sendo 12 salas de aula; uma biblioteca escolar; um laboratório multidisciplinar; uma diretoria; uma sala de professores; uma secretaria e copa. Atualmente, a escola encontra-se em processo de reforma. Escolhemos desenvolver essa pesquisa em uma turma de 8º ano do Ensino fundamental, no turno vespertino, composta por 25 alunos, na referida escola. A escola faz parte da 9ª Unidade Regional de Ensino– URE. Essa instituição está sob a responsabilidade da Secretaria de educação do Estado do Pará – SEDUC. O estabelecimento situa-se em um bairro periférico, sendo sua clientela formada por alunos oriundos de famílias de baixa renda.

³ Perguntas abertas: são questões em que o aluno pode responder expondo seus posicionamentos.

Optamos por desenvolver este estudo no turno vespertino, nosso período de trabalho, em uma turma de 8º ano composta de 13 alunos e 12 alunas com faixa etária média de 14 anos. Escolhemos essa turma por cursar o final do Ensino Fundamental e que por isso espera-se ser capaz de fazer relações entre textos lidos de modo a compreender a discursividade presente nos diversos gêneros, inclusive os midiáticos. De acordo com as Bases Curriculares Nacionais, espera-se que ao final deste ciclo, os discentes sejam capazes de fazer relações entre textos, também que os alunos tenham uma atitude crítica perante as informações que lhes são repassadas.

3 ANÁLISE E MEDIAÇÃO DISCURSIVA

Nessa seção demonstraremos como ocorreu a etapa de atividade diagnóstica, sua aplicação, análise e resultados. Como subseções trazemos: 3.1 Descrição e análise da atividade diagnóstica.

3.1 Descrição e análise da atividade diagnóstica

A atividade diagnóstica desenvolvida na turma do 8º ano do E. Fundamental foi composta por dois questionários de leitura a partir de textos jornalísticos, especificamente com o gênero notícia. Em cada questionário havia quatro perguntas abertas sobre as temáticas trabalhadas nas notícias lidas, a saber: O tema do *desmatamento* e do *turismo*, circunscritos à Amazônia Paraense.

Segundo Thiollent (1986) na metodologia da pesquisa-ação faz-se importante a efetiva participação dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento da pesquisa. Também que os discentes possam manifestar suas indagações, problemáticas e reflexões. Assim, na medida em que ocorreram as aulas iniciais do ano letivo de 2019, no mês de fevereiro, observamos que uma parcela significativa dos discentes demonstraram uma demasiada busca por leituras de textos da mídia escrita. Entre esses textos, verificamos a leitura de notícias nos jornais da região: “Diário do Pará” e “O Liberal”.

Desse modo, passamos a observar, tanto na condição de professora quanto posteriormente na de pesquisadora, o quanto essas leituras são usuais para os nossos discentes, atualmente. Certo dia, presenciamos um grupo de alunos discutindo sobre uma notícia relacionada ao estado do Pará, isso nos mobilizou na escolha dessas temáticas, uma vez que somos participantes de um grupo de pesquisa que envolve o estudo das identidades e subjetividades da Amazônia paraense, a saber o GEDISPA⁴, conforme já ressaltamos

⁴ GEDISPA: Grupo de Estudos das identidades e subjetividades da Amazônia Paraense. Grupo formado por estudantes de Graduação e Pós- Graduação na área de conhecimento linguístico, com ênfase na Análise do Discurso. Coordenado pelo professor Dr. Marcos André Dantas Cunha.

anteriormente. Assim, interessamo-nos pela abordagem do trabalho de leitura na perspectiva discursiva.

Na situação em questão, eles estavam se questionando se aquilo que era apresentado na notícia seria uma realidade de todo o estado do Pará. Na nossa condição de professora e também de paraense buscamos saber do que tratava tal texto, e, justamente, falava do desmatamento ambiental que ocorre em nosso estado. Além disso, percebemos que talvez aquela fosse uma oportunidade de mobilizar os discentes para a leitura e a construção de sentidos, bem como oportunizá-los a discussão sobre a identidade paraense que é veiculada em tais textos midiáticos. Acrescentamos ainda a temática do turismo, porque conforme Cunha (2011) é um tema de pouca recorrência nas notícias sobre o universo paraense, e nesse sentido, pensamos em promover um contraponto entre as temáticas apresentadas.

Assim, na semana seguinte, nos dias 07 e 08 de março de 2019 passamos a pesquisar na internet notícias sobre o estado do Pará com as temáticas mencionadas anteriormente. O próximo passo foi escolhermos as notícias a serem lidas, nesse processo. Pensamos ser importante a participação dos alunos como uma maneira de motivá-los e também para que eles pudessem participar de modo cooperativo do processo de seleção do texto, como se propõe na pesquisa-ação. Então, selecionamos alguns títulos de notícias com a temática do desmatamento e do turismo e pedimos que eles “votassem” naqueles que gostariam de ler.

Foram selecionados os seguintes textos: **“Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia: Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia”**, do jornal O Liberal, e **“Turismo em Belém vai ficando para trás”**, do jornal Diário do Pará. Por ser o título/manchete um ponto principal dentro da construção de sentidos do gênero em questão, partimos desse princípio para a escolha das notícias a serem lidas pela classe. Optamos por imprimir as notícias para facilitar a aplicação dos questionários, pelo fato de que alguns alunos não possuem celulares smartphones e também devido o laboratório de informática da escola estar desabilitado.

É relevante mencionarmos que para a realização dessa atividade, a professora não mediou à leitura e nem teceu nenhum comentário no sentido de ampliar qualquer perspectiva de interpretação dos textos lidos por parte dos discentes. Por sermos conhecedores de que a nossa condição de pesquisadora, realizando uma sondagem, nos impossibilitaria de intervir, ou melhor que deveríamos intervir minimamente possível, buscamos pouco influenciar na leitura/produção dos discentes, nessa etapa do trabalho.

Então, no processo de leitura e preenchimento dos questionários, os alunos leram e responderam individualmente sem interagirem uns com os outros. Assim, no dia 15 de maio de

2019, foram utilizadas duas aulas de 45 minutos para a aplicação do primeiro questionário da diagnose e no dia 16 de maio de 2019 mais duas aulas para a efetivação do segundo diagnóstico. Vejamos a seguir, as cópias de cada um dos textos que foram utilizados em sala de aula, acompanhados respectivamente das questões propostas aos alunos:

Texto 1



Parte do piso do Portal da Amazônia está desabando (Foto: Wagner Santana)

Turismo em Belém vai ficando para trás

Enquanto capitais como o Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador despontaram na economia brasileira durante o Carnaval por causa de seus atrativos, Belém, mais uma vez, ficou na lanterna. A capital paraense parece mesmo só ter seu potencial turístico lembrado pela Prefeitura de Belém e Governo do Estado durante o Círio de Nazaré, para o lamento de quem trabalha com o setor e até mesmo dos próprios turistas. A fotógrafa gaúcha Mariana Zarth passeava pelo Ver-o-Peso no dia 15 passado. Ela contou ter vindo a Belém para passar três dias depois de passar por Manaus (AM) na tentativa de fugir da folia de momo. “Fui também à Ilha do Combu, que adorei, à Estação das Docas e ao Mangal das Garças. Muito bonito, mas a falta de segurança e o transporte público ruim daqui dificultam”, diz. “Andar a pé pela cidade com bolsa, celular também é arriscado. Em Manaus, eu fiz isso com muito mais tranquilidade”. Um dos maiores cartões-postais de Belém, o Ver-o-Peso não está vivendo seus melhores dias. Durante a reportagem, foi possível atestar a situação de abandono do complexo, com crateras no chão e falhas na cobertura, além da sujeira. O mesmo vale para o

Portal da Amazônia, inaugurado há pouco mais de cinco anos, na orla de Belém, cujo nível de deterioração inclui o desabamento de parte do piso de pedra.

INSEGURANÇA

Paulista casada com paraense e morando em Belo Horizonte (MG) há dez anos, a advogada Gabriela Veras, 39, visita a família do marido uma vez por ano. No passeio pelos pontos turísticos deste ano, passou por uma experiência nova: saindo do Ver-o-Peso para a Estação das Docas, foi abordada por um policial militar que lhe aconselhou a retirar do pescoço o cordão dourado que usava. Para não atrair ladrão.

“Ainda bem que não aconteceu nada, eu provavelmente teria sido roubada se tivesse andando com o cordão em determinados pontos turísticos de BH”, diz, fazendo uma comparação com a violência que também é um problema onde mora. “O que mais me incomodou dessa vez foi à sujeira. Eu e meu filho, de cinco anos, enfiamos o pé em uma poça de lama lá no Ver-o-Peso e eu tinha lenço umedecido na bolsa para limpar. Mas quem disse que achamos um lixeiro para jogar?”, lamentou a turista, que, apesar das mazelas, se declara apaixonada por Belém por causa da culinária e do acolhimento dos moradores.



Ver-o-Peso é um ponto turístico muito visitado, mas recebe pouca atenção do poder público.

(Foto: Irene Almeida).

Publicado em domingo, 25/02/2018, 07:15:51 - Atualizado em 25/02/2018, 07:26:28

(Carol Menezes/Diário do Pará)

Nos questionários são apresentados alguns pontos a partir dos quais teceremos algumas considerações. São os seguintes aspectos a serem verificados:

- ✓ O título/manchete das notícias e os efeitos de sentidos provocados por estes na construção de sentidos dos sujeitos-alunos participantes da pesquisa;

- ✓ Palavras, expressões ou imagens, nos textos lidos, que possam gerar gestos ⁵de interpretação;
- ✓ A identificação ou não do sujeito leitor com o que foi noticiado, de modo a perceber se o sujeito-aluno demonstra uma *identidade* com o que foi exposto nos textos, observando em que medida os sujeitos participantes da pesquisa se *aproximariam* ou se *distanciariam* dos discursos veiculados na mídia jornalística que foi utilizada no corpus do estudo.

Desse modo, a partir dos recortes⁶ que foram selecionados do corpus acerca das respostas⁷ dos sujeitos-alunos⁸, teceremos algumas considerações:

A seguir questões e respostas sobre o tema 1- Turismo

A notícia que foi lida durante a atividade sobre o tema turismo traz uma manchete/título que destaca o fato de o “turismo em Belém vai ficando para trás”, acompanhada de uma foto de um dos principais pontos turísticos da capital paraense, o Portal da Amazônia. Porém, o que se destaca nessa imagem não é o rio ao fundo, mas sim uma cratera no piso do calçamento da orla. A associação entre a linguagem não verbal mais o enunciado verbal do título ajuda a compor os sentidos de que o turismo não estaria bem na capital paraense. Essa associação entre o elemento visual e o verbal são fundamentais para que possamos compreender determinados sentidos em relação ao fato noticiado.

O texto inicia apontando outras capitais do Brasil que despontaram na economia brasileira por causa de seus atrativos turísticos, enquanto Belém teria ficado em último lugar. Em seguida, o que se segue na notícia é uma série de discursos que evidenciam a precariedade da cidade de Belém enquanto potencial turístico. A capital é apontada como inadequada para o turismo pela falta de segurança, infraestrutura e por ser considerada uma cidade que acumula lixo. O que é interessante observarmos é o fato de que em uma notícia acerca do turismo na região, enfatiza-se mais os aspectos negativos do que os positivos. Isso parece nos apontar para certo viés discursivo. Nesse sentido, é relevante que os discentes compreendam esses processos que envolvem a discursividade.

⁵ Gestos de interpretação: Pêcheux (1999) propõe que as interpretações são atos que surgem como tomadas de posição. Tais tomadas de posição são entendidas pelo autor como gestos de interpretação, sempre marcados pela história, pela ideologia e pelo inconsciente.

⁶ Excertos das respostas dos alunos que foram utilizados para análises.

⁷ As respostas foram transcritas tal qual foram escritas, sem correção ortográfica.

⁸ Os nomes dos alunos são fictícios e escolhidos aleatoriamente para não serem identificados.

1ª QUESTÃO, DA TEMÁTICA 1: TURISMO

“A notícia é um gênero composto por título que tem a função de antecipar o assunto sobre o qual abordará uma informação/opinião. Pelo título desta notícia, você diria que as informações e opiniões veiculadas no texto serão positivas ou negativas? Justifique sua resposta”.

Para uma melhor observação e análise, ao expormos as enunciações dos sujeitos alunos, fizemos a divisão entre aqueles que opinaram que o título da notícia antecipa informações *negativas* daqueles que mencionaram que seriam *positivas*.

Respostas dos alunos que identificaram o título como **negativo**:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº1

A1- “São *negativas* essas imagens porque o nosso estado *não pode passar por isso*”.
(Fernando)

Neste enunciado o aluno deixa explícito que as imagens da manchete/texto são negativas, porém ao justificar sua resposta não mostra de maneira evidente porque consideraria as informações veiculadas na notícia como negativas. O que nos parece é que este discente não relaciona a expressão da manchete: “vai ficando para trás” com os possíveis sentidos negativos que a mesma carrega.

Entretanto, pode só ter relacionado estes sentidos negativos a partir da leitura do texto. E ao justificar sua resposta utiliza uma expressão: “não pode passar por isso” para demonstrar que não concorda com o que foi veiculado na notícia. Ou seja, o pronome demonstrativo *isso* pode tratar-se de uma retomada de sentidos a partir da leitura de todas as mazelas descritas na notícia sobre o turismo na capital paraense.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº2

A2- “As notícias são *negativas* por causa da *sujeira e poças de lama*”. (Flávia)

Neste enunciado, a aluna concorda que a notícia traria informações/opiniões negativas sobre o turismo na cidade de Belém. Mais uma vez não há uma clara relação da justificativa com a expressão do título em si. Observa-se somente uma reiteração dos sentidos atribuídos ao que foi descrito na notícia lida. Os enunciados “*sujeira*” e “*poças de lama*” são trechos que foram citados do texto lido, e parece haver, neste caso, apenas uma repetição enunciativa com

base nas palavras da notícia. Diferentemente da enunciação anterior, nesta o sujeito recorre a mais elementos figurativos do que o primeiro, focando em aspectos que ressaltam informações negativas a respeito da capital paraense. Diríamos que a relação entre síntese –análise, talvez objetividade e subjetividade, ou ainda figuratividade e tematicidade tenha sido de um nível de abstração maior na primeira resposta do que na segunda.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº3

A3- *“Negativo. Bom devido a essa notícia, podemos ler que a cidade de Belém não está nos seus melhores momentos, e também com falta de segurança”. (Pedro)*

Nesta sequência observamos que o sujeito- aluno atribui sentido negativo a notícia lida, embora não estabeleça relação direta com o título como foi proposto no comando da questão, ignorando a expressão: “andando para trás”, da manchete. Também vemos a retomada de enunciações do texto que foi lido, mesmo que de maneira implícita, quando resalta que “*Belém não esta nos seus melhores momentos*”. O aluno pode estar se referindo de maneira indireta do que há nas enunciações do texto lido, no caso, os problemas como a falta de limpeza e estrutura física da capital paraense.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº4

A4- *“Negativa, porque a notícia nos mostra como **Belém está acabada**, os turistas nem sequer mais se alegram ao ver o estado que está os pontos turísticos de Belém”. (Marcos).*

O discente responde à questão dizendo que as opiniões/informações divulgadas na notícia seriam negativas. Em sua justificativa podemos verificar uma certa similaridade com o título, talvez o leitor aponte o ‘acabada’ como algo que esteja ‘ficando para trás’. Em seguida se refere a aspectos trazidos no corpo do texto que ressaltam ‘o estado que está os pontos turísticos de Belém’.

As respostas citadas anteriormente evidenciam uma regularidade de um discurso em que se mostra a capital paraense de uma maneira estereotipada, como um local sujo, violento e sem estrutura física adequada para receber os turistas. Sobre esse aspecto é relevante abordarmos a noção de enunciado e sua especificidade de ser reiterado, repetido; semelhantes a estes que se fazem presentes nessas retomadas de sentidos que ocorrem em tais enunciações. Desse modo, conforme Cunha, 2011, p. 44, “[...] o sentido do enunciado [...] se faz imerso na relação com os

outros, que podem estar ou não linguisticamente configurados, pelo fato de haver enunciados implicitamente enunciados, não expressos na materialidade na língua”.

Nesse sentido, o enunciado pode ser repetido, retomado; porém, nessa permanência também há modificação, o que acarretaria em traços de outros enunciados que lhe confeririam identidade. O enunciado, então, pode fazer-se identificado com uma memória discursiva, juntar-se a um passado com que tenha atuação de similaridade, com o qual seria adepto, que estaria condicionado a uma repetibilidade. Apesar de que este mesmo enunciado poderia ainda mostrar-se aberto a mudanças, integrando-se a estratégias que confirmariam ou apagariam sua identidade, mesmo que não aparecesse numa certa materialidade de forma explícita. Haveria entre os dizeres pontos de intercessão que os aproximariam ou por outro lado, pontos que os dispersariam. Então:

(...) um discurso/acontecimento estaria no rastro de um outro, que não se faz dito, não traz seu dizer, parece nunca dito. Desse modo, não se possibilitaria o embate provocador de sentidos entre o que se diz e o que foi dito, ou seja, haveria sempre uma continuidade repetível. Desse modo não se possibilitaria a multiplicação de sentidos pela diferença, mas sim se ratificaria a igualdade reprodutora de sentidos. (CUNHA, 2011, p. 43).

Entretanto, faz-se importante citar ainda, o que foi exposto por Orlandi (2015). A autora ressalta que se pensarmos a linguagem pelo viés discursivo seria difícil demarcarmos limites entre o mesmo e o diferente, pois há sempre um jogo de dizeres entre os processos parafrásticos e polissêmicos. “Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. (ORLANDI, 2015, p. 34). Desse modo, a paráfrase seria a retomada a um dizer, aquilo que já foi posto, mencionado, que faz parte da memória discursiva, do dizível. Portanto, são formulações semelhantes a um mesmo dizer, em que há um equilíbrio; nas palavras de Orlandi (2015, p. 34) “uma estabilização”.

De modo geral, podemos inferir que o título traz uma expressão em sentido figurado, “vai ficando para trás”, para se referir ao turismo na capital paraense. Assim, partindo dessa expressão e dos sentidos que podem ser inferidos a partir dela, quatro dos sete alunos consideraram que o título traria informações negativas a respeito de Belém, enquanto que OS outros três disseram se tratar de sentidos positivos. Desse modo, é possível notar que ao justificarem suas respostas, estes que responderam que seria negativo, recorreram ao conteúdo da notícia e não ao título em si para explicar o sentido “negativo” ao qual mencionaram. É

notório que eles entenderam de modo geral que o texto traz um discurso que mostra a capital do Pará de modo negativo.

Porém o que merece atenção é o fato de os sujeitos alunos parafrasearem algumas informações e opiniões que constam no corpo do texto. Parece, dessa forma, não haver uma leitura específica, focalizada na manchete, conforme sugerido pela questão proposta dos sentidos pretendidos nesse tipo de enunciado que precede os textos jornalísticos notícias. Já os alunos que responderam positivo parecem não terem associado à expressão do título do texto: “andando para trás” aos seus possíveis sentidos negativos, ou melhor, podem ter destacado outros aspectos possíveis, por meio de suas formações discursivas a respeito da temática tratada na notícia.

Assim, nenhum dos alunos fez menção de maneira específica ao enunciado: “Turismo em Belém vai ficando para trás”. Ou seja, nos parece que os sujeitos não se delimitaram à questão proposta, talvez um problema de leitura da questão, ou mesmo a dificuldade de os sujeitos alunos conseguirem sintetizar a análise da questão a partir da materialidade linguística da manchete. Daí a necessidade de se buscar mais dados para responder ao solicitado, buscarem justificativa nos argumentos do corpo da notícia, nos dados que apontaram para situações positivas, não na expressão circunstancial “para trás”.

Então, os sujeitos alunos parecem não terem relacionado a expressão “vai ficando para trás” com os possíveis significados negativos que poderiam estar atrelados ao que é veiculado na notícia. Nossas hipóteses, nesse caso, são que os discentes não relacionaram a expressão figurativa enunciada na manchete com os sentidos expostos no texto. Parece não haver nestas respostas uma clara associação dos aspectos negativos que poderiam estar atrelados a expressão do título “ficando para atrás”. Por outro lado os estudantes que responderam acerca de antecipações positivas, também não se deteram nas indicações linguísticas que apontam para o provável posicionamento discursivo do texto.

Os sujeitos que responderam destacando o aspecto negativo, para reconhecerem o fato de Belém não estar adequada às condições urbanas tanto para quem mora ou que passeia (por não apresentar estrutura física adequada e segurança aos turistas), utilizarem paráfrases da notícia em si. Parece-nos que o plano da continuidade, daquilo que se diz com outras palavras, fica mais apreendido pelos sujeitos alunos do que o plano mais figurado, mais polissêmico, mais metafórico. Uma tendência em buscar argumentos no que se diz textualmente, não nas relações com aquilo que não está dito. Apesar de que os que responderam destacando os aspectos positivos, parecem ter definido suas respostas focalizando questões externas ao texto,

as formações discursivas não demonstraram suas interpretações partindo dos aspectos linguísticos.

Na sequência dessa análise trabalharemos de modo mais focalizado cada enunciado resposta dos sujeitos alunos para a primeira questão proposta.

Verificamos ainda que outros três alunos demonstraram em suas respostas que apesar de a notícia retratar aspectos negativos sobre a capital paraense, em algum sentido o texto traria também informações positivas. A partir da leitura que os alunos fizeram, construíram sentidos opostos e que apontam outras posições comparadas ao discurso da notícia. Como podemos observar nos excertos a seguir:

Respostas dos discentes ressaltando o título como **positivo**:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº5

A5- *“Positiva: porque apesar das mazelas falando sobre Belém e o Ver-o-Peso, Belém tem seus pontos turísticos bem definidos por que não é só no Círio que existe em Belém, existem outras coisas na minha opinião”*. (Daiane).

Observamos que a aluna responde à questão afirmando que pelo título/manchete da notícia: “Turismo em Belém vai ficando para trás”, as opiniões/informações veiculadas pela notícia seriam positivas. A discente parece não ter associado à expressão do título do texto: “andando para trás” aos seus possíveis sentidos negativos, ou melhor, destacou em sua resposta muito mais aquilo que vem expresso no texto, do que o enunciado/manchete. E que possa ter utilizado a palavra “positiva” com outro sentido.

Assim, o termo ‘positiva’ pode ser interpretado como um modo de interpelar⁹ o que foi posto na notícia, pois logo no início de sua justificativa, ela usa um conector adversativo: *apesar* para argumentar em contraposição ao que é exposto no texto, questionando o que foi exposto a respeito do ‘turismo na capital paraense’. Desse modo, o sujeito cita a palavra “mazelas” que está no texto para se referir aos aspectos negativos demonstrados na notícia. Mas, usa também o *apesar* para contrastar esse discurso de que Belém apresentaria muitas dificuldades impedindo o turismo na região. Quando menciona que em Belém existem pontos turísticos “bem definidos” e não apenas o Círio; a aluna, de modo implícito, faz referência a locais que são visitados por turistas não apenas durante a Festividade do Círio de Nazaré, inclusive talvez possa estar se referindo aos locais citados na notícia: Ver -o -Peso, Mangal, Estação das Docas.

⁹ Verbo transitivo direto: dirigir-se a (alguém) com alguma pergunta ou pedido de explicação, em tom confrontativo.

Uma construção de sentido semelhante é perceptível nos seguintes enunciados:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº6

A6- *“Positivas. Porque turismo trata-se mais ou menos de passear, viajar, aproveitar a vida, e esse texto só fala coisas ruins de Belém”*. (Carla)

A aluna utiliza a palavra positiva, embora justifique sua resposta contrapondo o que foi destacado na notícia. É importante perceber a justificativa da aluna não como uma afirmativa, mas sim como um questionamento: como o texto trataria sobre o turismo se só aborda questões negativas sobre a capital paraense? A sua definição do que seria turismo, “trata-se mais ou menos de passear, viajar, aproveitar a vida”, vai apontar para uma contradição da notícia quando se reconhece que o texto ‘só fala coisas ruins de Belém’. Apesar do sujeito não responder talvez ao esperado pela pergunta, ou seja, ao fato da manchete tratar o tema do turismo de forma negativo; se observa uma análise por parte da aluna um sentido fundamental: o fato de a notícia, o jornal identificar a cidade negativamente, mesmo tratando de uma temática que requer o ressalte de aspectos positivos. Então, a discente busca em sua justificativa se contrapor as opiniões/informações divulgadas na notícia acerca do turismo em Belém. O conector ‘e’ é usado com valor adversativo, reforça ainda mais o sentido de oposição neste enunciado. Assim, observamos um distanciamento, uma ruptura ao discurso que é enunciado no texto.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº7

A7- *“Positivas, porque fala de nosso estado e por isso que são positivas, por vários noticiados”*. (Tatiane)

Na sequência discursiva acima, a aluna posicionou-se dizendo que o título da notícia: “Turismo em Belém vai ficando para trás” traria informações/opiniões positivas a respeito da capital paraense, e ao justificar sua posição usa o enunciado: “porque fala de nosso estado”. Observamos que a discente parece não ter construído sentidos a partir da expressão figurada “vai ficando para trás”, pois não interpretou esta de modo negativo como sugere o contexto do enunciado. Em sua justificativa a aluna não deixa claro quais seriam os pontos que falam do estado do Pará, no texto lido, os quais ela consideraria positivos.

De maneira implícita pode ter relacionado à palavra positiva a alguns trechos na notícia em que se discorre sobre alguns pontos turísticos da capital paraense, como o Ver-o-Peso. Entretanto, também parece não perceber que tais exemplos foram mostrados no texto,

ressaltando-se seus aspectos negativos. Daí pode ter atribuído sentido positivo, desconsiderando essas enunciações e por isso teria dito ser positivo, por estar se noticiando sobre o estado do Pará. Essa justificativa nos reporta a um dito popular e do senso comum que diz que não importa se “falem bem ou mal, mas falem de mim”. Nesse caso, parece ser uma relação semelhante a esta que a aluna teria estabelecido.

Orlandi (2015) menciona que há entre o mesmo e o diferente uma tensão entre duas forças que trabalham continuamente o dizer. Estas se concentrariam entre processos parafrásticos e polissêmicos. Assim, todas as vezes que enunciamos, ao tomarmos uma palavra, produzimos um movimento relacionado às redes de filiações dos sentidos. No entanto, nesse jogo entre o já dito e aquilo a se dizer, os sujeitos fazem seus percursos, significam e ressignificam os dizeres, os enunciados ditos.

Desse modo, torna-se evidente nos Excertos ora analisados, que há a presença da heterogeneidade – “constitutiva do próprio sujeito”, afirma Brandão (2012, p.83). Esta heterogeneidade é produzida pela dispersão do sujeito refletida nas afirmações muitas vezes díspares. Isto ocorre pela perda da centralidade do sujeito, ou dizendo em outras palavras, porque um discurso pode estar atravessado por várias formações discursivas (BRANDÃO, 2012, p.83).

Depreendemos assim, que os sujeitos-alunos constroem suas identidades em um deslocamento, assinalado por fragmentações, rupturas e movimentos descontínuos. Sendo, então, atravessados não apenas por um ponto central de poder, mas por uma multiplicidade de pontos de poder, e assim de formações discursivas, de dizeres diferentes. Então, observamos que tais enunciações constituem um sujeito descentrado, polifônico.

A seguir, analisaremos as questões dois e três, elas são abertas e se referem à opinião dos alunos sobre o texto lido. Ao analisarmos as respostas, buscamos verificar em que medida esses sujeitos- alunos que participaram da pesquisa se *identificaram* ou não com o que está enunciado na notícia, acerca da capital paraense e como eles expressam seus posicionamentos.

2ª QUESTÃO, DA TEMÁTICA 1: TURISMO

Você gostou do texto lido? Justifique sua resposta.

Nesse bloco de respostas, faremos uma divisão a respeito do posicionamento discursivo dos sujeitos alunos a partir de dois pontos: *aqueles sujeitos-alunos que se posicionaram afirmando terem gostado da notícia lida e os que disseram não ter gostado*. Assim, ao analisarmos as respostas, constatamos que dos sete enunciados apenas *três alunos* disseram

gostar da notícia. Esses justificam sua posição retomando os discursos de que Belém está inadequada para o turismo pela falta de segurança e infraestrutura física. Enquanto que os sujeitos alunos que disseram *não gostar* da notícia justificaram suas respostas, baseados sobretudo, em posicionamentos que ora retomavam trechos da notícia em estudo, ora contrapondo-se a esses. Isso pode configurar um conflito de vozes que podem atravessar esses sujeitos. Vejamos os enunciados a seguir as respostas dos discentes que disseram gostar da notícia:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº8

A1- *“Gostei **um pouco** mais fique muito **decepcionado** porque um turista vem a nossa cidade para se agrada e encontra transporte muito ruim segurança mal sucedida e falta de coleta de lixo” (Fernando)*

Na sequência discursiva o sujeito-enunciador afirmou que “*gostou um pouco*”, o verbo “gostou” acompanhado do advérbio “pouco”, pode demonstrar que o sujeito- aluno, de fato, não tenha gostado das informações/opiniões que leu. Ou ainda, que tenha gostado pelo fato do texto tratar, abordar a cidade de Belém, tematizar pontos turísticos a respeito de Belém. No entanto, ressalta a decepção apontando para a relação de conflito entre expectativas e aquilo que se relata a respeito do que as turistas ressaltadas encontram em Belém do Pará. Assim, um conflito se configurou na construção de sentidos desse discente, entre aquilo que é enunciado na notícia e as outras formações discursivas desse aluno, a respeito de Belém. Isso pode ter influenciado a tomar tal posicionamento.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº9

A2- *“Sim porque mostra **a realidade da cidade de Belém** a imundice tomando conta dos pontos turísticos a falta de segurança lá no Ver-o-Peso pessoas não podem anda com seus pertences se não são roubados, não tem sertos de lixo para as pessoas jogarem o lixo”.*
(Pedro)

Na sequência discursiva nº 9, o sujeito-enunciador diz ter gostado daquilo que leu. Daí, justifica sua resposta enunciando que teria gostado da notícia porque ela mostra a “*realidade da cidade de Belém*”. O substantivo *realidade* ganha força enunciativa conferindo ao enunciado um tom de adesão àquilo que é veiculado na notícia, o que pode demonstrar que não houve uma reflexão acerca da realidade demonstrada pela notícia acerca da cidade de Belém de uma

maneira mais ampla. Talvez o sujeito-aluno não tenha refletido acerca das possíveis ideologias que foram propagadas na notícia e repete esses dizeres sobre a capital paraense.

O sujeito demonstra perceber o sentido da notícia como um testemunho da ‘realidade’. Vale ressaltar que uma das características mais exploradas pela mídia jornalística é esse compromisso com a *verdade*. E essa, questão é que cria o conceito de ‘verdade’, caracterizando os gêneros dessa esfera quase como um testemunho da realidade/verdade.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 10

A3- “*Sim, porquê ele nos informa como **Belém não está como antigamente** e que ele não serve mas como um ponto turístico*”. (Marcos)

Nessa sequência discursiva, aponta um posicionamento positivo acerca da notícia, ou seja, diz que gostou da notícia. Talvez fique indicada tal posição por ressaltar a necessidade de que Belém retorne ao que era antes, daí demonstra certo saudosismo ao utilizar o advérbio *antigamente* para dizer que Belém estaria sendo uma cidade diferente do que era a alguns anos. De maneira indireta, tal enunciado poderia se referir ao fato que o sujeito- enunciador acredite que atualmente, Belém esteja suja, sem segurança. Observamos dessa forma, que também este discente pode representar a reiteração das enunciações que foram propagadas na notícia.

As sequencias 9 e 10 podem estar relacionados com a retomada de algumas enunciações que foram veiculadas na notícia, principalmente o fato de o discurso que se discorre sobre Belém anunciando esta ser uma cidade inadequada para o turismo. Isto devido à falta de segurança e sujeira nos pontos turísticos.

A seguir, faremos análises das enunciações dos sujeitos- alunos que afirmaram *não terem gostado* da notícia que leram e seus posicionamentos. Observamos nas enunciações pontos em comum, primeiro porque os sujeitos-alunos parecem estar divididos entre as diferentes posições ideológicas que se fazem presentes em seus dizeres. Afirmam não terem gostado da notícia, entretanto, eles acabam por “aceitar” o discurso que foi divulgado nela como uma verdade quase absoluta. O substantivo abstrato *verdade* é recorrente nas enunciações. A seguir, as sequências discursivas e suas respectivas análises:

SEQUÊNCIA NARRATIVA Nº 11

A4- “*Não porque falam muito mal do nosso estado e da nossa cidade paraense é por isso que eu não gostei do texto*”. (Flávia)

Na sequência discursiva nº 11, o sujeito-aluno menciona não ter gostado da notícia lida, porque “falam muito mal do nosso estado”. Ao fazer uso da 3ª pessoa do plural: *falam*, indicando um sujeito indeterminado para a função de sujeito- enunciador da notícia, o sujeito aluno deixa implícito em seu dizer que não concorda com as informações/opiniões veiculadas no texto midiático. Isso pode evidenciar um distanciamento do discente com relação ao que é noticiado: as pessoas falam, aqueles que não conhecem, os outros falam. Ainda, há uma reiterada posição de se falar ‘mal’ do estado. E ainda, ao fazer uso do pronome possessivo “nosso” pode estar ressaltando uma identidade com o estado. Quando mencionada que falam, pode estar referindo-se ao texto midiático em estudo, para além disso, pode ainda se referir a mídia em geral, ao referendarem esses discursos negativos sobre o estado do Pará. Como também aos que não são do estado, as outras regiões, ficam implícitas as diferenças regionais, que a mídia possa inclusive estar identificada, comprometida a este dizer. O sujeito pode estar falando diretamente as turistas identificadas na notícia.

SEQUÊNCIA NARRATIVA Nº 12

A5- “*Não porque e um pouco ruim sabe a verdade da cidade de Belém, mais isso e a verdade então temos que aceitar, mas tem que melhorar essas coisas para Belém voltar a sua rotina de novo*”. (Daiane)

Na sequência discursiva, o enunciado principal demonstra uma reiteração parcial aos discursos que são propagados na notícia, pois apesar de não ter gostado do que leu, o sujeito-aluno justifica o que foi dito pela notícia enunciando que é ruim saber a “*verdade da cidade de Belém*” Logo em seguida, retoma a palavra ‘verdade’ para argumentar que “temos que aceitar”, aquilo que, apesar de discordar, é afirmado pelo enunciado jornalístico.

Assim, pelo que analisamos, verificamos nas sequências daqueles que se disseram não gostar daquilo que se retrata na notícia acerca de Belém dom Pará, depreendemos que para esses sujeitos o texto jornalístico adquire um sentido de verdade incontestável, pois este seria um testemunho da realidade tal qual ela é e acontece. A mídia vista desse modo, tomaria para si a realidade. Cunha (2011, p. 118), menciona:

A vontade de verdade atravessa sorrateiramente o discurso. Tão implicada num desejo e num poder que subjazem ao discurso, a vontade de verdade mais forte se faz como mecanismo de controle, por mais difícil que seja de delimitá-la, de reconhecê-la. A verdade pontual do discurso da mídia se neutraliza numa verdade que parece ser a verdade universal, tomando todos os discursos. (CUNHA, 2011, p. 118)

Ressaltamos ainda que, ao usar o verbo na 1ª pessoa do plural (nós), o sujeito-aluno não remete o que fala somente a si, mas de maneira subentendida, a todos os paraenses, ou seja, todos nós paraenses devemos aceitar esses discursos (*verdades*) acerca da falta de segurança, infraestrutura em Belém, porque seria a ‘verdade’.

SEQUÊNCIA NARRATIVA Nº13

A6- *“Não porque eu gostaria que a capital do nosso estado tivesse uma fama positiva em relação as ruas sujas e a segurança”. (Carla)*

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno menciona não gostar do que é enunciado pelo jornal na notícia, porque “gostaria que a capital do nosso estado tivesse uma fama positiva em relação às ruas sujas e a segurança”. O pronome possessivo “nosso” traz para a enunciação a identidade de um paraense. O sentimento de pertencimento a um local, no caso, o estado do Pará, faz com o que o discente não simpatize com o que é falado, divulgado sobre seu estado. Embora acabe demonstrando que aceita a “verdade” configurada nas enunciações dessa notícia sobre a capital paraense. Ressalta-se na sequência a preocupação mais do que com as condições da cidade em si veiculadas, a repercussão que poderá provocar. Fica implicado no discurso do sujeito leitor aluno, a constatação do poder de circulação da mídia.

SEQUÊNCIA NARRATIVA Nº14

A7- *“Não, porque fala do nosso estado, mesmo que seja verdade não aceitamos isso, porque ta falando, por esse motivo não gostei”. (Tatiana)*

Na sequência discursiva nº 14, há um enunciado que chama a atenção por demonstrar esse conflito de vozes que podem atravessar esses sujeitos. No enunciado: *“mesmo que seja verdade não aceitamos isso”*, a materialidade linguística expressa na locução conjuntiva “mesmo que” indica uma resistência ao discurso veiculado na notícia, ainda que aponte aquilo que se faz enunciado pela notícia como uma verdade.

Entretanto, observamos o quanto às enunciações presentes na notícia são motivadoras de uma identidade paraense para estes sujeitos. A recorrência do enunciado verdade, nos discursos dos sujeitos-alunos demonstra tal aspecto. Assim, as “verdades” propagadas nas notícias, acabam sendo até certo ponto aceitas, e o fato de alguns alunos apontarem que não gostaram demonstra uma tensão, uma não identificação; ainda que mais ou menos se aceite o que se disse na notícia.

O gênero notícia, nesse sentido, é tomado como um importante meio de propagação de discursos, pois possui certa autoridade, uma vez que assume o status de ser um texto informativo acerca da realidade, e, portanto, detentor de saberes. Foucault (1979 apud BRANDÃO, 2012, p. 37) ressalta: “O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso que passa por verdadeiro que veicula saber (o saber institucional) é gerador de poder”.

A seguir analisamos as respostas referentes à questão três, da primeira temática:

3ª QUESTÃO DA TEMÁTICA 1: TURISMO

3- Enquanto morador do estado do Pará, você se identifica com o que foi noticiado? Justifique sua resposta.

Nesta questão nossa inquietação se centrava em observar até que *ponto o discurso divulgado nas notícias influenciaria ou não os sujeitos-alunos em suas enunciações*. Em que medida eles demonstrariam “aderir” ao discurso da notícia, sem construir um sentido com base em uma reflexão crítica, em que relacionassem tais enunciações com outras vozes, confrontando-as, baseando-se em outras formações discursivas. Assim, conforme evidenciamos em alguns enunciados com base nas materialidades enunciativas, podemos perceber um certo “assujeitamento” ou seria uma identificação desses alunos em relação ao discurso que é veiculado na notícia. Observemos a seguir as respostas:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 15

A1- *“É um orgulho se do estado do Pará, mais como a senhora Mariana falou temos que concerta alguma coisa como: o transporte segurança coleta de lixo”.* (Fernando)

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno inicia o período com um enunciado bem conhecido no estado do Pará que é: “orgulho de ser do estado do Pará”. Tal enunciado se faz bem exemplar desse movimento de replicação de dizeres, enunciado dito em relação de sustentação, de anúncio ‘propaganda’ de uma identidade regional paraense. Então, na fala do sujeito aluno se marcam discursivamente vozes que resgatam dizeres de pertencimento a um local onde se nasceu e/ou se vive. Nos enunciados seguintes, o sujeito cita um trecho da notícia para repetir os discursos veiculados na mesma.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 16

A2- *“Como uma pessoa que nunca vai para frente pensa que tá indo para frente está indo mais para trás e como alguém que não vale nada”*. (Flávia)

Na sequência discursiva nº 16, podemos perceber que há uma identificação/identidade com os enunciados sobre o estado, embora o que mais se sobressaiu neste dizer é o modo como tais enunciações veiculadas na notícia propiciaram construções de sentidos bem negativos no sujeito- aluno acerca da sua identidade paraense. Os seguintes enunciados: *“que nunca vai para frente”* e *“que não vale nada”* são reveladores de tais atribuições semânticas. Assim, observamos uma relação de repetição desse enunciado com outros que constroem uma identidade paraense identificada de maneira *negativa*: *“nunca vai para frente”*. *O sujeito enuncia talvez ao fato de apesar de se tratar de uma temática que poderia se pensar como positiva, ou seja, o turismo, levando os sujeitos para frente, acaba por levar ‘mais para trás’, justamente por destacar aspectos negativos.*

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 17

A3- *“Enquanto outras capitais estão subindo, Belém está ficando pra trás na economia a capital do estado paraense mesmo só ter seu potencial turístico lembrado pela prefeitura de Belém e o governo do estado durante o Círio de Nazaré.”* (Daiane)

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno apenas transcreve um trecho da notícia para responder a questão. Não evidenciamos desse modo um posicionamento que nos permita perceber se houve ou não uma identificação com o que é noticiado. Talvez, o sujeito não tenha compreendido o que a questão questionava ou talvez não tenha construído sentidos a partir da leitura do texto com relação ao que é questionado na questão. Ou ainda, o sujeito ter destacado, selecionado na notícia, um modo de justificativa para o fato do turismo não se destacar em Belém do Pará: justamente devido ao poder público do estado e da cidade não realizarem investimentos. No entanto, não se responde efetivamente ao que foi indagado.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 18

A4- *“Sim porque apesar de eu nunca ter ido em Belém, posso me identificar porque a cidade de onde moro está quase na mesma condição precisa de mas segurança e mais limpeza”*. (Pedro)

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 19

A5- *‘Sim, porque mesmo onde eu moro eu presencio este tipo de criticas, por quê, onde eu moro também está abandonado pela prefeitura como, estrada, poste de luz e outro’.*
(Marcos)

Nas sequências discursivas nº 18 e nº 19 os sujeitos- alunos parecem ter construído sentidos semelhantes a partir do que foi divulgado no texto midiático. Há uma *identificação por parte dos sujeitos alunos* com os dizeres que foram propagados nas notícias, e talvez tenham relacionado tais discursos de falta de segurança e infraestrutura com aquilo que percebem também em suas cidades. Há desse modo, uma repetibilidade acerca desses enunciados, embora também notamos que em sua enunciação há diferenças, quando atribui responsabilidade aos políticos pela falta de infraestrutura em sua cidade.

Então, dos sete excertos selecionados para análise, cinco revelaram que estes sujeitos- alunos em algum sentido demonstraram que apresentaram identidade referentes às enunciações propagadas no texto midiático. Ou mesmo, a questão pode levar a uma compreensão de que se indaga ao sujeito, se este identifica-se não com o que se fala sobre o estado, a capital paraense, mas sim a identidade com a própria cidade, para além dos aspectos negativos ressaltados pela notícia. Claro que se pode pensar numa certa submissão, assujeitamento do sujeito leitor aluno referente ao que foi noticiado. Desse modo, podemos notar que o conjunto de enunciações divulgadas na notícia lida fomentou um coletivo imaginário de algumas ideologias estereotipadas sobre a região.

Sobre esse aspecto faz-se necessário mencionarmos o que está descrito por Pêcheux (1997, p. 331), o sujeito não pode ser entendido como gerador do próprio discurso, uma vez que em cada processo discursivo existiria uma “máquina discursiva”, a qual seria responsável por essa estruturação discursiva: um sujeito- estrutura regula os sujeitos como produtores do seu discurso. Desse modo, para Pêcheux:

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada por si mesma, de tal modo que um sujeito estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes”. (PÊCHEUX, 1997, p. 311).

Nesse sentido, Pêcheux (1997) concebe o sujeito como aquele que é constituído no discurso, e não como um sujeito que é o dono do seu dizer, a origem de seu discurso. Pois conforme o autor, o sentido de uma palavra ou expressão é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo durante a enunciação, assim não existe literalidade do significante,

pois os sentidos dos enunciados são construídos nas relações sócio históricas em que eles são reproduzidos.

Dessa forma, o sujeito é concebido como um ser “assujeitado”, pois é subjugado a regras distintas que delineiam seus dizeres, uma vez que o sujeito não é mais que um “reprodutor” dos discursos que o antecederam. Também os aspectos semântico-discursivos que delimitam, emolduram, ou ainda carregam tais discursos, é o resultado das formações discursivas as quais pertencem.

Na noção de formação discursiva (FD) conforme Foucault (2008) há um reconhecimento de que aquela mantém uma relação incongruente com a sua exterioridade, assim essa visão de “máquina estrutural fechada” começa a ser minada, visto que uma FD é constitutiva e ocupada por dizeres que vêm de outros lugares, ou seja, de diferentes formações discursivas que se repetem e se reiteram, por isso não seria um espaço estrutural fechado. As formações discursivas não se delimitam de modo preciso, ou melhor, se interceptam.

Assim, de acordo com Pêcheux (1997, p. 314) as formações discursivas nascem sob a forma de ‘préconstruídos’ e de ‘discursos transversos’. Nesse sentido, surge então a noção de interdiscurso para se referir a essa exterioridade específica que pode acompanhar uma formação discursiva. Fernandes (2008, p. 3) argumenta:

Uma FD é constituída, portanto, por um sistema de paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados. O conceito de FD enquanto dispositivo estrutural fechado é ainda mantido e o sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito do assujeitamento ao dispositivo da FD com o qual ele se identifica. Dizendo de outro modo, nesta fase, nega-se a noção do sujeito marcado pela ideia da unidade e passa-se a concebê-lo como aquele que desempenha diferentes papéis, de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. (FERNANDES, 2008, p. 3)

Contudo, apesar de exercer diferentes papéis, o sujeito mesmo assim sofre as coerções em seu dizer da formação discursiva da qual enuncia, visto que esta é regida por regras de uma formação ideológica. Dessa forma, o sujeito discursivo ocupa uma função social e desta enuncia, estando Assujeitado por determinada formação ideológica que regula as possibilidades de significados As quais seu discurso pode estabelecer.

Vejamos agora outras enunciações que evidenciam formações discursivas distintas sobre o turismo no estado do Pará e que de maneira mais evidente, mostrariam posicionamentos mais distanciados dos discursos veiculados na notícia. Tais enunciados desses sujeitos- alunos podem caracterizar certa *resistência* ao que é posto/enunciado no texto midiático sobre o turismo na capital paraense. Ou seja, não apresentam tais enunciados uma estreita ou básica identidade

Assim, seguem exemplos das sequências discursivas e suas respectivas análises:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 20

A6- *“Não, porque eu não aceito esse tipo de acontecimento que estão falando sobre o nosso estado”. (Tatiana)*

Na sequência acima, o sujeito- aluno é explícito em afirmar que não se identifica com o que é noticiado a respeito do estado do Pará. Em sua justificativa podemos notar uma resistência ao discurso difundido no texto midiático que discorre sobre o fato de o turismo no Pará não está bem e por isso estaria “ficando para trás”. A discente pode ter construído, a partir da leitura da notícia, a concepção de que não haveria no estado do Pará local adequado para o desenvolvimento do turismo e, portanto, discordaria dessa enunciação. Isso, quando enuncia que “não aceita esse tipo de acontecimento de (sic) que estão falando”, ela deixa transparecer em sua enunciação dizeres que discordam do que foi mencionado na notícia, ou seja, os aspectos negativos que são mostrados a respeito do turismo no Pará.

Nesse sentido, o “acontecimento” que é relatado no texto não é validado pela aluna paraense. Assim, podemos ver que não há uma identificação do sujeito com o que é enunciado na notícia, há sim um *distanciamento* em que esse demonstra perceber a realidade da capital de seu estado de maneira diferente da que é retratada na notícia.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº 21

A7- *“Não me identifico, mais me sinto triste porque Belém como capital deveria ser elogiada por muitos, pelos turistas como uma cidade de beleza é ser comparada com um paraíso”. (Carla)*

Na sequência acima, o sujeito-aluno apesar de dizer que não se identifica com o que é noticiado, em seu dizer, na justificativa, acaba por demonstrar uma repetição de maneira subentendida, a possibilidade de uma posição contrária dos sujeitos turistas noticiadas, o sujeito diz que o fato de Belém ser a capital, ou seja, a cidade mais importante do estado, deveria ser elogiada pelos turistas. Fica implicada uma crítica ao modo que a cidade não se faz devidamente cuidada.

Assim, nessas enunciações em consonância com as materialidades linguísticas, podemos evidenciar o sentimento de pertencimento dos sujeitos alunos, a partir de outros dizeres falando por meio desses enunciados, do fato de querer bem ao seu local de origem.

Sobre esse aspecto é relevante o que está posto em Cunha (2011, p.56): “Antes da mídia produzir e fazer circular um discurso a respeito do estado do Pará, esse lugar ou espaço se constituiu por outros discursos.”. Nesse sentido, podemos inferir que para cada local que se institui enquanto lugar, existe uma série de espaços em construção, num movimento contínuo, a partir das diversas formações discursivas existentes.

A seguir questões e respostas sobre o tema 2- Desmatamento

Texto 2



(Oswaldo Forte)

Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia

Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

Dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) referentes ao mês de abril apontam que o Pará foi responsável por 19% do desmatamento entre os estados da Amazônia Legal. A participação paraense só é superada pelos estados do Mato Grosso (50%) e Amazonas (23%). Já Roraima e Rondônia responderam por 5% e 3% do desmatamento, respectivamente. [...]

O Pará desponta ainda como o líder da degradação da floresta no acumulado de agosto de 2017 a abril de 2018, com 5.309 km² - 46,39% dos 11.442 km² de floresta degradada em todos os estados da Amazônia Legal no mesmo período. Na

comparação com os mesmos meses de 2016/2017, o Pará surge com um alarmante aumento de 1.859% - foram 271 km² de degradação no ano passado.

Em toda a Amazônia Legal, foi verificada uma elevação de 9% no corte raso de árvores para converter áreas de floresta em pastagens, com aumento de 1.388 km² para 1.513 km². Nesse mesmo período, o Pará também respondeu pela maioria (45,23%) dos alertas abaixo de 10 hectares. Do total de 294 alertas entre agosto de 2017 e abril de 2018, 133 se concentraram no território paraense; 46 em Rondônia; 37 em Roraima; 32 no Mato Grosso; 23 no Acre; 20 no Amazonas; dois no Tocantins; e um no Amapá.

Por: O Liberal 25 de Maio de 2018 às 07:25 . Atualizado em 25 de Maio de 2018 às 10:13 [ORM](#) / [Notícias](#) / [Pará](#)

A notícia que foi lida durante a atividade sobre o tema desmatamento traz um título que destaca o estado do Pará como sendo o responsável pelo desmatamento da Amazônia. O modo como as palavras foram dispostas no enunciado, na ordem direta, destacando e colocando o nome do estado na função de sujeito gramatical da frase, evidencia uma mobilização para os sentidos que atribuem uma culpa ao estado paraense pelo acontecimento.

As associações da linguagem não verbal mais ao enunciado verbal do título ajudam a compor tais enunciações acerca da responsabilização do estado do Pará pelo desmatamento. Assim, na parte superior, central, logo após o título, há uma foto com uma extensa área devastada pelo desmatamento. Esta acaba por intensificar os sentidos de devastação ambiental, e, conseqüentemente, de evidenciar-se uma imagem negativa com relação ao estado do Pará.

Dessa forma, o texto inicia apontando o poder do estado como um dos principais responsáveis pelo desmatamento e segue com uma exposição de dados de um instituto de pesquisa, o que indica, nesse contexto, uma forma de argumentar e respaldar o conteúdo que é noticiado. Demonstra, desse modo, um argumento de autoridade, já que se trataria de um texto jornalístico baseado em dados estatísticos. Assim, é evidenciado um discurso que caracteriza o Pará como o estado que mais desmata.

Os enunciados estão dispostos no decorrer da notícia destacando o Pará na função gramatical de sujeito ativo, ou seja, ‘O Pará foi responsável’, ‘o Pará desponta’ o que lhe confere então, por meio desse tipo de operação de sentidos, uma maior ênfase as ações praticadas. Isso principalmente se considerarmos que na pesquisa usada como referência para ser veiculada no

texto midiático, quem aparece como o líder em porcentagem pelo desmatamento na região amazônica não é o estado do Pará, mas sim o de Mato Grosso. Contudo, na notícia em questão, esse estado acaba por assumir uma dimensão secundária. Nesse sentido, se pensarmos que os textos jornalísticos, buscam apresentar “fatos” de modo científico, ou seja, querendo demonstrar um argumento de autoridade, usando isso como estratégia para destacar aquilo que desejam que seja realçado, que seja mostrado com maior destaque. Assim, entre o texto científico e o midiático há um interdiscurso, porém a relação estabelecida ganha força a partir do filtro escolhido para realçar determinado discurso.

Então, na 1ª questão referente à temática 2: desmatamento, buscamos perceber se a partir da leitura da notícia, o sujeito-aluno consegue construir sentidos de modo a perceber o discurso que é divulgado no texto midiático sobre o estado do Pará, no qual o estado paraense é apontado como o grande responsável pelo desmatamento na Amazônia.

A seguir, analisaremos alguns excertos com as respostas dos discentes sobre essa questão:

1ª QUESTÃO, DA TEMÁTICA 2: DESMATAMENTO

O que é noticiado neste texto?

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº22

1- “Aponta o desmatamento da Amazonia, no Pará, a participação paraense so foi superada apenas pelos estados do Mato Grosso 50% e o Amazonas 23%. O Pará desponta como líder da degradação da floresta”. (Saulo)

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno destaca que o estado do Pará é apontado como o “líder da degradação da floresta”, para ratificar esta afirmação, o sujeito se justifica num trecho da notícia, então retomando dizeres desse texto midiático. O sujeito aluno destaca como assunto da notícia o fato de tratar do desmatamento da Amazônia no Pará, focalizando que o estado é um dos grandes devastadores, sendo superado somente por outros dois estados. Não se focaliza de modo direto o que se problematiza na notícia, ou seja, o fato de o Pará estar sendo colocado em destaque na responsabilização pelo desmatamento.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº23

A2- *“Que os estados do Pará, na Amazônia... estão destruindo a metade das florestas, principalmente a Amazônia. ” (Ana)*

No enunciado da sequência discursiva nº 23, diferentemente do anterior, o sujeito-aluno inicia sua resposta enfatizando o estado do Pará como devastador ambiental, apontando este papel do estado como agente principal. Isto é feito pelo aluno, baseando-se na notícia acerca do estado do Pará.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº24

A3- *“É que o Pará foi responsável por 19% do desmatamento entre os estados da Amazônia. ” (João)*

Na sequência discursiva acima há uma repetição do enunciado que está no título da notícia: “o Pará foi responsável por 19% do desmatamento”. O sujeito aluno transcreve em sua resposta o trecho da notícia que mais o despertou, daí, usando tal trecho para se referir ao tema tratado pela notícia. Ou seja, destacado o percentual de desmatamento pelo qual o Pará se faz responsável.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº25

A4- *“Está noticiado que no mês de maio está acontecendo várias situações de desmatamento no Brasil, as principais atingidas é a Amazônia legal ela esta sofrendo 217 quilômetros quadrados (Km²) em desmatamento”. (Nelma)*

Nessa sequência discursiva acima, há apenas uma retomada de trechos enunciativos que estão no texto midiático. Nesse sentido, parece que o sujeito-aluno não conseguiu a partir da leitura do texto, construir sentidos que lhe possibilitasse responder sem repetir os enunciados da maneira como estão escritos na notícia. Nesse caso o aluno responde de modo genérico ao tema noticiado, não buscando uma relação entre manchete e corpo da notícia, desse modo, não destacando o Pará enquanto agente realçado do desmatamento na notícia em foco. Dessa maneira, o Pará não é citado, o sujeito se refere de modo mais seletivo ao aspecto temporal, realçando o mês em que o desmatamento é referido, localizando o país como espaço de ocorrência do fato.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº26

A5- *“Que o Pará está numa área muito grande de desmatamento que é apontada como um dos primeiros.” (Luís)*

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno, de maneira sucinta, aborda a temática do texto, tratando do desmatamento e simultaneamente relacionando o sujeito principal, demonstra assim ter compreendido que o estado do Pará é apontado como o responsável pelo desmatamento na Amazônia. Apesar de não trazer números, o sujeito destaca com o enunciado ‘muito grande’ o potencial de desmatamento de responsabilidade do estado.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº27

A6- *“Dados do instituto do homem e meio ambiente da Amazônia (Imazon) referentes ao mês de abril apontam que o Pará foi responsável por 19% do desmatamento entre os estados”. (Rafael)*

Nesta sequência discursiva, há apenas uma retomada de trechos enunciativos que estão no texto midiático. Nesse sentido, parece que o sujeito-aluno não conseguiu a partir da leitura do texto, construir sentidos em que lhe possibilitasse responder sem repetir os enunciados da maneira como estão escritos na notícia. No entanto, tal como outros sujeitos, esse aluno não deixa de se referir ao percentual de desmatamento de responsabilidade do estado. Talvez isto já demonstre um certo reconhecimento do tema de que trata o texto.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº28

A7- *“A notícia fala sobre o desmatamento da Amazônia e um dos citados é o Pará” (Maria)*

Nesta sequência discursiva é possível compreender a partir das enunciações do sujeito-aluno que ele construiu sentidos de modo a compreender sobre o que tratava a temática da notícia lida. Ressalta ainda, que um dos responsáveis apontados pela a ação de desmatamento é o estado do Pará. Apesar de tratar a respeito da temática central que aborda o texto, o aluno não chega a detalhar.

A partir das respostas dos sujeitos alunos, podemos inferir que por ser uma questão sobre um dado mais objetivo referente ao tema do texto, esperávamos que os sujeitos-alunos respondessem de maneira óbvia acerca do que é enunciado sobre o desmatamento na Amazônia. Daí, que apontassem de modo mais direto que o estado do Pará é ressaltado como um dos

principais responsáveis pela ação de desmatar. Assim, a partir das enunciações destes sujeitos, podemos evidenciar que tais discentes em certa medida chegaram a estas percepções, como pode ser constatado nas sequências discursivas destacadas acima. No entanto, isto não foi demonstrado objetivamente. Uma parcela significativa dos sujeitos-alunos participantes deste estudo apenas repetiu as informações que foram veiculadas no texto, sem demonstrar um posicionamento sobre o mesmo.

2ª QUESTÃO, DA TEMÁTICA 2: DESMATAMENTO

2- O que você pensa a respeito dessa notícia? Você se identifica com o que é noticiado sobre o nosso estado neste texto?

As questões 2 e 3, da temática 2: “desmatamento”, trazem perguntas abertas que poderiam ser respondidas com respostas livres, ou seja, o foco foi *a opinião dos sujeitos-alunos*. Assim, o ponto principal dessas indagações é fomentar respostas em que possamos perceber em que medida esse gênero midiático ‘notícia’ influenciaria/mobilizaria construções de sentidos voltados para a identidade paraense, a partir dos discursos propagados nesse texto.

A seguir as respostas:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº29

A1- *“Sim, me identifico, nós paraenses podemos presenciar o desmatamento a degradação que nós mesmos causamos em torno dos anos. ” (Saulo)*

Na sequência discursiva acima, podemos ver que o sujeito-aluno enuncia que se identifica com o discurso que é divulgado no texto midiático. Em sua justificativa menciona que *“nós paraenses podemos presenciar o desmatamento”*, o pronome pessoal na 1ª pessoa do plural acompanhado do adjetivo gentílico “paraenses”, atribui a todos os nativos do estado a sua enunciação. Há em seu dizer, uma operação de memória discursiva que remeteria a uma possível retomada da discursividade atrelada a essa questão do desmatamento na região amazônica. O fato de o sujeito se identificar com o que a notícia diz, refere-se ao sujeito colocar-se como testemunha daquilo que é noticiado, quando diz ‘podemos presenciar o desmatamento’. Também se assume como quem se responsabiliza pela ‘degradação’.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº30

A2- *“O que eu penso a respeito é que as pessoas deviam parar com isso porque isso fica feio pra nosso estado e não me identifico com o meu estado.” (Ana)*

Na sequência discursiva nº 30, quando o sujeito-enunciador utiliza o enunciado: “as pessoas deviam parar com isso”, se faz uma leitura do subentendido, se há desmatamento alguém está realizando. Daí esses deveriam para com tal ação. Em seguida o sujeito diz de modo explícito que ‘não me identifico’ com o estado. Pode-se inferir que o sujeito não se identifica com o estado por ser desmatado, talvez não se identifique com as ações que se pratica com o seu estado, ou seja, não se identifica com o que foi noticiado. Fazendo-o assumir que não se identifica com o próprio estado ou ainda que não gostaria de se identificar com esse estado do Pará, no caso, o que é “mostrado na notícia”.

Isso talvez pelo fato de o desmatamento ser um acontecimento que a maioria dos cidadãos condenam, o sujeito evitaria se circunscrever a uma identidade que pratica uma ação que é vista como errada: desmatar. Além de que, o enunciado ‘fica feio’ parece apontar para uma memória discursiva, no caso, para outro enunciado que trata de modo meio ingênuo, meio infantilizado, uma enunciação mais destinada às crianças. Ações que talvez não possibilitem um debate mais aprofundado acerca do tema.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº31

A3- *“É uma notícia muito ruim e sim eu me identifico.” (João)*

Na sequência nº 31, podemos perceber uma empatia com relação ao discurso difundido na notícia. O sujeito-aluno diz que a notícia é ruim embora se identifique com o que é noticiado nela, porém em sua enunciação não há uma elucidação dos fatos que motivaram tal identificação. O sintagma ‘muito ruim’ parece fazer referência aos fatos/acontecimentos relatados na notícia, ou seja, o grande percentual de desmatamento. Seria com isso que o sujeito aluno demonstra não se identificar.

Brandão (2015) tratando acerca de formação discursiva menciona o conceito de heterogeneidade: “uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas” (BRANDÃO, 2015, p. 22).

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº32

A4- *“Sim, o nosso estado e um dos vários estados que sofre de desmatção no Brasil”.*
(Nelma)

Na sequência discursiva nº 32, o sujeito-aluno afirma que se identifica com o que é noticiado na notícia. Mas ao justificar não se refere a enunciados trazidos no texto, inclusive utiliza-se de um substantivo que parece ser um neologismo pelo fato de utilizar o sufixo ‘ação’. Importante que traz uma perspectiva de certo modo passiva ao estado, como aquele que sofre a ação de ser desmatado, talvez aí resida o uso do substantivo ‘desmatção’. Esse ponto de vista parece se distanciar daquilo que demonstra relação entre a manchete e a notícia. Ou seja, aquele que aponta um sujeito ativo, executor da ação de desmatar. O sujeito não aponta o Pará como um destaque no desmatamento, tal como o faz a notícia, sim demonstra o estado como mais um responsável pelo desmatamento.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº33

A5- *“Eu penso que o Pará não é o único estado com tanto desmatamento”* (Luís)

Na sequência narrativa nº 33, o sujeito-aluno parece de certa maneira posicionar-se mais criticamente, numa atitude de resistência a posição de responsabilização pelo desmatamento, que parece vir destacada na notícia. Essa discursividade do sujeito aluno, ao enunciar que “*penso que o estado do Pará não é o único com tanto desmatamento*”, parece querer fazer uma defesa do seu local de origem então, o sujeito demonstra já ter entendido que a notícia acaba por trazer o destaque para o Pará como causa principal do desmatamento, mostrando não concordar com esta afirmação.

No entanto, quando se responde a uma atitude delimitada negativamente, ampliando os sujeitos que podem ser responsabilizados, parece se neutralizar e naturalizar a própria ação negativa. Nesse sentido, esse enunciado parece dialogar com uma memória discursiva. Nesse caso fica implícito no enunciado do sujeito o fato de que embora desmatar não seja uma atitude positiva é algo praticado por muitos.

O sujeito parece querer em sua enunciação contrariar o que pode ter ficado como posto, como destaque na notícia sobre o estado do Pará. O fato de que não seria o único responsável pelo desmatamento. Observamos desse modo que estes enunciados podem ser uma contraposição em relação ao fato de o estado ser evidenciado na notícia como o grande responsável pelo desmatamento florestal da Amazônia. Isso pode demonstrar uma percepção

do discente que aponta um sentido diferente e por isso resiste ao que é veiculado no texto midiático.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº34

A6- *“Eu penso que não era para haver desmatamento, não me identifico com isso pois é errado” (Rafael)*

Na sequência discursiva nº 34, o sujeito-aluno começa sua enunciação mostrando-se contrário ao ‘desmatamento’ e ressalta não se identificar com isto “pois é errado”. Quanto ao próprio desmatamento em si. A própria pergunta interpela sobre o posicionamento do sujeito, quanto ao que pensa acerca da notícia, ou seja, ao modo como a notícia acontece, seleciona o que é noticiado; bem como sobre a identidade do sujeito com o que é noticiado. O pronome demonstrativo isso parece se referir, nessa situação enunciativa, ao desmatamento. O sujeito aluno não traz dados da notícia esclarecendo o porquê de não se identificar com o desmatamento. Também o sujeito não contrapõe diretamente à identidade com o estado do Pará com o fato de ser contrário a destruição de suas reservas naturais. A justificativa do aluno referente a não aceitação do desmatamento é fechada, ou seja, não parece apontar para possíveis argumentos, aparece como uma razão meio que absoluta. Apontam-se justificativas externas aos dados da notícia, sem se trazer dados. O sujeito diz então, que não se identifica por ser errado.

2- O que você pensa a respeito dessa notícia? Você se identifica com o que é noticiado sobre o nosso estado neste texto?

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº35

A7- *“Eu penso que essa notícia alerta as pessoas que parem de desmatar as florestas do mundo todo principalmente a Floresta Amazônica, a notícia fala do nosso estado, está desmatando muito a floresta Amazônica” (Maria)*

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno demonstra por meio de sua enunciação uma resposta que se pode inferir mais no campo do subentendido, havendo questões pressupostas as quais o aluno não se referiu. Da maneira como enuncia que a notícia “alerta as pessoas”. O verbo posto em 3ª pessoa acompanhado do complemento verbal “as pessoas” (elas), deixa evidenciar, de modo implícito, que a notícia alertaria várias pessoas acerca do desmatamento que ocorre no território paraense. Destacando ainda mais o estado enquanto devastador. Assim, ao continuar o seu dizer, o sujeito aluno coloca o substantivo notícia na

função de sujeito verbal da ação de falar, assim “a notícia fala”. Conforme essa materialidade discursiva se pode perceber que houve uma certa *dispersão enunciativa* sobre o que foi informado sobre o estado do Pará no texto, pois ao afirmar que a ‘notícia fala’, o sujeito-aluno pode estar se eximindo de compartilhar dessa enunciação.

Por outro lado, embora, o sujeito diga que a notícia fala, assim possa demonstrar um certo descomprometimento com o que é dito, o fato de trazer o verbo ‘alerta’ aponta para um sentido de preocupação, até mesmo de perigo, fica de certa maneira demonstrada uma identificação daquilo que a notícia diz como um valor de verdade. Assume-se uma perspectiva de denúncia referente ao desmatamento, embora o texto em si não destaque esta perspectiva denunciante.

3ª QUESTÃO, DA TEMÁTICA 2: DESMATAMENTO

3- Você gostou dessa notícia? Justifique sua resposta?

Dividimos as respostas conforme os sujeitos alunos a partir daqueles que afirmaram terem *gostado do texto lido* E daqueles *que não gostaram* e suas justificativas.

Respostas dos que afirmaram terem gostado da notícia:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº36

A1- “**Gostei** porque mostra como está o nosso estado e até o nosso país, que sofrem desmatamento”. (Nelma)

Na sequência discursiva nº36, o sujeito-aluno diz ter gostado da notícia lida, porque esta mostraria como está “o nosso estado” e ‘até nosso país’ em relação ao desmatamento da Amazônia. Ou seja, o fato de o texto ser assumido como esclarecedor. Na sequência da posição do aluno. Este, porém, não destaca nem o estado, nem o país como como causadores do desmatamento, mas sim como aqueles que sofrem a ação de ser desmatado. A discente não traz dados mais referenciais enunciados no texto notícia.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº37

A2- “*Sim, porque fica alertando sobre o que tá acontecendo na Amazônia e principalmente do Pará que é nosso estado.*” (Maria)

Na sequência discursiva acima, o sujeito-aluno enuncia ter gostado do texto porque segundo ele, a notícia alertaria “sobre o que está acontecendo na Amazônia” e sobretudo no ‘Pará’. Não diz de maneira explícita a palavra desmatamento, mas depreendemos a partir da materialidade linguística ‘o que está acontecendo’ evidenciando uma característica do discurso jornalístico, o testemunho presente. O sujeito ao tratar implicitamente do desmatamento ao trazer o termo ‘acontecendo’ embora não fale em desmatamento, traz uma resposta que dialoga com quem fez a pergunta em que se percebe este como leitor do texto: aquele que sabe o que está acontecendo pois leu o que vem relatado no texto/notícia.

A seguir as respostas dos sujeitos alunos que disseram *não terem gostado* da notícia e suas justificativas:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº38

A3- *“Não, porque na minha opinião é uma situação degradante no nosso estado pela nossa população paraense que responde por 19% do desmatamento da Amazônia Legal”.* (Saulo)

Na sequência discursiva nº 38, o sujeito-aluno responde ao questionamento enunciando a respeito não ter gostado da notícia, ao justificar seu posicionamento destaca que “é uma situação degradante no nosso estado pela nossa população paraense”. O leitor não demonstra um questionamento da notícia em si, mas sim com o que conteúdo que ela veicula. Este é assumido como verdade pelo sujeito leitor o sujeito traz dados do texto para se referir ao que denomina como “degradante”, por isso fazendo com o que o sujeito se mostre desagradado com a notícia. Os pronomes possessivos nosso e nossa, sobretudo o último pode demonstrar que o aluno retoma o discurso de que o Pará e, por consequência, os paraenses, seriam responsáveis pelo desmatamento da Amazônia. Verifica-se certo alinhamento de posicionamento do sujeito leitor em relação ao discurso veiculado na notícia.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº39

A4- *“Não porque a notícia afeta o Pará e nós paraenses”.* (João)

Na sequência discursiva acima, o sujeito- aluno afirma não ter gostado do que foi noticiado no texto midiático e justifica enunciando que a notícia “afeta o Pará e nós paraenses”.

Apesar de não estar explícito em seu dizer o que afeta o Pará e os paraenses, podemos inferir que se trata do discurso proferido na notícia, isto por destacar o Pará como um dos principais devastadores florestais da Amazônia. Nesse caso, o leitor aluno mais do que se referir

ao conteúdo da notícia alinhando-se a ele, problematiza o que é noticiado, apontando para os aspectos negativos que este tipo de notícia tende a causar para a imagem dos paraenses, bem como para o estado enquanto organização política, como um certo lugar estabilizado que se faz visto de fora.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA Nº40

A5- *“Não, porque está apontando o Pará como o estado que a área de desmatamento foi maior”. (Luís)*

Na sequência discursiva nº 40, o sujeito-aluno enuncia não ter gostado da notícia porque esta apontaria o Pará como o estado em que há uma maior área de desmatamento. Em sua enunciação por meio da materialidade linguística o sujeito parece não ter gostado do posicionamento enunciado na notícia pelo fato de esta apontar o Pará como o com maior área desmatada. Porém, o sujeito parece também não ter percebido as relações de tensões entre os enunciados internos da notícia, havendo o jogo enunciativo em que o estado é apontado como principal devastador ambiental, apesar de que pelos dados informados, essa liderança seria do estado de Mato Grosso.

A seguir, tecemos algumas considerações a partir do referencial teórico metodológico da análise do discurso acerca das enunciações dos discentes:

A partir das análises realizadas, podemos evidenciar que os sujeitos-alunos participantes desta pesquisa construíram sentidos diversos a partir da leitura de notícias sobre temáticas relacionadas à Amazônia paraense. Em sua maioria, estes discentes construíram sentidos que consistiam principalmente, a partir do que vislumbraram nos textos, suas palavras basearam-se, sobretudo, em paráfrases de enunciados dos textos lidos. Com relação a percepção dos efeitos pretendidos pelos títulos notícias, observamos que uma parcela significativa não relacionou o título com possíveis sentidos discursivos atrelados ao conteúdo do texto.

Aparentemente, muitos sujeitos alunos não perceberam as ideologias subjacentes aos títulos das notícias; em que esse aspecto é fundamental para tais associações em gêneros dessa esfera. Nesse sentido, apresentaram em seus discursos diferentes formações discursivas, em que na maioria dos enunciados, podemos perceber que houve uma retomada, uma reiteração dos discursos veiculados na notícia. Houve uma maior aproximação com o discurso que é veiculado nos textos jornalísticos que serviram de base de leitura. Apesar de que em ambos os textos lidos, tanto o referente ao turismo, quanto aquele que trata do desmatamento, as informações /opiniões propagadas nas notícias destacarem aspectos negativos sobre o estado do Pará. Muitos desses

discentes aderiram e parafrasearam tais enunciações, sem, contudo, refletirem acerca das ideologias que podem estar atreladas a tais textos midiáticos.

É notável verificar o quanto as enunciações presentes nas notícias em estudo são definidoras de uma identidade paraense para estes sujeitos alunos. Nesse sentido, constatamos diferentes formações discursivas em seus dizeres, entretanto, há sempre uma retomada, uma volta ao dizer (ao discurso) das notícias lidas. Destacam-se uma identificação com o estado, um incômodo com aquilo que nas notícias podem comprometer a imagem do estado, por conseguinte dos sujeitos alunos identificados com o estado.

Observamos que a constituição de sentidos presentes nessas construções, perpassa por um processo em que a memória discursiva é acionada no momento da leitura. Assim, os sentidos já ditos anteriormente são reativados em algum momento da leitura, por parte dos sujeitos alunos. Daí são reavivados/resignificados para sustentar cada nova palavra e trazer sentidos novos mediante as diversas formações discursivas. Cunha (2011, p. 67), destaca:

[...] a formação discursiva é representativa de uma formação ideológica (FI). Por esta, os sujeitos podem ser conduzidos numa relação de submissão/interpelação/resistência a reproduzirem um complexo conjunto de atitudes e representações relacionadas a conflituosos posicionamentos sociais. Uma dada formação ideológica, portanto, poderá se materializar discursivamente em diversas formações discursivas interligadas (CUNHA, 2011, p. 67)

Entretanto, pareceu-nos que tais discentes, ao lerem os textos em estudos, não relacionaram os discursos dos textos midiáticos a outros discursos semelhantes que enfatizam esses mesmos dizeres sobre a Amazônia paraense, não relacionaram tais textos lidos com outras notícias sobre as mesmas temáticas, em que percebemos uma leitura que ficava centrada mais na repetição dos sentidos explícitos dos textos. Não observaram que o que é dito em um enunciado pode se repetir em outro, no entanto de outro modo, de outra forma. Sobre esse aspecto, faz-se necessário, destacarmos o que Pêcheux (1990, p.83) indicaria, ou seja, o fato de haver lugares sociais reproduzidos no interior dos processos discursivos, em que ocorreria uma espécie de “jogos de imagens” e lugares sociais em dado discurso. Assim, a imagem que o locutor tem de si (Quem sou eu para lhe falar assim?); a imagem que tem de seu interlocutor (Quem é ele para que eu lhe fale assim?), e a imagem que faz do referente (Do que eu falo?), influenciariam as estratégias discursivas e seus dizeres.

Nesse sentido, podemos observar o quanto as enunciações presentes nas notícias são definidoras de uma identidade paraense para esses alunos. Contudo, é importante destacar que tais sujeitos alunos, também já trazem uma formação discursiva relativa a identidade paraense, uma vez que são habitantes da região. Então, considerando o que trazem em suas enunciações

e o que dizem as notícias, podemos focalizar quais seriam os pontos de proximidade e distanciamento. Verifica-se que a visão discursiva dos jornais locais, embasa-se numa perspectiva ideológica a respeito do estado do Pará, isto envolve certos interesses, sobretudo, econômicos. Tal visão muitas vezes replica aquilo que se difunde pelas grandes agências fomentadoras dos dizeres midiáticos. Nesse caso, nossa mídia costuma repetir estes dizeres.

Nesse sentido, seria interessante, dessa forma, que pudéssemos trabalhar com o gênero notícia, em sala de aula, apresentando aos discentes uma leitura discursiva que lhes proporcionasse a construção de sentidos entre enunciado, enunciação e formação discursiva. E também atividades que promovessem a reflexão sobre a ideologia presente nesses textos jornalísticos. Isso pretendemos propor adiante.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Nesta seção trataremos das etapas da proposta de intervenção. E trazemos como subseções: 4.1 Leitura e construção de sentidos com as temáticas: desmatamento e turismo sobre a Amazônia paraense; 4. 2 Debates em torno da identidade paraense.

Primeiramente selecionamos notícias com as temáticas: desmatamento e turismo na Amazônia paraense, e as analisamos sob o ponto de vista discursivo, destacando enunciado, enunciação e formação discursiva. Faremos esta análise por ser a partir desse viés que nos proporemos a mediar os textos com os sujeitos-alunos, em que trabalharemos os sentidos dos textos a partir de uma polissemia, uma polifonia semântica, sobretudo, de modo a ressaltar que um texto se filia a redes de formação discursivas e por sua vez, ideológicas.

Nesse sentido, nossa proposta de intervenção ¹⁰de leitura terá como foco a busca de se ressaltar a opinião dos sujeitos discentes, os posicionamentos, pois embora seja uma opinião, pelo ponto de vista discursivo, se considerará também um texto.

Nessa intervenção nosso principal objetivo é propor um debate em torno da construção da identidade paraense, em que almejaremos promover uma reflexão acerca desses discursos que são veiculados nas notícias. Assim procuraremos realizar uma mediação de leitura desses textos midiáticos numa abordagem discursiva, buscando de algum modo alterar essa visão

¹⁰ A execução da proposta de intervenção não foi efetivada em sala de aula em virtude dela ter sido planejada para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, uma vez que a ideia era acompanhar a mesma turma de 2019, o então 8º ano, na progressão da pesquisa. Assim, iríamos aplicar a atividade interventiva em março/abril de 2020. Entretanto, devido ao cenário epidemiológico pelo qual passamos no ano de 2020, em função da pandemia da Covid 19, não foi possível aplicarmos a proposta na turma planejada. Então, só realizamos uma proposição de atividade. Esperamos que esta proposta sirva como suporte pedagógico para os professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Fundamental. Daí um módulo didático com os pressupostos dessa pesquisa consta no apêndice.

estereotipada e negativa sobre a região. Portanto, buscará se promover uma leitura mais polissêmica, em que se possa ler de maneira focada nos sentidos múltiplos de um texto, evitando-se assim, uma leitura no nível mais da paráfrase e repetição dos sentidos explícitos dos enunciados.

Destacaremos ainda, características importantes do gênero em estudo, tais como a leitura das manchetes das notícias e a mobilização de sentidos promovida por tais títulos. Também daremos atenção para a importância da relação entre linguagem verbal e não verbal presentes nesses textos. Ainda buscaremos trabalhar outros gêneros sobre temáticas paraenses e faremos leituras e análises de músicas que retratem a cultura do estado do Pará. Assistiremos ainda uma série de vídeos sobre a cultura paraense (série do canal GNT- intitulados “Tour por Belém”) e finalizaremos com a produção de um texto de opinião acerca da identidade paraense.

4.1 Leitura e construção de sentidos com as temáticas: desmatamento e turismo sobre a Amazônia paraense.

Pensar leitura a partir de uma ótica discursiva perpassa pelo entendimento de que ler é uma construção, e esta faz parte de um processo de instauração de sentidos, tendo por base a interpretação e a compreensão acerca dos discursos. Pêcheux (1997, p. 300 apud Cunha, 2011, p. 33), aponta:

[...] que aquilo que parecia não caber no dito, apesar de não ser esperado na “voz” daquele sujeito, mas que viria à tona no seu discurso, não estaria assim num lugar escondido, vigiado pelo sujeito-centro-sentido, escolhendo o momento de se manifestar, “porque o tempo da produção e o do produto não são sucessivos [...] mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma ‘pulsção’ pela qual o non-sens inconsciente não pára de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar” (PÊCHEUX, 1997, p. 300 apud CUNHA, 2011, p.33).

Desse modo, os sentidos de um texto, não estão propriamente naquilo que o sujeito disse, mas sim, naquilo que se deixou de dizer ou até mesmo naquilo que parece não fazer sentido a princípio, talvez por isto apresente um sentido muito mais determinado para aquele que diz. Nesse sentido, é importante que durante o processo de leitura tenhamos acesso a diversos saberes para que possamos ler tendo em vista diferentes possibilidades de sentido, para aquilo que está além do previsível, do *dito* de uma transparência da linguagem.

Assim, devemos considerar que todo sujeito leitor tem suas particularidades, estas intimamente ligadas às suas especificidades sócio históricas. Assim tanto o sujeito como os sentidos atribuídos por ele em sua leitura são determinados histórica e ideologicamente. Nas palavras de Orlandi (2006, p.9), “A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma

questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. ”

Nesse sentido, nosso objetivo com este trabalho é refletir acerca dessas possibilidades de leituras discursivas, em que possamos juntamente com nossos alunos construir momentos de leituras em que se objetive construir sentidos, considerando os vários aspectos envolvidos nesse processo: lingüísticos, sociais, culturais e sobretudo históricos.

A partir desse enfoque e tomando por base nossa análise durante a atividade diagnóstica que realizamos com os sujeitos alunos, pretendemos desenvolver uma proposta de leitura que busque refletir sobre as diferentes posições ideológicas cercando as enunciações presentes no gênero notícias. Nessa proposta se buscará que tais discentes sejam capazes de observar as singularidades que envolvem esse tipo de texto, que possam ainda analisar criticamente o discurso veiculado nesse tipo de mídia. E saibam também reconhecer, enquanto paraenses, as diferentes formações discursivas que envolvem a identidade cultural do povo paraense.

Dessa forma, pensamos ser relevante iniciar a proposta de atividades de intervenção por meio de leituras de três notícias veiculadas em jornais da nossa região sobre o tema “desmatamento”.

4.1.1 Análise dos títulos/ manchetes de notícias sob o ponto de vista discursivo.

Os títulos no gênero notícia são fundamentais para a interpretação do texto. A partir deles podem ser inferidos diversos sentidos atrelados a este gênero. Ler notícias em sala de aula, da maneira a qual estamos sugerindo, exige um trabalho de mediação pertinente, no sentido de levar estes sujeitos a lerem o implícito, uma dinamicidade, pluralidade de ideias e análise reflexiva diante dos possíveis discursos veiculados nesses textos.

É relevante que o educador tenha ciência que tais atividades textuais não devem ser centradas apenas em modelos formais. Precisamos ter esse “olhar” de construção de saberes e instigar esses sujeitos a questionamentos diante das relações de sentido dos enunciados os quais constituem as notícias em processo de mediação. Filho (2011, p. 109), propõe o seguinte:

Decisões didáticas dizem respeito às escolhas de conjuntos de notícias que possam favorecer o processo de aprendizagem, levando em conta critérios que são relevantes para o funcionamento das notícias, como: perfil dos leitores, temática, função comunicativa e eventos deflagradores, dentre outros. Como todo gênero é um universo gigantesco, levá-lo para a sala de aula requer sempre decidir quais exemplares escolher e sob que critérios- os alunos podem inclusive ajudar os professores a tomar estas decisões. (FILHO, 2011, p. 109)

Quanto ao planejamento proposto que sugerimos em nossa intervenção¹¹, buscamos trabalhar com temáticas que favorecem essa perspectiva de leitura discursiva, tendo por base os temas desenvolvidos durante as atividades diagnósticas, a saber: *desmatamento e turismo*. Focaremos em leitura de textos que tratem sobre notícias, letras de músicas e vídeos, os quais propiciem uma reflexão acerca das temáticas citadas anteriormente. Além de promovermos também debates em torno da questão cultural que envolve a constituição da identidade paraense.

Assim, destacamos os títulos/manchetes como um elemento fundamental nesse processo de ensino com o gênero notícia porque eles desempenham um papel importante na composição desse gênero. É por meio dessas partes textuais que o redator/autor cria uma mensagem que remete à temática desse texto e que promove também uma síntese dos acontecimentos mais relevantes a serem tratados na notícia. Mas ainda, porque pelas estratégias semânticas e discursivas, um título/manchete pode induzir o leitor a ler determinada notícia; pode ainda trazer junto de si, uma série de elementos indispensáveis à construção de sentidos.

4.1.2 Análise dos sentidos produzidos nas notícias por meio da relação entre linguagem verbal e não verbal

A leitura de imagens que compõem o texto notícia são indispensáveis para a composição geral do sentido do texto. E para ler em nível discursivo faz-se necessário que o sujeito leitor entre em contato com outras possibilidades de “leitura”, não apenas aquelas que tenham como *materialidade* linguística indicativa do gênero, ou seja os signos verbais, mas ainda outras linguagens não verbais, como a música, o cinema, a fotografia, os documentários, etc.

Nas notícias lidas e escolhidas para a diagnose, em ambas havia uma foto/imagem jornalística que compunha o texto. Vale ressaltar que essas imagens são essenciais para a construção do discurso que é veiculado nas notícias, se fazem selecionadas de modo a transmitir determinados sentidos acerca dos fatos. Saber analisar a imagem e perceber que ela está ali não de maneira aleatória, mas sim porque serve como mecanismo composicional do texto em estudo. Esse processo na leitura é de extrema significância para a atribuição de sentidos, logo a materialidade não verbal constitui com a materialidade verbal os sentidos que tecem o posicionamento discursivo do sujeito no texto. Esse que se faz arena do discurso.

Do mesmo modo que as palavras, as imagens não significariam absolutamente nada se não houvesse atribuições de sentido por meio de uma memória discursiva, uma retomada de sentidos fixados na repetição. Esta já se faz instaurada pela história, assim linguagem e história

¹¹ Essa proposta de intervenção é um planejamento proposto com base nos resultados da diagnose e está em formato de módulo didático, no apêndice.

se relacionam intrinsecamente na constituição do texto. Tratando de maneira específica, a imagem, observamos juntamente com Davallon (1983, p.31) que esta institui agentes de memória discursiva, ou seja, a ausência da palavra não impossibilita que o não-verbal opere discursivamente, uma vez que é a memória que será responsável pela ativação de sentidos. Estes são constituídos também sócio-historicamente.

Considerando-se os conceitos advindos da AD, a memória discursiva é dissemelhante do conceito de memória individual, psicológica ou coletiva. É uma memória entrelaçada pela linguagem e pela história, como cita a definição de Courtine (1981, p. 53):

A noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas por aparelhos ideológicos". Esse tipo de memória funciona, portanto, como espaço de circulação de sentidos os quais são repetidos, lembrados, esquecidos ou mesmo recuperados no eixo da formulação. (COURTINE, 1981, p.53).

Portanto, é fundamental que os sujeitos alunos sejam capazes de perceber essas nuances por trás dessas escolhas e compreendam que essas fotos jornalísticas/imagens também são carregadas de ideologias, daí se constituem a partir da formação discursiva do sujeito, buscando mostrar/construir uma “realidade” que propõe a notícia da qual faz parte.

Orlandi (2006, p.55) menciona: “o discurso não tem como função construir a representação fiel da realidade, mas assegurar a permanência de uma certa representação”. E se as notícias também têm essa busca pela representação de uma suposta ‘verdadeira’ realidade, ou seja, o compromisso seria com o testemunho jornalístico: a seleção de uma realidade, editoração, edição de uma realidade. Todas essas seriam estratégias pelas quais o discurso jornalístico, a notícia se faz circular. Isto de acordo com as formações discursivas que se pretende difundir.

É a partir desse conjunto de condições que a mídia aciona diversos sentidos e a retomada de discursos por meio dos acontecimentos cotidianos. Os significados acionados pelos textos midiáticos são práticas discursivas, ou seja, “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Assim, faz-se necessário que durante a leitura de notícias, os sujeitos estabeleçam essas conexões. Observamos que comumente, tem-se dado pouca ou nenhuma atenção aos *elementos não verbais presentes nesse gênero*, o que acaba ocasionando uma construção de sentidos

superficial ou desprovida de uma análise discursiva mais aprofundada. Carmagnani (1995, p. 130), menciona:

A função desses elementos vai muito além da mera complementação, fazendo, a nosso ver, parte constitutiva dos sentidos provocados por determinado texto (no caso o jornalístico). Conscientizar o aluno do potencial fornecido pelos elementos não-linguísticos e solicitar que observe sua relação com o linguístico passam a ser, então, prioridades desejáveis do ponto de vista pedagógico. (CARMAGNANI, 1995, p. 130).

Desse modo, torna-se fundamental que busquemos desenvolver essas leituras de imagens (fotos) com os nossos discentes. Isso para que estes visualizem o texto de forma mais global, refletindo sobre as particularidades que envolvem o uso dessas linguagens não verbais na atribuição de sentidos no gênero notícia.

4.1.3 O estudo da polifonia e polissemia nos textos midiáticos notícias

As relações discursivas se dão basicamente por meio de enunciados, é uma noção fundamental do estudo linguístico- discursivo. O discurso se dá justamente nessa interação entre os enunciados e os sujeitos. Por sua vez, é necessário que entendamos que o entrelaçamento de várias “vozes discursivas” é essencial para uma leitura em que consideremos a polissemia e a polifonia. Guimarães (2013, p. 128) menciona: “O sentido do texto não é único; ele admite uma pluralidade de leituras, mas não toda e qualquer interpretação, evidentemente. É preciso captar e analisar indícios para perceber as interpretações que são validadas no discurso”.

Deve-se considerar que a polifonia se refere ao fato de o discurso ser constituído de enunciados que se fazem sempre na relação com o ausente, com a diferença, com o outro. Qualquer afirmação pressupõe uma negação, qualquer dizer se constitui pelo não dizer. Todo enunciado se faz na relação com outros, uma voz se implicam outras vozes. Os sentidos de um texto têm a ver com outros textos, que existem pontos que os aproximam, que os mantêm semelhantes.

Ao lermos considerando a polissemia e a polifonia, temos que pensar que há um leitor virtual inscrito no texto, este que é inscrito no momento em que se redigi. Em análise do discurso, tratamos como o “leitor imaginário”. Este seria aquele para quem o autor destina seu texto, o qual imagina que irá lê-lo, e este sujeito leitor tanto pode ser seu “cúmplice” como seu “adversário”. Nesse sentido, quando o leitor “real”, aquele que realmente lê o texto, se apropria deste, necessariamente tem que se relacionar com este outro leitor imaginário que foi constituído no momento da escrita. A leitura seria a busca de se constatar as várias posições

que se atravessam num texto, posições de convergência ou divergência com aquilo que é dito. Orlandi (2006, p. 9), ressalta:

Se se deseja falar em processo de interação da leitura, eis aí um primeiro fundamento para o jogo interacional: a relação básica que instaura o processo de leitura é o do jogo existente entre o leitor virtual e o leitor real. É uma relação de confronto. O que, já em si, é uma crítica aos que falam em interação do leitor com o texto. O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro (s) sujeitos (s) (leitor virtual, autor etc.). A relação como diria A. Schaff (em sua crítica ao fetichismo sócio, 1996), sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto). Ficar na “objetividade” do texto, no entanto, é fixar-se na mediação, absolutizando-a, perdendo a historicidade dele, logo, sua significância. (ORLANDI, 2006, p. 9).

É relevante destacarmos que o texto é a relação de sentidos entre os sujeitos, daí autor e sujeito se aproximam e se alternam na visão discursiva. E pensar leitura dessa forma, é compreender que no processo de construção de sentidos há uma série de elementos envolvidos. O leitor virtual, o leitor real, o autor e as diversas formações discursivas que entram em cena nessa interação. Assim, realiza-se um jogo discursivo com base na imagem que o autor tem dos possíveis leitores e a verdadeira recepção que os leitores “reais” fazem a partir das suas formações discursivas.

Então, quando pensamos em polissemia, aponta-se para os vários sentidos que produzem os textos, os discursos se fazem como uma multiplicidade de sentidos. Mas como ressalta Orlandi, a multiplicação de sentidos se faz justamente pelo fato do discurso se fazer processo de uma diversidade de sujeitos em posições diferentes. O discurso, o enunciado se tece no conflito, confronto de diferenças. As atividades que são sugeridas na proposta de intervenção objetivam trabalhar a leitura discursiva com essa visão polifônica e polissêmica.

4. 2 Debates em torno da identidade paraense

Em se tratando do debate que envolve a construção de identidades, podemos questionar como se produziriam as identidades a partir desse intrincado jogo de relações envolvidas nesse processo, como: a identidade nacional e a estrangeira, a individual e a social, além das especificidades e as generalizações dos espaços construídos. Cunha (2011, p. 107) comenta sobre:

Também as identidades se constituiriam considerando-se as delimitações mais estabelecidas da antiguidade e as volatilidades da modernidade atual. Então, uma variedade de temáticas pressupõe a indagação acerca da identidade. Considerando a relação de implicação entre cultura e identidade pode-se compreender que é por meio da identidade que se constitui a cultura. Assim, é pelo pertencimento a uma dada comunidade que uma identidade é revelada. (CUNHA, 2011, p. 107)

Para o estudioso Hall (2006, p. 48), as identidades nacionais são formadas a partir de representações, estas não são adquiridas instantaneamente ao nascermos, mas sim construídas ao longo da vida por meio da cultura. A identidade paraense, por exemplo, é constituída por uma série de significados e modos de ser, isso resulta em um sistema de representação cultural que produz uma comunidade, ou seja, não são somente as instituições políticas que consagram uma comunidade ou nação, mas há ainda um complexo sistema de representações simbólicas que resultam na formação de identidade de uma nacionalidade. Assim, “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 62).

Ainda tratando desse debate em torno da constituição da identidade, podemos trazer Pavlosky (2006, p.16), “[...] o ser humano é inserido em um ambiente repleto de discursos e dispositivos coercitivos que buscam moldar padrões de comportamento e pensamento, ainda que esse processo jamais seja pacífico ou definitivamente consumado”.

É importante se compreender que existem discursos que visam promover uma normatização, homogeneização das “identidades”, buscando-se veicular uma mesma ideologia a todos. Entendermos isso é fundamental para desenvolvermos uma leitura discursiva. Desse modo, apesar de muitas vezes a mídia direcionar o comportamento social a algumas visões identitárias, cabe a escola promover uma leitura crítica a respeito do caráter histórico e socialmente construído das identidades. Mediar esta visão, corresponde a proporcionar a compreensão das diversas formações discursivas que permeiam a construção de identidades.

4.2.1 Análises de letras de músicas que retratam a cultura paraense

Trabalhar a identidade paraense por meio de letras de canções regionais é uma ideia que há muito interessa-nos; os jovens, em sua maioria, gostam muito de músicas, e seria interessante que nós, na condição de mediadores de leitura, pudéssemos aproveitar essas. Isso no sentido de possibilitar aos sujeitos alunos ouvirem algo mais regional, peculiar, que fale de uma maneira mais próxima e ao mesmo tempo diversa das relações de construção da identidade da Amazônia paraense. Essa relação mais estreita entre cultura e identidade necessita ser evidenciada na escola. Necessário o debate que problematize unidade e diversidade, ou melhor identidade e diferença. Compreender que as letras de canções podem retratar de modo singular e simultaneamente diferente o tema da identidade pode ser favorecido a partir da musicalidade. Contrapor “olhares”, mostrar que diversos discursos, trazem possibilidades diferentes de se ver nossa identidade pode ser uma ação metodológica do ensino que favorece o trabalho com a

leitura numa perspectiva discursiva. Nesse sentido, é importante destacarmos o que Certeau (1995, p.103) menciona:

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social: ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais, docentes, profissionais liberais), ela não está mais estável e definida por um código aceito. (CERTEAU, 1995, p. 103)

A diversidade cultural pode ser trabalhada em sala de aula, por diferentes suportes textuais, isto, por exemplo, quando consideramos a leitura em uma perspectiva discursiva. Desse modo, selecionamos duas letras de músicas que entendemos retratar a cultura regional paraense, em sua diversidade natural, linguística e social, ou seja, discursiva.

4.2.2 Vídeos sobre a cultura paraense (série de reportagens do canal GNT- intitulados “Tour por Belém”)

Como toda a proposta de intervenção busca promover uma discussão acerca dos discursos que envolvem a identidade paraense, pensamos ser importante usar diferentes meios para promover tais debates. Assim, inserir na sala de aula, uma diversidade de atividades em que os sujeitos alunos possam dialogar com os textos, e analisar os discursos e ideologias veiculados em cada mídia. Por isso, pretendemos desenvolver um estudo por meio de multiletramentos.

Entender os processos que envolvem a linguagem assim como seu estudo implicam em mudanças de possibilidades de mediação de acordo com as transformações sociais e históricas. Isso é fundamental para o ensino das línguas numa perspectiva discursiva. E isso reflete não somente no estudo dos textos, pois estes, atualmente, estão cada vez mais multimodais; mas ainda na diversidade cultural e linguística decorrente desses fenômenos. Rojo e Moura (2019, p. 20) tratam da seguinte maneira, a respeito da importância do conceito de multiletramentos:

Multiletramentos é, portanto, um conceito bifforme: aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade cultural de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, isto é, letramento em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagem estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.). (ROJO E MOURA, 2019, p. 20)

De acordo com esses princípios, sugerimos os vídeos da série do canal GNT- intitulados “Tour por Belém”, são três episódios que mostram a capital paraense de um modo bem peculiar e regional. Neles são ressaltados a cultura paraense sob uma perspectiva positiva, são enfatizados os sabores, a culinária, os frutos da região. Além de mostrarem as belezas naturais

das paisagens dos rios e florestas, pontos turísticos tradicionais como o Ver-o- Peso, a Praça da República, a ilha de Combú.

Assim, para a reflexão que pretendemos despertar nos sujeitos alunos, objetivamos por meio desses audiovisuais, instigá-los a refletirem diante de discursos diferentes daqueles que geralmente são veiculados nas notícias regionais sobre o seu estado. Ou seja, proporcionar aos alunos sob outros prismas, vislumbrarem aspectos culturais diversificados da cultura paraense, como: a arquitetura, as praças, o artesanato, as rodas de carimbó, ou seja, “enriquecê-los” com outras possibilidades de saberes sobre nossa terra.

4.2.2.3 Opinião acerca da identidade paraense (produção textual)

A parte final de nossa proposta de intervenção é a produção textual escrita. Após todas as atividades anteriores, em que buscamos fomentar reflexões acerca dos discursos que circulam socialmente sobre a identidade paraense, entendermos que nessa fase das sequências, seja relevante uma produção escrita final. Nesse sentido, considerando a tipologia dissertativa se pode propor trazer gêneros como: artigo de opinião, carta argumentativa, dissertação escolar, editorial, resenha, entre outros.

Então, não focaremos um gênero específico, mas apenas a estrutura dissertativa, em que o aluno possa expor sua opinião. O objetivo dessa etapa é que o sujeito aluno se familiarize com a exposição de ideias, pois pensamos que ler de uma maneira discursiva necessite também da escrita, em que esses estudantes possam opinar sobre o tema: “o que é ser paraense? O que mais lhe define enquanto morador do estado do Pará?”.

Assim, compreendemos todo esse processo de leitura discursiva como um leque de estratégias discursivas, na qual podemos utilizar textos multimodais, sendo diversificados e significativos que possam contribuir para a formação linguística e cidadã dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento dessa pesquisa, almejamos analisar como os sujeitos alunos constroem sentidos acerca da identidade paraense que é veiculada na mídia impressa regional, especificamente sobre os temas Desmatamento e turismo. A partir dessa questão central, analisamos ainda outros aspectos que foram: Como as notícias veiculadas pela mídia paraense referem-se ao estado do Pará considerando as temáticas do turismo e do desmatamento? Como os sujeitos-alunos ao produzirem sentidos a respeito do turismo e desmatamento a partir das notícias produzidas pela mídia impressa regional, identificariam tais temáticas com identidades paraenses respectivamente mais ou menos positivas e ou negativas? Os sujeitos- alunos sabem identificar as estratégias discursivas utilizadas em textos do gênero notícia de modo a observar

os recursos linguísticos empregados para a promoção de determinados sentidos identitários em títulos e /ou manchetes desses gêneros midiáticos?

Nesse sentido, a partir do estudo e análises sobre as interpretações realizadas nesses textos, foi possível perceber, que para uma parcela significativa desses alunos, os textos midiáticos lidos nas atividades de diagnose são de foram até certo modo, definidores de uma identidade paraense. Isso quando consideramos os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa.

Após análises realizadas a partir das respostas dos alunos foi possível perceber que em uma parcela significativa desses sujeitos, em seus enunciados, demonstraram uma retomada, uma reiteração dos discursos veiculados nas notícias, principalmente por meio de paráfrases. E considerando-se os conceitos da AD- Análise do Discurso, entendemos que esse processo de leitura perpassa também pela aproximação com o discurso do outro; porém é importante ainda, nesse processo de construção de sentidos, buscarmos por sentidos diversos, em que possamos ler também buscando a diferença, a falta, a ausência daquilo que não está posto, mas pode ser inferindo. Em outras palavras, que procuremos por explorar em sala de aula, leituras com viés mais polissêmico, que esse aluno possa refletir sobre essas particularidades textuais.

Nesse sentido, faz-se necessário que além de uma leitura centrada na construção e sentidos, possamos promover ainda uma reflexão acerca das materialidades linguísticas envolvidas nesse construto de significações que ocorrem durante o processo de construção desses textos, como é o caso dos títulos/manchetes, os quais são determinantes para essa provocação, essa produção de sentidos. Com relação a esse aspecto, observamos que alguns sujeitos não relacionaram os títulos lidas com os possíveis sentidos atrelados ao conteúdo do texto. Isso pode nos indicar uma necessidade de trabalharmos de maneira mais específica nesse elemento textual, durante uma atividade de leitura com o gênero notícia.

Aponta-nos ainda, que precisamos intensificar um estudo de leitura pelo prisma discursivo, pois foi perceptível que os discentes que participaram do estudo apresentaram certa dificuldade com relação a construção de sentidos no sentido de aprofundamento. Percebemos que tais alunos ainda se delimitam durante a leitura de tais textos, principalmente, às informações superficiais das notícias, não apresentando uma compreensão de que a língua em sentido discursivo está ligada a essa não transparência, a opacidade. Essa constatação, portanto, exigiria uma reflexão e análise maior do leitor relativo ao texto. O leitor mais experiente vai além, buscando uma relação entre os aspectos linguísticos e não linguísticos. Assim, como a leitura do que está dito, da estrutura que se põe a partir daquilo que não está dito. Os discursos precisam ser compreendidos a partir das relações que estes mantêm com outros textos.

Optou-se por trabalhar com os temas desmatamento, turismo e identidade, nas notícias lidas em sala de aula durante a atividade diagnóstica, como já foi mencionado anteriormente as motivações e justificativas. Assim, trabalhar tais temáticas nos mostrou ainda que esses estudantes interessaram-se pelos temas e discutiram a identidade paraense veiculada nos textos lidos sobre o estado do Pará.

Foi significativo percebermos que esses sujeitos se interessam em discutir temas que estão relacionados também a problemáticas ambientais e sociais. Porém notamos ainda, o quanto é necessário que a escola promova cada vez mais esse debate em torno da construção de identidade que se divulga nas mídias, em que se almeje discutir o conceito de identidade, principalmente no sentido de superar essa perspectiva etnocêntrica, em que muitos discursos em textos midiáticos acabam por promovê-la.

Fazendo um paralelo entre as considerações feitas por Cunha (2011) acerca das temáticas *desmatamento e turismo*, no jornal externo “Folha de São Paulo”, e as notícias utilizadas em nossa diagnose dos jornais internos, “Diário do Pará” e “O Liberal”, sobre os mesmos temas. Possibilitou-nos observar uma certa relação de similaridade nos discursos veiculados nas três empresas midiáticas, principalmente na propagação dessa ideia em que os temas desmatamento, está entre um dos mais incidentes, principalmente nas notícias sobre o estado do Pará, tanto no jornal externo, como demonstrou Cunha (2011), como foi possível observar também nos jornais internos, por meio das notícias utilizadas nas atividades.

Assim, constatamos que há sempre uma retomada desse discurso que mostra uma imagem do estado enquanto grande devastador ambiental. Por outro lado, quando se trata do outro tema em questão, *o turismo*, também observamos, assim como o estudioso, que é um tema pouco divulgado sobre o estado paraense; e muitos desses textos, mesmo tratando sobre a temática turismo, enfatizaram mais as dificuldades estruturais e logísticas para se realizar o turismo no estado, do que propriamente os espaços a serem visitados. Isso pode nos apontar para um certo viés ideológico em que se destaca mais os aspectos negativos da região.

Por isso, é necessário entendermos a importância do trabalho com a leitura numa perspectiva discursiva, abordando-se a temática da identidade. E ainda que se busque a reflexão crítica de modo a superar essa visão de identidade centrada mais numa perspectiva etnocêntrica, de uma identidade possa admitir as problemáticas sociais e ambientais, porém que tenha consciência também do papel da palavra midiática, dos lugares de poder assumidos por esta.

Nesse sentido, entendemos ser fundamental desenvolver atividades textuais multimodais, partindo-se de notícias sobre a região numa diversidade de suportes de produção e circulação textual. Também promovermos uma discussão sobre a identidade paraense

contrapondo-a com outras “identidades”, mostradas em outros suportes textuais. Objetivamos, assim, em nossa proposta de intervenção demonstrar aos nossos discentes que os sentidos de um texto também se implicam, se determinam pelo suporte textual. Além do suporte e mesmo da materialidade verbal ou não verbal, a história se faz constitutiva do discurso.

Assim, a sala de aula pode constituir um lugar de encontro e de aprendizagem da vida em sociedade, de preparação para a vida teórica e prática do cotidiano. Isto acontece em uma escola que priorize o dizer, o não *silenciamento*. Ou seja, num espaço escolar em que os sujeitos alunos tenham “vozes” e possam compartilhar posicionamentos para que não se sintam coagidos a ficarem calados, que se sintam sujeitos integrados e produtores de cultura e saberes.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do real e do ficcional**. In: FIGARO, Roseli. (org.). Comunicação e Análise do discurso. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1988
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BALOCCO, Ana Elizabeth. **A escrita e o escrito: produzindo identidades, domesticando diferenças**. In: MARIANI, Bethânia. (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise**. São Paulo: Claraluz, 2006.
- BARONAS, Roberto Leiser. **Discurso e mídia: memória, esquecimento e (in) significação**. In: CORTEZ, Clarice (org.). **O discurso- nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- _____. **Ensaio em análises de discursos: questões analítico-teóricas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2005
- BENASSI, M. V. B. **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. In: Anais do CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 2007, Maringá, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da enunciação**. Problemas de linguística geral II/ tradução Eduardo Guimarães... [et al]: revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- _____. **Enunciação e construção do sentido**. In: FIGARO, Roseli. **Comunicação e Análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARMAGNANI, Ana Maria G. **Por uma abordagem alternativa para o ensino de leitura: A utilização do jornal em sala de aula.** In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). O jogo discursivo na aula de leitura: Língua Materna e língua Estrangeira. São Paulo: Pontes, 1995.

DE CERTEAU, M. de. **A cultura e a escola.** A cultura no plural. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 123-144.

CORACINI, M.J. 2002. **Leitura: Decodificação, Processo discursivo?** In: M. J. CORACINI (org.), O Jogo Discursivo na Aula de Leitura. Campinas, Pontes Editores, p. 13-20

COSTA, Carlos Roberto Bezerra. **Ensino de língua portuguesa e constituição de identidades de gênero: um estudo discursivo.** 2016. 127f. Dissertação de Mestrado profissional em Letras (Programa de pós- Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio grande do Norte, Mossoró, 2016.

COURTINE, Jean-Jaquecs. **Analyse du discours politique.** Langages, n.61, juin, 1981.

CUNHA, M. A. D. **Tão longe, tão perto: a identidade paraense construída no discurso da mídia do sudeste brasileiro.** SP: Araraquara, 2011.

DAVALLON, Jean. (1983). **A imagem, uma arte de memória?** In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. São Paulo: Pontes Editores, 1999. p.23-37.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

David TRIPP. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set. /Dez. 2005.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FERNANDES, Célia Bassuma. **Seria o sujeito totalmente assujeitado?** In: 1ª JIEDP Jornada internacional de estudos do discurso. UEL/UNICENTRO, 27,28 e 29 de março de 2008, p. 806-813.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias.** São Carlos: Claraluz, 2007.

_____; JUNIOR, José Antônio Alves. **Sujeito discursivo e construção identitária do mendigo.** In: CORTEZ, Clarice (org.). O discurso- nos domínios da linguagem e da história. São Carlos: Claraluz, 2008.

FILHO, F. A. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Truth and power.** In: C. Gordon (Ed.). *Power/knowledge: Selected interviews and other writings 1972-1977.* Nova York: Pantheon Books, p. 109-133. 1980.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996

_____. **A Arqueologia do Saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia:** a (re) produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo.* São Paulo, v4, n11, p. 11-25. Nov. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. 11ª ed-. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça.. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LISBOA, Rose Suellen (org.). **Guia de trabalhos acadêmicos.** 2ª ed-, rev., ampl. E atual. - Belém: Universidade federal do Pará, Biblioteca Central, 2019.

MUSSALIM, Fernanda (Org.); BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras, v.2. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 3. P 270.

MENEGASSI, R. J. ANGELO, C. M. P. **Conceitos de leitura.** In: MENEGASSI, R. J. (org.). *Leitura e ensino – Formação de Professores EAD,* 19. Maringá: EDUEM, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** 7 ed., São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

_____. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PAVLOSKI, Evanir. **Identidades instáveis:** Os fragmentos do sujeito moderno. In: HARMUCH, Rosana Apolonia. & SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. (org.). *Identidade e Subjetividade: Configurações contemporâneas.* Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PECHEUX, M. **A Análise do Discurso:** Três Épocas. (Trad. De J. de A. Romualdo). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 311-318, 1997.

PÊCHEUX, M. **Discurso, estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1997.

PEREIRA, Regina Celi. **Ações de linguagem:** da formação continuada à sala de aula. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

Revel, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Traduzido por Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez & Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROJO, Roxane Helena; MOURA Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola editorial, 2019.

SANTOS, Neyla Priscila Rodrigues dos. **Sujeito, língua e discurso no trabalho com textos argumentativos em sala de aula**. 2016. 110f. Dissertação de Mestrado profissional em Letras (Programa de pós- Graduação em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2016.

SOUSA, Rosimere Martins de. **Discursivização e didatização: Aplicabilidade didático-pedagógicas do gênero fábulas no Ensino Fundamental II**. 2017. 85f. Dissertação de Mestrado profissional em Letras (Programa de pós- Graduação em Letras) – Universidade Federal de Campina- Grande, Cajazeiras, 2017.

SOUZA, Tania C.C. **Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal**, Rua, Unicamp: Campinas, 2018.

APÊNDICE A- Módulo didático

PROFLETRAS-UFPA

A LEITURA DISCURSIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL:

CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DAS
TEMÁTICAS DESMATAMENTO, TURISMO E
IDENTIDADE.

DEGIVANE LIMA MAGALHÃES





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL (PROFLETRAS)

Degivane Lima Magalhaes

A LEITURA DISCURSIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL: Construindo sentidos a partir das temáticas desmatamento, turismo e identidade.

BELEM/PARÁ

2020

SOBRE A AUTORA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras/ Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPa). Professora Classe II da Secretaria do Estado de Educação do Pará, Atua na Rede Estadual, ministrando a Disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio. Possui graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Pará/UEPA (2007). Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará (2008), Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Pan Americana (FPA) (2016).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	7
A leitura numa perspectiva discursiva em sala de aula	7
A leitura de textos da esfera jornalística: notícia	8
O contexto cultural e temático: desmatamento, turismo e identidade.....	10
SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES DIDÁTICAS	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

Apresentação

Caro professor/mediador,

Esse módulo didático, em formato de caderno pedagógico, contém propostas de atividades de leitura em uma perspectiva discursiva para serem desenvolvidas pelo professor/mediador com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. O caderno apresentado é resultado de uma pesquisa acadêmica do programa de mestrado profissional em letras – PROFLETRAS, curso realizado entre março de 2018 a 2020. A versão apresentada se faz uma proposta de intervenção pedagógica, elaborada a partir da análise dos resultados de uma diagnose de atividades de leitura na série referida, podendo constituir-se como suporte pedagógico para aqueles que atuam no ensino de língua portuguesa.

Nesse sentido, nosso objetivo com este trabalho é propiciar ao educador/mediador possibilidades de atividades de leitura numa concepção discursiva, contribuindo desse modo, com a formação de leitores que sejam possibilitados a multiplicação de sentidos. Assim, este caderno pedagógico propõe atividades que priorizam a interpretação de textos de natureza multimodal em uma perspectiva discursiva, ou seja, que construam sentidos numa perspectiva sócio-histórica e cultural, em que se objetiva uma construção de saberes apontando para a polissemia.

Ao apresentá-lo aos colegas educadores, buscamos contemplar neste produto questões que envolvam a leitura de textos de diversos suportes. No entanto priorizou-se o gênero jornalístico notícia, o qual foi o ponto de partida durante todo o projeto de pesquisa no mestrado. Entretanto, focamos ainda em outros gêneros multimodais, como a reportagem e a música.

A partir da concepção de leitura de base teórica da Análise do Discurso-AD, especialmente em Orlandi (1999, 2005, 2006). Nessa ótica se faz fundamental que os sujeitos alunos realizem diferentes atividades de leituras, fomentando a produção de sentido que vincule os saberes linguísticos e culturais e socio-históricos. O módulo didático organiza-se em duas partes, sendo uma teórica (em que são dispostos os pressupostos que fundamentam o trabalho com a leitura) e outra prática (apresentam-se as sequências de atividades).

Finalmente, enfatizamos ao propormos este suporte didático, a possibilidade de seu uso ser difundido em diversos contextos pedagógicos, mediante as devidas adaptações a serem realizadas conforme cada realidade de ensino e aprendizagem. Bom trabalho e boa leitura!

INTRODUÇÃO

No contexto atual em que ocorrem muitas mudanças no modo como as pessoas estão se comunicando, o trabalho com a linguagem com o foco na leitura enquanto construção contínua de sentidos é fundamental para reconhecemos as relações sócio-históricas que constituem a sociedade. Isso, principalmente considerando-se os avanços tecnológicos que modificaram a maneira de se relacionar e se comunicar, exigindo dos sujeitos a compreensão e interpretação das diferentes maneiras de ler e interagir, em que possam refletir acerca dos discursos que circulam socialmente, bem como as distintas maneiras de viver de um determinado período histórico. Assim reconhecendo nos textos materialidades discursivas que retratam aquilo em evidência na sociedade. Por isso, é tão significativo que os sujeitos leitores sejam capazes de ler diversos gêneros e dominem os vários letramentos, ou seja, estejam em permanente e atentos processos de formação multiletrada. Sobre esse aspecto o que propõe Rojo e Moura (2019, p. 18): “ Como são variados os contextos, as comunidades, as culturas, são também muito variadas as práticas e os eventos letrados neles circulantes. O conceito de letramento, repetimos, passa ao plural: deixamos de falar em ‘letramentos’ e passamos a falar em ‘letramentos’ . ”

Assim, conforme os autores citados, trabalhar o letramento em sala de aula envolve uma série de atividades com a oralidade, a leitura e a escrita, como por exemplo: leitura e produção de textos de gêneros diversos; tanto de modo oral como escrito; realizando apresentações de trabalhos que integrem esses alunos em práticas de leitura e escrita socialmente relevantes e que eles ainda não dominem.

Nesse sentido, um dos gêneros em questão e que propomos seu estudo é a notícia, já que é um texto do cotidiano e de fácil acesso tanto aos alunos quanto aos professores. A prática da leitura da notícia, mediada nos suportes jornalísticos escritos, mobiliza saberes e sobretudo ordens de poder; ainda que se coloque não inadvertidamente como “neutra”, ou seja, marcada pela imparcialidade. Então, importante considerar os estudos discursivos, os quais são parâmetros para o nosso trabalho. Por isso, faz-se necessário que oportunizemos aos nossos discentes um estudo com textos na escola que lhes tragam essa oportunidade de refletir acerca daquilo que é veiculado sobre a realidade e a relação social que se estabelece na linguagem, especificamente no gênero notícia.

Assim, é relevante trabalhar em sala de aula não só os aspectos relacionados a estrutura textual desse gênero, mas ainda os aspectos discursivos que envolvem a produção das notícias. De acordo com Filho (2011, p.109), trabalhar com o gênero notícia em sala de aula pressupõe levar os discentes a perceberem as minúcias desse gênero e “ênfatizar a sua relação com os contextos onde ela é produzida, procurando encontrar o sentido do texto através desta relação”.

Desse modo, cabe ao educador oportunizar essas discussões, para que o uso do gênero notícia na escola não se restrinja apenas as questões linguísticas, mas sim que possibilite a formação crítica de seus alunos por meio de uma perspectiva de leitura discursiva.

Neste sentido, o ingresso no Mestrado Profissional em Letras– PROFLETRAS – fomentou o nosso olhar para as práticas da sala de aula e tendo em vista que o objetivo principal deste mestrado é proporcionar investigações que estejam relacionadas à problemáticas de ensino e aprendizagem assim como valorizar as pesquisas desenvolvidas pelos próprios professores da educação básica em sala de aula, pensa-se ser uma oportunidade a realização desse trabalho. Destaque-se também a oportunidade de propiciar um maior diálogo entre as pesquisas que a universidade realiza com as práticas de ensino-aprendizagem. Portanto, ensaja-se, sobretudo, buscar estratégias que possibilitem condições melhores de trabalho na formação de leitura dos sujeitos alunos do ensino fundamental.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A leitura em sala de aula: uma perspectiva discursiva

Entender o trabalho com a leitura numa perspectiva discursiva, é pensar que ler é um ato que está sempre em construção, não sendo apenas uma assimilação de ideias pré-concebidas, mas sobretudo, uma complexa relação que envolvem fatores sociais e históricos nesse processo de construção de sentidos que ocorrem entre autor, leitor e texto. É preciso, portanto, que consideremos que nessa construção chamada leitura, haja entre os interlocutores uma “troca”, em que ambos compreendam que desde sempre, eles estão de certo modo assujeitados às ideologias e desse modo os discursos se constroem a partir das diversas formações discursivas compartilhadas durante todas as suas experiências.

Desse modo, as práticas de leitura necessitam ser concebidas como um ato dialógico e interlocutivo, sendo que o sujeito leitor nesse contexto é um dos pilares e desempenha um papel ativo, pois é responsável juntamente com o autor do texto por essa construção de sentidos. Assim, podemos mencionar o que Coracini (2002, p.15) destaca:

O ato de ler como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – o autor e o leitor – ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos. É o momento histórico-social que determina o comportamento, as atitudes, a linguagem de um e de outro e a própria configuração do sentido. (CORACINI, 2002, p.15)

Partindo desse pressuposto, o texto não pode ser tido como o único responsável pela produção de sentidos no ato de ler, mas sim, como um processo entre sujeitos que possuem história e se posicionam ideologicamente. Como destaca Coracini (2002, p.18), o texto deve ser concebido como propiciador de efeitos de sentidos, os quais serão construídos pelo sujeito- aluno a partir do contexto sócio histórico dele e suas vivências com as diversas leituras.

Na perspectiva da Análise do Discurso, nas palavras de Orlandi (1999, p.7), a leitura pode ser concebida como uma “atribuição de sentidos”, em que essa relação se dá principalmente dentro de certas condições, que são os modos de vida, de trabalho, de cultura. O que a autora denomina de “historicidade”.

A construção de sentidos daquilo que se lê está ligada diretamente as posições ideológicas e discursivas do autor e do leitor do texto, as palavras possuem significações diferentes conforme uma formação discursiva e outra. De acordo com Orlandi (1999, p.18), todo falante e todo ouvinte desempenha um papel social e isso reflete no momento de construir significação a partir de uma leitura. Assim, para Orlandi (1999, p.86), a produção de sentidos da leitura leva em consideração o contexto dos envolvidos no processo discursivo.

Desse modo, o educador pode e deve oportunizar aos educandos diversas possibilidades de leitura, instigando esses sujeitos a entenderem que esse processo de ler e construir sentidos requer um olhar mais aprofundando, em que se busca mobilizar saberes para compreender os discursos subjacentes em cada texto

A leitura de textos da esfera jornalística: notícia

Nesse projeto optamos por desenvolver uma sequência de atividades que partissem do gênero notícia, uma vez que foi com esse que desenvolvemos as atividades iniciais de nossa pesquisa. Também nos interessou focar nesse texto jornalístico, porque pensamos trabalhar numa perspectiva de leitura discursiva, e considerando esse gênero como um importante veiculador de discursos. Além de nos propiciar um trabalho com a leitura em que se pode analisar tanto os aspectos linguísticos quanto os semiológicos que compõem as linguagens visuais na constituição dos discursos que permeiam esses textos, incluindo, o contexto de produção.

Os textos jornalísticos trazem como função principal a informação, embora entendamos que estes fatos veiculados de modo a mostrar a “realidade”, não deixam também de demonstrar uma certa propensão a determinados posicionamentos sociais, então ler levando-se em conta esse aspecto é de suma importância para a construção de sentidos nesses textos. Faria e Zanchetta Jr. (2012, p. 17) asseveram:

De maneira geral, os jornais pregam o compromisso com a “neutralidade” da informação e se utilizam de expedientes linguísticos para tanto, evitando, por exemplo, o uso de adjetivos. Entretanto, mesmo lançando mão da linguagem referencial ou explicativa, acabam por revelar seus posicionamentos. A escolha das palavras, nesse caso, é fundamental. (FARIA; ZANCHETTA JR., 2012, p. 17)

Compreendemos assim a importância de se trabalhar com estes textos em sala de aula, especificamente a notícia, objetivando exercitar essa leitura discursiva, em que os sujeitos alunos sejam estimulados a pensar o texto jornalístico como um propagador de discursos. Daí buscando-se entender que apesar de se promover uma suposta “neutralidade”, há para além do fato um acontecimento discursivo construído. Isso se faz no modo como são escolhidas as palavras, a maneira como se fazem dispostas nos enunciados. Essas se fazem importantes estratégias do suporte midiático. Sobre acontecimento, Cunha (2011, p. 41), menciona que um fato se fará acontecimento, quando for, retomado, analisado, especificado, detalhado, e que mantenha relação com outros acontecimentos similares ou tornado como similares. “O acontecimento será o espaço de produção, movência de sentidos, atualizado no tempo, cindido em relações, servindo a outras teias de sentido”.

Filho (2011, p.35), ressalta que as notícias do ponto de vista das empresas jornalísticas, divulgam que estes textos objetivam principalmente a informação sobre os fatos que acontecem no dia a dia das pessoas e buscam ainda promover essa ideia de fidelidade com seus leitores, de modo a promover parcerias, entretanto o pesquisador destaca também que apesar de repassarem a imagem de imparcialidade, esses textos também divulgam posicionamentos e aspectos ideológicos, e isso é necessário que nossos alunos compreendam para que possam ler de maneira a construir sentidos para além daquilo que está expresso de modo explícito nesse gênero.

Os jornais se fazem dispositivos comprometidos com certa ordem de poder, daí usam de estratégias no sentido de efetivarem determinados sentidos como estabelecidos, verdades até indiscutíveis. A escola pode enquanto mediadora na formação de leitores atentos, funcionar para os alunos como propulsora dessas estratégias, conforme nos diz Filho (2011, p.35)

Contudo, nada impede que leitores leiam notícias com o objetivo de compreender aspectos ideológicos dos meios de comunicação. Isso equivale a dizer que os propósitos comunicativos podem não ser algo que está definitivamente marcado nos textos, mas resultar dos modos como os textos são utilizados efetivamente em dadas situações. (FILHO, 2011, p. 35)

Cunha (2011, p. 134) tratando sobre os discursos jornalísticos e suas estratégias de produção linguísticas de modo a constatar uma realidade, demonstra que o intuito desses textos é promover uma espécie de “efeitos realísticos” com base nos fatos narrados:

Para se mostrarem legítimos diante dos leitores/consumidores, os jornalistas valem-se de efeitos realísticos, defendendo haver nas notícias uma relação de transparência entre a realidade e os fatos narrados. A concepção de verdade da “notícia” em relação à realidade é construída não somente pelo público, mas também pelos próprios jornalistas. Isto porque esses ao produzirem a notícia estariam utilizando determinados procedimentos de produção da linguagem e do saber. Desse modo, pelas técnicas de linguagem e apreensão dos fatos, os jornalistas delimitariam um saber que poderia ser concebido como legitimado. (CUNHA, 2011, p. 134)

Assim, os gêneros jornalísticos, em especial a notícia, são textos que abordam questões sócio históricas, além de propiciarem uma leitura com viés discursivo, pois apresentam enfoques temáticos e enunciativos acerca dos principais acontecimentos da atualidade. Portanto, é bastante oportuno que usemos esse gênero na escola também como instrumento de letramento escolar.

O contexto cultural e temático¹: desmatamento, turismo e identidade

A escolha pelas temáticas desmatamento e turismo se configurou porque durante nossa pesquisa acadêmica focamos nesses dois eixos temáticos, isso por se tratarem de temas recorrentes sobre o estado do Pará em nível nacional, divulgados e circunscritos à identidade paraense veiculada nos jornais externos. Isso conforme evidenciou cunha (2011) sobre o discurso do jornal “Folha de São Paulo” acerca do estado do Pará.

Em conformidade com esse estudo, na enunciação desse importante veículo midiático impresso nacional, o tema “desmatamento”, mostrou-se um dos mais recorrentes e bastante veiculado à imagem do estado. “O eixo temático do meio ambiente apresentou uma segunda ordem de ocorrência de textos jornalísticos. Nesse eixo, a temática recorrente foi a do desmatamento e queimadas, ou seja, a destruição da floresta amazônica. Essa que se estende por todo o estado do Pará”. (CUNHA, 2011, p.25).

Por outro lado, o tema “turismo” revelou-se pouco noticiado. Daí, relacionando-se a repetição/dispersão da veiculação de um tema na mídia e a produção de identidade regional, ressalta-se ressaltou o seguinte “tal como a repetição de temas é produtora de sentidos, também a ausência de um dizer, o silenciamento em torno de determinados temas a respeito do Pará, configura-lhe sentidos. Esse é o caso dos temas do turismo, da arte e da ciência. (Cunha, 2011, p.308)”. Portanto, pensamos ainda trabalhar com a temática turismo como um contraponto a temática do desmatamento e também para evidenciarmos como esse tema é veiculado nas mídias impressas citadas. Evidenciamos enquanto professora em sala de aula que esta temática também propicia uma boa discussão entre os alunos, geralmente é um tema que os estimula a interação e participação na exposição de opiniões.

¹ Esses temas são os mesmos que foram trabalhados durante as atividades de diagnose, por isso pensando em manter uma correspondência temática, resolvemos mantê-los para a proposta interventiva.

Tal qual como apresentada na pesquisa de Cunha (2011), buscamos trabalhar essas temáticas a partir dos jornais paraenses “o liberal” e “diário do Pará”, de forma a identificar o modo como apareciam e daí verificar as produções de sentidos feita pelos alunos em sala de aula, daí verificar a maneira como se constitui a identidade paraense para esses sujeitos, bem como se propor mediações de leitura de tais textos. O tema da identidade foi enfatizado durante a pesquisa que teve essa proposta como produto.

Por que trabalhar a identidade paraense a partir das mídias jornalísticas sobre o estado do Pará? Buscamos responder não de modo a encerrar a discussão, mas sim de refletir sobre essa questão. Assim pensamos que falar em identidade não é uma tarefa tão simples, uma vez que esta envolve uma série de fatores sociais e históricos. Sobre o estudo da identidade, Cunha (2011, p. 305), destaca:

O estudo da identidade, ou melhor, da produção da identidade é um campo de investigação que se mostra requerido pela Análise do Discurso. Caracteriza-se uma identidade na comparação com outras, com as quais os sentidos se assemelham ou se diferenciam. Pelas semelhanças, é possível se efetivarem comparações para que se construam identidades. (CUNHA, 2011, p.305)

Então, acreditamos que se entender enquanto sujeito em suas possibilidades identitárias, inclusive regionais, nesse grande território continental brasileiro, é de suma relevância para a formação cidadã. Esta compreensão perpassa por um processo de formação de leitura que pense a leitura não como ato, acabado, definido, mas como ação sempre propícia e buscando diferentes, contraditórias e mesmo tensas relações de sentidos, produzidas entre relações de saber e poder que se estabelecem nas relações sociais, culturais e históricas.

Nessa perspectiva, faz-se necessário questionarmos: qual identidade seria essa? Como perceber as diferentes formações discursivas que moldam as identidades? Assim, entendemos que para o sujeito leitor nessa fase escolar de ensino fundamental, talvez seja, difícil compreender tais conceitos. No entanto, ainda que não tenha completa ciência dessa conceituação, acreditamos ser necessário um estudo que promova o entendimento de que tais orientações midiáticas podem ser responsáveis por seus posicionamentos, condutas e valores, decisões, ou seja, acabam por serem também formadoras de identidades.

A partir desses referenciais, pensamos desenvolver nossas atividades de leitura discursiva explorando o contexto cultural da região, incluindo valores e ideologias que fazem parte da comunidade paraense, visto que em todas as fases da pesquisa evidenciou-se também esse aspecto discursivo sócio histórico. Assim, focaremos essas temáticas, principalmente, nas produções de sentidos que podem ocorrer a partir das discussões envolvendo esses temas.

SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES DIDÁTICAS²

Proposta de Intervenção: sugestão de sequência de atividades

Atividade 1- Ler em voz alta com os sujeitos alunos e fazer uma análise discursiva sobre as notícias a seguir: (mediação do professor):

Objetivo: Propor uma reflexão sobre o discurso veiculado nas notícias acerca do estado do Pará.

Textos selecionados:

Texto 1, do jornal “O Liberal”, do estado do Pará: “Pará lidera desmatamento na Amazônia em dezembro”

Pará lidera desmatamento na Amazônia em dezembro

Registros de desmatamento nos últimos meses de 2019 tiveram aumento em relação ao mesmo período de 2018

Victor Furtado

28.01.20 9h52



² Esta sequência de atividades foi pensada para ser desenvolvida com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. E cada atividade poderá ser realizada em um tempo estimado em duas aulas, de 45 minutos cada.

Desmatamento e degradação tiveram aumentos preocupantes, nos comparativos agosto-dezembro de 2019 e 2018 (Araquem Alcântara / Imazon)

De agosto a dezembro de 2019, 2.852 km² de florestas foram derrubados na Amazônia Brasileira. Isso representa 67% a mais do que o que foi registrado, pelo Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) em 2018, que teve 1.706 km². Os dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A maior parte das matas perdidas no último mês do ano passado foi no Pará: 47% de 227 km².

Ainda que em dezembro de 2019 os índices de desmatamento tenham sido reduzidos em 8%, o Imazon segue apontando uma preocupação com o aumento em todo o período monitorado. Depois do Pará, os estados que mais tiveram derrubadas de floresta foram Mato Grosso (22%), Rondônia (13%), Amazonas (9%), Roraima (5%), Acre (2%), Amapá (1%) e Tocantins (1%).

Em todo o ano de 2019, o desmatamento total da Amazônia foi de 6.200 km². É um aumento de 16% em relação a 2018, que fechou com 5.334 km² de floresta derrubada. O mês de julho foi o que mais registrou perdas de áreas de floresta em 2019: 1.287 km² de matas perdidas.

O SAD registrou também 373 km² de área degradada, em dezembro de 2019. O estado campeão em degradação, novamente, foi o Pará: 48% da área de floresta degradada. Em seguida estão Mato Grosso (42%), Rondônia (5%), Tocantins (3%) e Amazonas (2%).

O Imazon classifica desmatamento como o corte raso, que é a remoção completa da vegetação florestal. Geralmente, é a formação de áreas de pasto. Já a degradação é caracterizada pela extração das árvores, que costumam abastecer o mercado da madeira. Outros exemplos de degradação são os incêndios florestais — controlados ou não, em áreas privadas — mas que acabam atingindo a floresta e se alastrando.

No comparativo agosto-dezembro entre 2019 e 2018, os dados são ainda mais preocupantes: no ano passado, foram 3.334 km², contra 395 km² do ano anterior. Foi um salto de 745%, aponta o SAD/Imazon.

Apenas neste comparativo o Pará não foi o campeão, tendo degradados 740 km² no período agosto-dezembro 2019. Ainda assim, o salto da degradação foi de 1.038% em relação aos 65 km² de 2018. O estado com mais degradação foi o Mato Grosso, com 1.802 km², numa variação de 509%, em relação aos 296 km² de 2018.

Texto 2, do jornal “O Liberal”, do estado do Pará: “Mais uma vez, Pará lidera o ranking de desmatamento na Amazônia”

Mais uma vez, Pará lidera o ranking de desmatamento na Amazônia

Altamira é o município que mais agride a região. São Félix do Xingu e Novo Progresso também

Cleide Magalhães
16.06.20 9h27



Mais uma vez, o Pará lidera o ranking dos estados responsáveis pela maior parte dos clarões na floresta Amazônica em maio. 40% do desmatamento foi registrado em território paraense. A lista segue com Amazonas (25%), Mato Grosso (19%), Rondônia (10%), Acre (4%) e Roraima (2%). Entre os municípios que mais desmataram a Amazônia, Altamira, no sudeste do Pará, dispara no topo da lista com 97 km². Altamira é o município com maior extensão no Pará, com 159 695,938 km². Outros municípios como São Félix do Xingu (PA), Lábrea (AM), Apuí (AM), Novo Progresso (PA) e Porto Velho (RO) também aparecem no ranking.

Ainda de acordo com os dados do Sistema de Alerta de Desmatamento do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), divulgado nesta terça-feira (16), no período acumulado do calendário do desmatamento, que vai de agosto do ano passado a maio deste ano, a destruição da floresta segue em alta. O desmatamento acumulado nos últimos dez meses é de 4.567 km² - aumento de 54% em relação ao período anterior.

O boletim aponta que em maio deste ano, a Amazônia perdeu 649 km² de floresta – redução de 19% em relação a maio de 2019. Mesmo assim, essa foi a segunda maior taxa de desmatamento registrada no mês nos últimos dez anos. Em 2019, os satélites registraram um dos índices mais altos de desmatamento em maio de toda a série histórica do monitoramento do Imazon. Portanto, apesar da redução, a derrubada da floresta ainda é preocupante.

Texto 3, do jornal “Diário do Estado”, do estado de Mato Grosso: Atrás do Pará: Área com alerta de desmatamento sobe 75%

ATRÁS DO PARÁ: Área com alerta de desmatamento sobe 75%
Estado só fica atrás do Pará

18 de Janeiro de 2020 as 07h 30min



FOTO: Secom-MT. DA REPORTAGEM

A área com alertas de desmatamento na Amazônia Legal de Mato Grosso aumentou 75,64% ano passado, em comparação com 2018. Os dados foram registrados pelo sistema Deter-B, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Mato Grosso é o segundo no ranking dos estados da Amazônia Legal que mais tiveram registros de alertas de desmatamento em 2019, perdendo apenas para o Pará, que sofreu com elevação de 120,58%. Ainda conforme dados do INPE, em 2018 a área com alerta era de 1.092,89 km² em Mato Grosso. Já no ano seguinte chegou a 1.919,55 km².

Os alertas diários são emitidos pelo Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter) e servem para embasar ações de fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Em dezembro do ano passado, o ministro Alexandre de Moraes, membro do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou o imediato repasse de R\$ 430 milhões aos estados componentes da Amazônia Legal para prevenção do desmatamento na região. A decisão ocorreu em consequência de ajuste que destina verba recuperada da Petrobras em razão de acordo celebrado com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos a partir da Operação Lava-Jato.

Professor/mediador: Após a leitura das notícias selecionadas, é relevante que se possa promover uma reflexão acerca dos discursos veiculados nos textos. Essa análise o professor/mediador poderá promover com a turma após as notícias serem lidas. É importante fomentar essa leitura em que se objetiva a construção de sentidos, buscando compreender os discursos que são veiculados no texto.

Análise discursiva das notícias sugeridas para a leitura

Em todos os textos, observamos que o estado do Pará é citado como o principal responsável pela devastação ambiental que ocorre na Amazônia. Alguns termos linguísticos destacam essa informação, como: “Depois do Pará, os estados que mais tiveram derrubadas...”; “O estado campeão em degradação, novamente, foi o Pará. ”; “Mais uma vez, o Pará lidera ranking de desmatamento...” e “Atrás do Pará: área com alerta de desmatamento sobe 75%.”.

Ainda que os enunciados ressaltem os dados estatísticos, essas sequências discursivas que funcionam como manchetes das notícias, não deixam de reforçar uma “imagem” negativa sobre o estado paraense, do modo como tais enunciados são expressos. Nos textos há uma ênfase à ideia de que o Pará é sempre o maior responsável pelo desmatamento que ocorre na Amazônia. No entanto, mesmo que as notícias em questão retratem essa “realidade”, faz-se importante mediarmos o diálogo, o posicionamento dos sujeitos alunos para além desses dados. Importante chamar atenção para a observação das circunstâncias envolvidas nesses fatos noticiados.

Sabemos que o gênero notícia tem por objetivo principal informar sobre acontecimentos. Entretanto, pelos conceitos da AD, compreendemos o fato dos “acontecimentos” serem construídos a partir do viés ideológico que se pretende destacar. Assim, devemos observar que, em se tratando de uma leitura por base discursiva, todos as classes gramaticais trazidas no texto podem nos fornecer pistas para a compreensão das informações/opiniões que se pretendem difundir em uma enunciação.

Desse modo, é perceptível nos textos sugeridos para estudo, o fato de que as notícias buscam tratar do desmatamento que ocorre no território amazônico. Porém evidencia-se uma focalização no protagonismo do estado do Pará enquanto principal devastador. Tendo em conta esse posicionamento, verifica-se que até o jornal “diário do estado” do Mato Grosso, dá esse destaque quando no título da notícia em estudo, traz o seguinte enunciado: “atrás do Pará: área de alerta de desmatamento sobe 75%.”. Verifica-se a chamada de responsabilidade por parte dos enunciadores a respeito do estado do Mato Grosso, porém não se deixa de chamar atenção que a liderança no desmatamento não está com o estado em que o referido veículo se identifica, no caso, Mato Grosso. Ainda que seja um estado bastante identificado pela imprensa nacional com o desmatamento.

Vimos aqui um destaque para três notícias que veiculam o tema do desmatamento. Em seguida, centraremos nossa proposta na mediação de leitura das manchetes/títulos enquanto indicativas importantes da posição enunciativa dos veículos de imprensa, representativos de uma ordem discursiva.

Atividade 2- Analisar as manchetes/títulos das notícias lidas.

Objetivos: Destacar a importância das manchetes/títulos³ para a construção de sentidos no gênero notícia;

Sugestão de perguntas que podem ser direcionadas aos sujeitos alunos:

- 1- A partir das manchetes/títulos das notícias lidas, busque relacionar aspectos que se assemelham no título/manchete ao corpo da notícia?
- 2- Reformule as manchetes/ títulos das notícias lidas, de modo a alterar o foco central dado ao estado do Pará sobre o desmatamento que ocorre na Amazônia, tentando abordar o estado de modo mais isento relativo a responsabilização principal pelo desmatamento.
- 3- Pesquise nos jornais de maior circulação na nossa região, manchetes/títulos de outras notícias sobre desmatamento que sejam semelhantes aos divulgados nos textos lidos.

Professor/mediador: após efetivadas essas atividades, é relevante reforçar o quanto a manchete/título é importante para a construção de sentidos do gênero em estudo.

Atividade 3- Analisar as imagens (fotos) que compõem os textos, relacionando-as à linguagem verbal.

Objetivo: Entender a relação discursiva que ocorre entre as linguagens verbal e não verbal (imagens) para a composição dos discursos no gênero notícia.

Sugestão de perguntas que podem ser direcionadas aos sujeitos alunos:

- 1- Observe as imagens que compõem as três notícias em estudo, o que mais lhe chamou atenção nesses textos visuais?
- 2- Você percebe algo em comum entre elas?
- 3- Qual a importância das imagens para a construção de sentidos nesses textos, relacionando-as as manchetes/ títulos?

Imagem do texto 1, do jornal “O Liberal”, do estado do Pará: “Mais uma vez, Pará lidera o ranking de desmatamento na Amazônia”.

³ É recomendado o esclarecimento por parte do professor /mediador acerca do que representa o papel da manchete nas notícias.

Fotografia 1- Desmatamento na Amazônia



Fonte: <https://www.oliberal.com/para/para-lidra-desmatamento-na-amazonia-em-dezembro>

Imagem do texto 2, do jornal “O Liberal”, do estado do Pará: “Mais uma vez, Pará lidera ranking de desmatamento na Amazônia”.

Fotografia 2: Desmatamento na Amazônia



Fonte: <https://www.oliberal.com/para/mais-uma-vez-para-lidra-o-ranking-de-desmatamento-na-amazonia-1,277155#>

Imagem do texto 3, do jornal “Diário do Estado”, do estado de Mato Grosso: Atrás do Pará: Área com alerta de desmatamento sobe 75%.

Fotografia 3: Desmatamento na Amazônia



Fonte: <http://diariodoestadomt.com.br/noticias/atr-sdopar--reacomalertadedesmatamentosobe75/1284204>

Atividade 4- Analisar as letras de canções de músicas paraenses.⁴

Objetivo: Propor um debate em torno da identidade paraense que é construída nas letras das canções.

- 1- Leia as letras das canções paraenses “ Sabor açaí” e “ Olho de boto” de Nilson Chaves e “ Esse rio é minha rua” de Paulo André Barata. Após a leitura, responda as questões:

Sabor Açaí (Nilson Chaves)

Fotografia 4: Um pé de



⁴ Nessa atividade da proposta, nosso objetivo é contribuir para uma discussão sobre outras possibilidades de leitura sobre a região amazônica paraense, seus saberes, sujeitos e identidades a partir das letras de três canções.

Fonte: <https://suportegografico77.blogspot.com/2018/04/um-pe-de-que-acai.html>

E pra quê tu foi plantado
E pra quê tu foi plantada
Pra invadir a nossa mesa
E abastar a nossa casa...
Teu destino foi traçado
Pelas mãos da mãe do mato
Mãos prendadas de uma deusa
Mãos de toque abençoado...
És a planta que alimenta
A paixão do nosso povo
Macho fêmea das touceiras
Onde Oxóssi faz seu posto...
A mais magra das palmeiras
Mas mulher do sangue grosso
E homem do sangue vasto
Tu te entrega até o caroço...
E tua fruta vai rolando
Para os nossos alguidares
E se entrega ao sacrifício
Fruta santa, fruta mártir
Tens o dom de seres muito
Onde muitos não têm nada
Uns te chamam açazeiro
Outros te chamam juçara...
Põe tapioca, põe farinha d'água
Põe açúcar, não põe nada
Ou me bebe como um suco
Que eu sou muito mais que um fruto
Sou sabor marajoara
Sou sabor...

Olho de Boto (Nilson Chaves)

Fotografia 5: Boto-cor-de-rosa



Fonte: <https://www.naturezaeconservacao.eco.br/2015/02/que-bicho-e-voce-conhece-o-boto-cor-de.html>

E tu ficastes serena
Nas entrelinhas dos sonhos
Nos escaninhos do riso
Olhando pra nós escondida
Com os teus olhos de rio

Viestes feito um gaiola
Engravidado de redes
Aportando nos trapiches
Do dia a dia e memória
Com os teus sonhos de rio

E ficastes defendida
Com todas as suas letras
Entre cartas e surpresas
Recírio, chuva e tristeza

Vês o peso da tua falta
Nas velas e barcos parados
Encalhados na saudade

De Val-de-cans ao Guamá

Porto de sal das lembranças
Das velhas palhas trançadas
Na rede de um outro riso
Às margens de outra cidade
Ah, os teus sonhos de rio!

Olho de boto
No fundo dos olhos
De toda a paisagem

Este rio é minha rua (Paulo André Barata)

Fotografia 6: meninos no rio



Fonte: <https://fotonatural.photoshelter.com/gallery-image/maues/G0000wLcJVIBpVEw/10000CIHNoSaRa9U/30>

Esse rio é minha rua
Minha e tua, mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré

Esse rio é minha rua
É minha e tua, mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Rio abaixo, rio acima
Minha sina cana é
Só de pensar na mardita
Me alembrei de Abaeté
A rio abaixo, a rio acima
A minha sina cana é
Só de pensar na mardita
Me alembrei de Abaeté
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Me arresponde boto preto
Quem te deu esse pichê
Foi limo de maresia
Ou inhaca de mulher

a) As letras de canções também retratam o modo de vida, os costumes de um povo. No refrão da música “Sabor Açaí”, de Nilson Chaves, temos o seguinte enunciado: “Põe tapioca põe farinha d’água/ põe açúcar não põe nada / ou me bebe como um suco / que eu sou muito mais que um fruto /sou sabor marajoara”.

Podemos inferir (deduzir por inferência, dedução) a partir do enunciado da canção destacado acima que não há somente uma maneira para consumir o açaí, não há um jeito “certo” de apreciá-lo, de bebê-lo ou de comê-lo; embora muitos dizeres sobre esse alimento destaquem “que para ser paraense mesmo precisa gostar de açaí ou mesmo consumi-lo de uma determinada maneira”. Escreva sua posição sobre isso.

b) Na letra da canção de Nilson Chaves, o termo açaí é usado de maneira figurada, ou seja, adquire características que vão além de um simples fruto amazônico, ele é personificado. Pensando desse modo, o que você entende a partir do trecho: “...que eu sou muito mais que um fruto /sou sabor marajoara?”

c) Na letra da música “Olho de Boto”, de Nilson Chaves, há elementos linguísticos que parecem criar uma imagem de um certo saudosismo por parte do eu lírico⁵/do sujeito que fala na canção. Talvez ele sinta saudade de uma outra Belém, como diz o enunciado: “ às margens de outra cidade...”. Reflita sobre a letra da canção e pense do que esse eu poderia ter saudade.

d) Observe o vocabulário destacado da letra da canção *Olho de Boto*: “ **gaiola, rio, rede, recirio, barcos, margem**”. Alguma dessas palavras lhe remetem a certa memória sua? Se sim, conte sua lembrança.

e) As palavras abaixo foram destacadas da letra da canção “Esse rio é minha rua” de Paulo André Barata. Leia-as. Em seguida, pesquise a origem e o significado delas:

Mururé:

Maré:

Igarapé:

Puraqué:

Abaeté:

Piché:

Inhaca:

f) Você já conhecia alguma dessas palavras? Na sua opinião, qual (is) dela (s) mais representariam uma característica vocabular paraense? Justifique.

g) O título da canção de Paulo André Barata é figurativo e traz o enunciado: “ Esse rio é minha rua”. Reflita sobre a letra da canção e pense os possíveis sentidos que podem estar atrelados a essa expressão.

⁵ É importante salientar o sentido da expressão “ eu lírico”.

h) Releia as letras das canções em estudo e reflita sobre o que há em comum entre as três, em se tratando de retratar a cultura paraense. Quais aspectos vocês relacionariam?

Professor/mediador: sugerimos que os alunos possam ouvir e cantar as músicas. Nessa parte das atividades interventivas, selecionamos tais músicas de modo a promover um debate em torno da identidade paraense construída nas letras das canções.

Atividade 5- Assistir à série de vídeos do canal GNT, intitulados “Tour por Belém”, disponíveis nos endereços eletrônicos: <https://youtu.be/B-bttHKCAvcE>; <https://youtu.be/WzUxbq5Wghm> e <https://youtu.be/awbdx7IPrcY>.

Série de vídeos com reportagens sobre a capital paraense. Belém é evidenciada a partir de seus principais atrativos turísticos: belezas naturais, culturais e culinárias.

Objetivo: Promover aos sujeitos alunos outras leituras por meio das reportagens nos vídeos sobre a capital paraense, em que se enfatiza a cultura e o potencial turístico de Belém.

Sugestões de algumas questões que podem fomentar o debate (oralidade):

- 1- Você conhece os lugares mostrados nas reportagens? Já visitou algum?
- 2- Quais partes da cidade de Belém estão sendo mostradas nessa série de vídeos?
- 3- Do que foi divulgado sobre a cultura paraense e o turismo, o que, na sua opinião, seria mais representativo do estado do Pará?
- 4- Comparando-se essa série de reportagens com a notícia lida sobre turismo, no início de nossas atividades de leitura (diagnose), o que elas abordam de semelhante? O que as diferenciam?
- 5- Você gostou dessas reportagens? Justifique.

Professor/mediador: Após os alunos assistirem aos vídeos com as reportagens, sugerimos que inicie um diálogo a partir do que é evidenciado na série sobre as belezas naturais e a cultura paraense e como isso é importante para que possamos desconstruir esse “estereótipo” de que o estado paraense não tem potencial turístico.

Atividade 6- Produção textual dissertativa escrita

Objetivo: Propiciar a reflexão sobre a identidade paraense que é veiculada nas notícias lidas e aquelas que eles, enquanto paraenses, se identificariam;

Permitir que os sujeitos alunos enquanto cidadãos possam se posicionar e “ter lugar de fala”, a partir das suas realidades sobre o que é ser paraense, ou seja, sobre suas identidades.

- 1- A partir dos seus conhecimentos e das atividades desenvolvidas anteriormente, escreva um texto dissertativo, em que exponha a sua opinião sobre o tema: “ O que é ser paraense? O que mais lhe define enquanto morador do estado do Pará?

Professor/mediador: essa parte é importante porque encerra a sequência de atividades de leituras discursivas, e principalmente, Pelo fato de nessa etapa os sujeitos alunos poderem se posicionar sobre a construção de sentidos da identidade paraense, tema que permeia as discussões anteriores envolvendo desmatamento e turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em produzir um material de suporte didático em uma perspectiva de leitura discursiva, não idealizamos com ele propor um manual contendo um modelo fechado e único de se trabalhar a leitura de maneira a explorar as construções de sentido. Entretanto, almejamos promover uma reflexão acerca dessas possibilidades pedagógicas que estimulem a leitura de modo mais aprofundado e discursivo, mas também pensando nesses sujeitos como seres participantes dessa ação de ler.

Essa concepção de leitura em uma perspectiva discursiva pode ser entendida como “atribuição de sentidos” Orlandi (2006, p. 7), a pesquisadora ressalta que nessa acepção a leitura é mais ampla, requer reflexão crítica acerca dos discursos que podem estar atrelados aos textos e que podem ser inferidos durante o processo de leitura. Assim, requer um movimento de construção de sentidos que envolve uma série de mecanismos linguísticos que vão além de habilidades de ler, a partir do que está posto de maneira evidente, Desse modo, saber ler, nesse sentido, “[...] é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significante.” (Orlandi, 2006, p. 11).

Nesse sentido, é muito importante que valorizemos os alunos enquanto sujeitos participantes desse momento de leitura e construção de saberes, pois esses sujeitos sócio-históricos que se constituem numa série de formações discursivas, sobretudo por dispositivos sociais de poder bastante eficazes.

A leitura para o aluno tem que ser um momento de troca, de compreensão e interpretação das posições dos sujeitos que se marcam por meio dos textos e gêneros textuais e com estratégias bem delimitadas nas mídias. Pela leitura os sujeitos alunos devem ter a possibilidade de se posicionarem sobre aquilo que leem. Ainda mais se entendemos esse processo como contínuo na produção de significações. Ler dessa maneira é considerar uma perspectiva dialógica, interativa, argumentativa de leitura, em que se valoriza e se reconhece as “vozes” desses sujeitos, a pluralidade e o reconhecimento do valor das diferenças. Também as particularidades que cada sujeito manifesta, as diferentes formas de aprender e

conceber o mundo em que vivem. Tudo isso oportunizando-os ter lugar de fala nesse processo de aprendizagem, pois assim, poderão contribuir de modo significativo para uma sociedade mais digna e que não busca apassivar e doutrinar os sujeitos alunos nos seus modos de ser, pensar e agir.

Considerando isso, asseveramos que um trabalho de letramento nessa perspectiva contribui para as relações discursivas de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, sejam esses, professores ou alunos. A estes, reconhecemos a importância de oportunizar para além de lugares estabelecidos, sujeitos em espaços de leitura em inquietante movimento. Isso para além de acesso ao conhecimento formal, sim possibilitando aos sujeitos articular saberes, ou seja, os mais específicos trazidos pela escola com os que já trazem de suas identidades em construção. Em suma, a busca por uma formação cidadã mais crítica e participativa. Isso almejamos possibilitar aos professores mediadores, nesse exercício de proposta pedagógica de mediação de leitura discursiva.

REFERÊNCIAS

CARMAGNANI, A. M. G. Por uma abordagem alternativa para o ensino de leitura: a utilização do jornal na sala de aula. In: CORACINI, M. J. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

CUNHA, M. A. D. **Tão longe, tão perto**: a identidade paraense construída no discurso da mídia do sudeste brasileiro. SP: Araraquara, 2011.

CORACINI, M. J. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: CORACINI, M. J. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

DIÁRIO DO ESTADO: **Atrás do Pará**: Área com alerta de desmatamento sobe 75%. Jan. 2020. Disponível em: > <http://diariodoestadomt.com.br/noticias/atr-sdopar--reacomalertadedesmatamentosobe75/12842040><, Acesso em: 20 de março de 2020.

FURTADO, Victor. **O Liberal**: Pará lidera desmatamento na Amazônia em dezembro. Jan. 2020. Disponível em: > <https://www.oliberal.com/para/para-lidera-desmatamento-na-amazonia-em-dezembro><. Acesso em: 20 de março de 2020.

MAGALHAES, Cleide. **O Liberal**: Mais uma vez, Pará lidera ranking de desmatamento na Amazônia. Jun. 2020. Disponível em: > <https://www.oliberal.com/para/mais-uma-vez-para-lidera-o-ranking-de-desmatamento-na-amazonia-1.277155#><. Acesso em: 20 de julho de 2020.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. Contexto: São Paulo, 2012.

FILHO, F. A. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

HINDI, Mohamad. **Tour por Belém**: No Ver-o-Peso, Mohamad mostra peixe gigante e comidas que você nunca viu/ Mohamad no Nhac. Out. 2018. Disponível: <<https://youtu.be/B-bttHKCAvcECAvcF>> Acesso em: 20 de março de 2020.

_____. **Tour por Belém**: Tradição Paraense: O verdadeiro açaí, maniçoba e coxinha de caranguejo. Out. 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/WzUxbq5Wqhm>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

_____. **Tour por Belém**: Descobrindo as comidas do Pará. Out. 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/awbdx7IPrcY>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 1999.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

_____. E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 2006.

ROJO, Roxane Helena; MOURA Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola editorial, 2019.

ANEXO A- Turismo em Belém vai ficando para trás



Parte do piso do Portal da Amazônia está desabando (Foto: Wagner Santana)

Turismo em Belém vai ficando para trás

Enquanto capitais como o Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador despontaram na economia brasileira durante o Carnaval por causa de seus atrativos, Belém, mais uma vez, ficou na lanterna. A capital paraense parece mesmo só ter seu potencial turístico lembrado pela Prefeitura de Belém e Governo do Estado durante o Círio de Nazaré, para o lamento de quem trabalha com o setor e até mesmo dos próprios turistas. A fotógrafa gaúcha Mariana Zarth passeava pelo Ver-o-Peso no dia 15 passado. Ela contou ter vindo a Belém para passar três dias depois de passar por Manaus (AM) na tentativa de fugir da folia de momo. “Fui também à Ilha do Combu, que adorei, à Estação das Docas e ao Mangal das Garças. Muito bonito, mas a falta de segurança e o transporte público ruim daqui dificultam”, diz. “Andar a pé pela cidade com bolsa, celular também é arriscado. Em Manaus, eu fiz isso com muito mais tranquilidade”. Um dos maiores cartões-postais de Belém, o Ver-o-Peso não está vivendo seus melhores dias. Durante a reportagem, foi possível atestar a situação de abandono do complexo, com crateras no chão e falhas na cobertura, além da sujeira. O mesmo vale para o Portal da Amazônia, inaugurado há pouco mais de cinco anos, na orla de Belém, cujo nível de deterioração inclui o desabamento de parte do piso de pedra.

INSEGURANÇA

Paulista casada com paraense e morando em Belo Horizonte (MG) há dez anos, a advogada Gabriela Veras, 39, visita a família do marido uma vez por ano. No passeio pelos pontos turísticos deste ano, passou por uma experiência nova: saindo do Ver-o-Peso para a Estação das Docas, foi abordada por um policial militar que lhe aconselhou a retirar do pescoço o cordão dourado que usava. Para não atrair ladrão.

“Ainda bem que não aconteceu nada, eu provavelmente teria sido roubada se tivesse andando com o cordão em determinados pontos turísticos de BH”, diz, fazendo uma comparação com a violência que também é um problema onde mora. “O que mais me incomodou dessa vez foi à sujeira. Eu e meu filho, de cinco anos, enfiamos o pé em uma poça de lama lá no Ver-o-Peso e eu tinha lenço umedecido na bolsa para limpar. Mas quem disse que achamos um lixeiro para jogar?”, lamentou a turista, que, apesar das mazelas, se declara apaixonada por Belém por causa da culinária e do acolhimento dos moradores.



Ver-o-Peso é um ponto turístico muito visitado, mas recebe pouca atenção do poder público.

(Foto: Irene Almeida).

Publicado em domingo, 25/02/2018, 07:15:51 - Atualizado em 25/02/2018, 07:26:28
(Carol Menezes/Diário do Pará)

ANEXO B- Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia

Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia



(Oswaldo Forte)

Pará responde por 19% do desmatamento da Amazônia

Dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

Dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) referentes ao mês de abril apontam que o Pará foi responsável por 19% do desmatamento entre os estados da Amazônia Legal. A participação paraense só é superada pelos estados do Mato Grosso (50%) e Amazonas (23%). Já Roraima e Rondônia responderam por 5% e 3% do desmatamento, respectivamente. [...]

O Pará desponta ainda como o líder da degradação da floresta no acumulado de agosto de 2017 a abril de 2018, com 5.309 km² - 46,39% dos 11.442 km² de floresta degradada em todos os estados da Amazônia Legal no mesmo período. Na comparação com os mesmos meses de 2016/2017, o Pará surge com um alarmante aumento de 1.859% - foram 271 km² de degradação no ano passado.

Em toda a Amazônia Legal, foi verificada uma elevação de 9% no corte raso de árvores para converter áreas de floresta em pastagens, com aumento de 1.388 km² para 1.513 km². Nesse mesmo período, o Pará também respondeu pela maioria (45,23%) dos alertas abaixo de 10 hectares. Do total de 294 alertas entre agosto de 2017 e abril de 2018, 133 se concentraram no território paraense; 46 em Rondônia; 37 em Roraima; 32 no Mato Grosso; 23 no Acre; 20 no Amazonas; dois no Tocantins; e um no Amapá.

Por: O Liberal 25 de Maio de 2018 às 07:25 . Atualizado em 25 de Maio de 2018 às 10:13 [ORM](#) / [Notícias](#) / [Pará](#)

ANEXO C- Pará lidera desmatamento na Amazônia em dezembro

Pará lidera desmatamento na Amazônia em dezembro

Registros de desmatamento nos últimos meses de 2019 tiveram aumento em relação ao mesmo período de 2018

Victor Furtado

28.01.20 9h52



Desmatamento e degradação tiveram aumentos preocupantes, nos comparativos agosto-dezembro de 2019 e 2018 (Araquem Alcântara / Imazon)

De agosto a dezembro de 2019, 2.852 km² de florestas foram derrubados na Amazônia Brasileira. Isso representa 67% a mais do que o que foi registrado, pelo Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) em 2018, que teve 1.706 km². Os dados são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A maior parte das matas perdidas no último mês do ano passado foi no Pará: 47% de 227 km².

Ainda que em dezembro de 2019 os índices de desmatamento tenham sido reduzidos em 8%, o Imazon segue apontando uma preocupação com o aumento em todo o período monitorado. Depois do Pará, os estados que mais tiveram derrubadas de floresta foram

Mato Grosso (22%), Rondônia (13%), Amazonas (9%), Roraima (5%), Acre (2%), Amapá (1%) e Tocantins (1%).

Em todo o ano de 2019, o desmatamento total da Amazônia foi de 6.200 km². É um aumento de 16% em relação a 2018, que fechou com 5.334 km² de floresta derrubada. O mês de julho foi o que mais registrou perdas de áreas de floresta em 2019: 1.287 km² de matas perdidas.

O SAD registrou também 373 km² de área degradada, em dezembro de 2019. O estado campeão em degradação, novamente, foi o Pará: 48% da área de floresta degradada. Em seguida estão Mato Grosso (42%), Rondônia (5%), Tocantins (3%) e Amazonas (2%).

O Imazon classifica desmatamento como o corte raso, que é a remoção completa da vegetação florestal. Geralmente, é a formação de áreas de pasto. Já a degradação é caracterizada pela extração das árvores, que costumam abastecer o mercado da madeira. Outros exemplos de degradação são os incêndios florestais — controlados ou não, em áreas privadas — mas que acabam atingindo a floresta e se alastrando.

No comparativo agosto-dezembro entre 2019 e 2018, os dados são ainda mais preocupantes: no ano passado, foram 3.334 km², contra 395 km² do ano anterior. Foi um salto de 745%, aponta o SAD/Imazon.

Apenas neste comparativo o Pará não foi o campeão, tendo degradados 740 km² no período agosto-dezembro 2019. Ainda assim, o salto da degradação foi de 1.038% em relação aos 65 km² de 2018. O estado com mais degradação foi o Mato Grosso, com 1.802 km², numa variação de 509%, em relação aos 296 km² de 2018.

ANEXO D- Mais uma vez, Pará lidera o ranking de desmatamento na Amazônia

Mais uma vez, Pará lidera o ranking de desmatamento na Amazônia

Altamira é o município que mais agride a região. São Félix do Xingu e Novo Progresso também

Cleide Magalhães
16.06.20 9h27



Mais uma vez, o Pará lidera o ranking dos estados responsáveis pela maior parte dos clarões na floresta Amazônica em maio. 40% do desmatamento foi registrado em território paraense. A lista segue com Amazonas (25%), Mato Grosso (19%), Rondônia (10%), Acre (4%) e Roraima (2%). Entre os municípios que mais desmataram a Amazônia, Altamira, no sudeste do Pará, dispara no topo da lista com 97 km². Altamira é o município com maior extensão no Pará, com 159 695,938 km². Outros municípios como São Félix do Xingu (PA), Lábrea (AM), Apuí (AM), Novo Progresso (PA) e Porto Velho (RO) também aparecem no ranking.

Ainda de acordo com os dados do Sistema de Alerta de Desmatamento do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), divulgado nesta terça-feira (16), no período acumulado do calendário do desmatamento, que vai de agosto do ano passado a maio deste ano, a destruição da floresta segue em alta. O desmatamento acumulado nos últimos dez meses é de 4.567 km² - aumento de 54% em relação ao período anterior.

O boletim aponta que em maio deste ano, a Amazônia perdeu 649 km² de floresta – redução de 19% em relação a maio de 2019. Mesmo assim, essa foi a segunda maior taxa de desmatamento registrada no mês nos últimos dez anos. Em 2019, os satélites registraram um dos índices mais altos de desmatamento em maio de toda a série histórica do monitoramento do Imazon. Portanto, apesar da redução, a derrubada da floresta ainda é preocupante.

**ANEXO E- Atrás do Pará: Área com alerta de desmatamento sobe 75%
Estado só fica atrás do Pará**

**ATRÁS DO PARÁ: Área com alerta de desmatamento sobe 75%
Estado só fica atrás do Pará**

18 de Janeiro de 2020 as 07h 30min



FOTO: Secom-MT. DA REPORTAGEM

A área com alertas de desmatamento na Amazônia Legal de Mato Grosso aumentou 75,64% ano passado, em comparação com 2018. Os dados foram registrados pelo sistema Deter-B, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Mato Grosso é o segundo no ranking dos estados da Amazônia Legal que mais tiveram registros de alertas de desmatamento em 2019, perdendo apenas para o Pará, que sofreu com elevação de 120,58%. Ainda conforme dados do INPE, em 2018 a área com alerta era de 1.092,89 km² em Mato Grosso. Já no ano seguinte chegou a 1.919,55 km².

Os alertas diários são emitidos pelo Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter) e servem para embasar ações de fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Em dezembro do ano passado, o ministro Alexandre de Moraes, membro do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou o imediato repasse de R\$ 430 milhões aos estados componentes da Amazônia Legal para prevenção do desmatamento na região. A decisão ocorreu em consequência de ajuste que destina verba recuperada da Petrobras em razão de acordo celebrado com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos a partir da Operação Lava-Jato.

ANEXO F- Fotografia: Um pé de açaí**ANEXO G- Sabor Açaí (Nilson Chaves)**

E pra quê tu foi plantado
E pra quê tu foi plantada
Pra invadir a nossa mesa
E abastar a nossa casa...
Teu destino foi traçado
Pelas mãos da mãe do mato
Mãos prendadas de uma deusa
Mãos de toque abençoado...
És a planta que alimenta
A paixão do nosso povo
Macho fêmea das touceiras
Onde Oxóssi faz seu posto...
A mais magra das palmeiras
Mas mulher do sangue grosso
E homem do sangue vasto
Tu te entrega até o caroço...
E tua fruta vai rolando
Para os nossos alguidares

E se entrega ao sacrifício
 Fruta santa, fruta mártir
 Tens o dom de seres muito
 Onde muitos não têm nada
 Uns te chamam açazeiro
 Outros te chamam juçara...
 Põe tapioca, põe farinha d'água
 Põe açúcar, não põe nada
 Ou me bebe como um suco
 Que eu sou muito mais que um fruto
 Sou sabor marajoara
 Sou sabor...

ANEXO H- Fotografia 5: Boto-cor-de-rosa



ANEXO I - Olho de Boto (Nilson Chaves)

E tu ficastes serena
 Nas entrelinhas dos sonhos
 Nos escaninhos do riso
 Olhando pra nós escondida
 Com os teus olhos de rio

 Viestes feito um gaiola

Engravidado de redes
Aportando nos trapiches
Do dia a dia e memória
Com os teus sonhos de rio

E ficastes defendida
Com todas as suas letras
Entre cartas e surpresas
Recírio, chuva e tristeza

Vês o peso da tua falta
Nas velas e barcos parados
Encalhados na saudade
De Val-de-Cans ao Guamá

Porto de sal das lembranças
Das velhas palhas trançadas
Na rede de um outro riso
Às margens de outra cidade
Ah, os teus sonhos de rio!

Olho de boto
No fundo dos olhos
De toda a paisagem

ANEXO J- Este rio é minha rua (Paulo André Barata)

Esse rio é minha rua
Minha e tua, mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré
Esse rio é minha rua
É minha e tua, mururé

Piso no peito da lua
Deito no chão da maré
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Rio abaixo, rio acima
Minha sina cana é
Só de pensar na mardita
Me alembrei de Abaeté
A rio abaixo, a rio acima
A minha sina cana é
Só de pensar na mardita
Me alembrei de Abaeté
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escanCHA em puraqué
Me arresponde boto preto
Quem te deu esse piché
Foi limo de maresia
Ou inhaca de mulher

ANEXO L- Fotografia: meninos no rio

